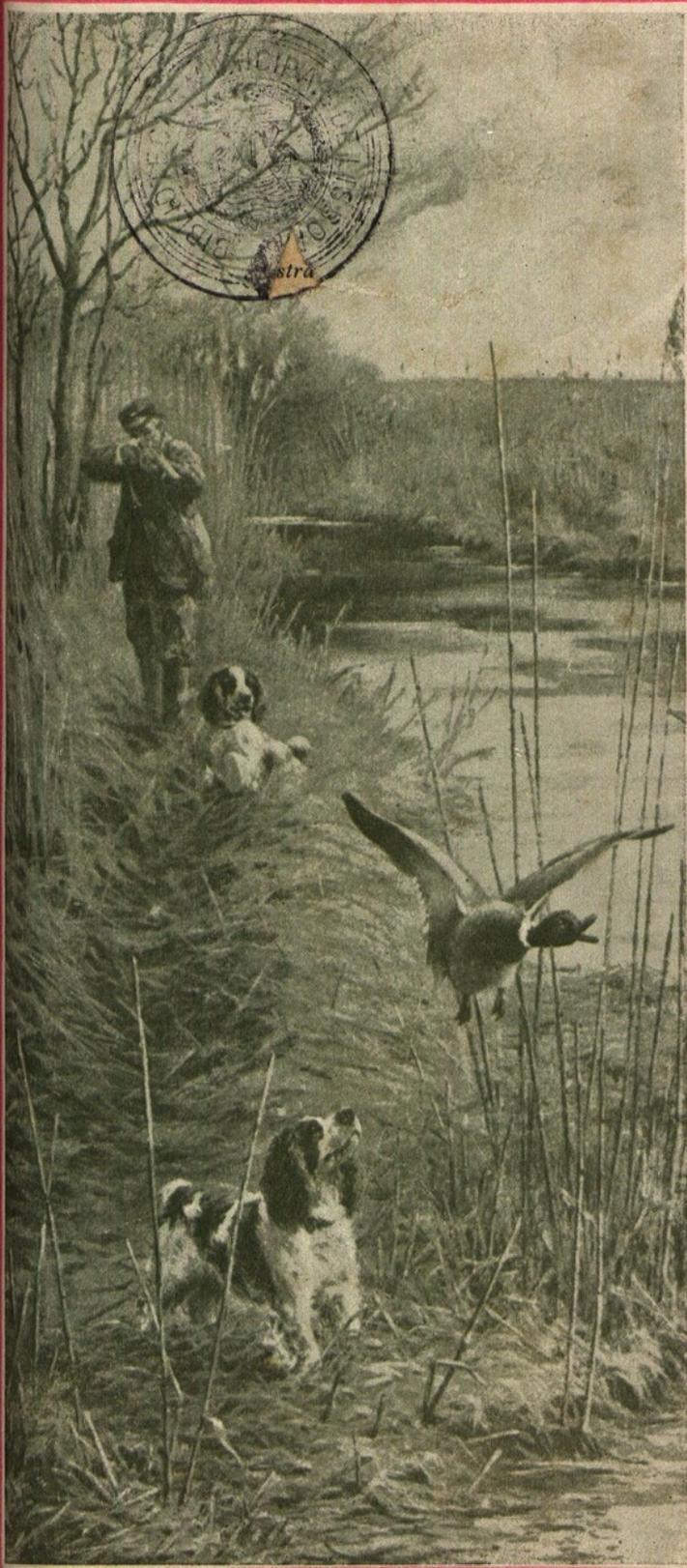


# SERÕES

COMPRADO  
ABH, 1940



N.º 29



Novembro



Livraria Ferreira

132, R. do Ouro, 138 - Lisboa



# Summario

## MAGAZINE

PAG.

### PEQUENAS MENDIGAS

Quadro de W. BOUGUEREAU ..... FRONTESPICIO

### MONT'ESTORIL

(9 *illustrações*) por HENRIQUE DE VASCONCELLOS..... 307

### AS MINAS DE ALJUSTREL

(8 *illustrações*) por JOÃO GOUVEIA ..... 312

### NAS TERRAS DOS AÇORES

(10 *illustrações*) por RAPOSO DE OLIVEIRA ..... 319

### CONFIDENCIA

(1 *illustração*)..... 327

### A SENHORA DA PENEDA

(17 *illustrações e 1 vinheta*) por JOÃO A. TORRES..... 328

### ACEPIPES DA CHINA

(11 *illustrações*) ..... 335

### A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL

(9 *illustrações e 1 vinheta*) por ALBRECHT HAUPT ..... 339

### CARAN D'ACHE

(14 *illustrações e 2 vinhetas*)..... 350

### AS SURPREZAS DA LOTERIA

(4 *illustrações e 1 vinheta*) por OWEN JOHNSON..... 355

### SANTA LUZIA

(6 *illustrações*) por L. LAVENÈRE..... 363

### SERÕES DOS BÉBÉS

(3 *illustrações*)..... 367

### ACTUALIDADES

(19 *illustrações e 1 vinheta*) ..... 373

### OS SERÕES DAS SENHORAS (28 *illustrações*)

CHRONICA GERAL DE MODAS . . . . . pag. 65	LAVORES FEMININOS..... pag. 73
OS NOSSOS FIGURINOS . . . . . » 68	CONSULTORIO DE LUIZA..... » 77
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... » 72	NOTAS DE DONA DE CASA..... » 79

### A MUSICA DOS SERÕES

#### AROMA E AVE

De BERNHARDT WAGNER, versós de JOÃO DE DEUS. . . . . 4 paginas

# Annuncios dos «Serões»

A empresa dos **Serões**, com uma importante tiragem e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, por uma unica inserção:

## Annuncios não illustrados

1 pagina . . . . .	10\$000 rs.
1/2 » . . . . .	5\$500 »
1/4 » . . . . .	3\$000 »
1/8 » . . . . .	1\$500 »
1/16 » . . . . .	\$800 »

### DESCONTOS

Anno 20 0/0, semestre 15 0/0, e trimestre 10 0/0.

## Annuncios illustrados

### UM ANNO

1 pagina . . . . .	150\$000 rs.
1/2 » . . . . .	100\$000 »
1/4 » . . . . .	70\$000 »
1/8 » . . . . .	50\$000 »
1/16 » . . . . .	35\$000 »

Semestre 60 0/0 } Ao preço do anno  
 Trimestre 40 0/0 }

## PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empresa estabelece ainda uma secção de **pequenos annuncios**, os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de 1/3 de largura de pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais, 80 réis.

# RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

**RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI**

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados .....	18\$000	„ .....	3\$000
Centro Commercial .....	15\$000		

Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000

## PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual .....	6\$000
„ com registro.....	3\$000
Numero avulso.....	\$600

*Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.*

*O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.*

**AO LEITOR.** As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

**Á Administração da Revista RENASCENÇA**

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

## IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

## Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

*Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.*

# LIVROS DE LEITURA

Para as escolas de instrução primaria, organizados por

**D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão**

Eis os preços d'estes livros, novamente approvados officialmente para o triennio de 1907-1909:

1. <sup>a</sup> classe .....	100 réis
2. <sup>a</sup> e 3. <sup>a</sup> classe.....	300 »
4. <sup>a</sup> classe.....	300 »

Não obstante os livros terem sido muito augmentados e melhorados, os seus organizadores, para corresponderem ao excellente acolhimento obtido no triennio anterior da parte do professorado, da imprensa e do publico em geral, **reduziram o preço** da 1.<sup>a</sup> classe de **120 réis a 100 réis**, e o da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> e o da 4.<sup>a</sup> de **400 a 300 réis**, a fim de tornar a compra mais facil para as familias pouco abastadas.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e provincias.  
Pedidos aos editores

**LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.<sup>da</sup>**  
**132, RUA AUREA, 138**



## AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

**— MOURA —**

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

**ESCRITORIO E DEPOSITO**

**123, RUA DA CONCEIÇÃO**

**Telephone 880**

**Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.<sup>a</sup>**

**LISBOA**

ANTHERO DE FIGUEIREDO

# Recordações e viagens

SUMMARIO: Gosto de recordar — Na City — Três cemiterios italianos — Uma casa minhota — Na Franconia — Nas aguas de Capri — O Bom-Jesus-do-Monte — Entre Southampton e Vigo — Uma aldeia espiritual (Assis) — Lisboa — O mosteiro do Canigou — O Minho pesaroso — O Valle do Tet no Rossilhão — Unhaes da Serra — Davos-Platz — Uma tarde em Biarritz — Nos Avants — Um amigo da sua terra — Paginas de um «Bloc-notes» — Post-Scriptum.

Um volume in-8.º br..... 600 réis

**FERREIRA & OLIVEIRA, L.<sup>da</sup>** — LIVREIROS-EDITORES

132 — Rua do Ouro — 138  
 ↳ LISBOA ↳

## GRANDE DEPOSITO

— † DE † —

Moveis de ferro e colchoaria

— † DE † —

**JOSÉ A. DE C. GODINHO**

**54, Praça dos Restauradores, 56**

↳ LISBOA ↳

**LIVROS A VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.<sup>da</sup>**

Henrique Lopes de Mendonça

**NÓ CEGO**

Peça representada em D. Maria

1 volume em 8.º..... 300

Conego Anaquim

**O genio portuguez**

**aos pés de Maria**

1 vol..... 600



# A Nacional

Companhia Portuguesa de Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA

## EPILEPSIA!!!

E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

## DRAGÉES GELINEAU

*Confeitos Gelineau* que teem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis

**J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France)** e em todas as Pharmacias.



ARTIGUILL  
FOR THE HAIR



900 RÉIS

DEVE ESTAR EM  
TODOS  
OS TOILETTES,  
EVITA A QUEDA.  
FACILITA O  
CRESCIMENTO  
E TIRA A CASPA.

PERFUME ESQUISITO

Vende-se nos boas es  
tabelecimentos da Por  
tugal.

DEPOSITO  
PERFUMARIA BALSEMÃO  
R. dos Retrozeiros, 141  
LISBOA

### Obras primas

#### D. Quichote de la Mancha

Edição illustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

#### Ultimos dias de Pompeia

Edição em 2 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

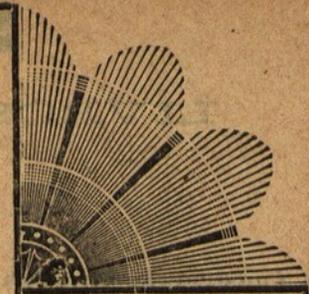
A' venda na livraria

**FERREIRA & OLIVEIRA, L.<sup>DA</sup>**

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

Chamamos a atenção dos nossos leitores para as condições de assignatura, que inserimos ao fim da pagina 8.

REVISTA  
TYP  
DO  
ANNUARIO  
COMMERCIAL



DE PORTUGAL

Propriedade de MANOEL JOSÉ DA SILVA

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Instalação apropriada

*Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.*

Reproducção de planos. Cartas Geographicas.  
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella  
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRIPTORIO E OFFICINAS ≡

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

Telephone 1:239



LISBOA

# SERÕES

## LIVROS, REVISTAS E JORNAES

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

**A Construção Moderna** — Revista illustrada — Temos presente o n.º 5, correspondente a 1 de Setembro de 1907 — Redacção e administração Rua Maria Andrade 10, 2.º, Lisboa.

**Estudos Sociais** — *Revista catholica mensal* — Agosto de 1907 — n.º 8 — Proprietario, editor e director: Padre Francisco Cotrim da Silva Garez — Redacção e administração: Rua Lourenço Azevedo, Coimbra — Summario: *Reforma eleitoral*, Gomes dos Santos — *O matrimonio christão*, João Antunes — *Carta a um amigo, sobre a reforma social christã* e o «reformismo catholico», Gaspar Decurtins — *Movimento social* G: S. — Documentos e factos sociais — I. *Sacræ romana et universalis inquisitionis Decretum* — II. *O descanco semanal* — *Chronica social do estrangeiro*, Padre Guimarães Dias — *Bibliographia*.

**o Instituto** — Revista scientifica e litteraria, fundada em 1852. — Esta Revista é orgão do *Instituto de Coimbra*. Publica-se cada mez um numero de 64 paginas ou mais. Doze numeros formam um volume, com o seu frontespicio, indices e capa especial. Preço de cada numero ordinario, 200 reis; Preço de cada volume, 2\$000 reis.

**Villa Intellectual** — *Revista illustrada* — N. 6, outubro 1907 — Madrid — O illustre cathedratico J. Nombela y Campos continua a dar provas de alta competencia na direcção d'esta excellente revista, repleta de artigos interessantissimos de critica, de historia, de archeologia, de sciencia, de pedagogica — Entre elles permitta-se-nos citar o que tem por titulo *Refranes geograficos*, por ter uma parte que particularmente nos interessa, a dos adagios hespanhoes referidos a Portugal e portuguezes.

**Triplíce Alliança** — por *Raul de Azevedo* — Lisboa 1907 — Um romance de adulterio entrelaçado com uma especie de monographia politica sobre os destinos do Brazil. N'esta ultima parte, o autor, brasileiro, revela o ardor do seu patriotismo e seduz o espirito com sonhos que a actual florescencia da grande republica poderá tornar realisaveis em breve — No entrecho romantico, offerece qualidades de estylo e de colorido muito apreciaveis.

**Portuenses Ilustres** — por *Bruno* — Tomo II — Porto 1907 — O incansavel e erudito critico José Pereira de Sampaio (Bruno), nosso eminente collaborador, enriquece o mercado litterario com mais este volume, repleto de noticias interessantes de historia, archeologia, arte, critica, em que ostenta mais uma vez a opulencia das suas facultades e

a firmeza do seu criterio — E' a proposito das personalidades de Manoel Pereira de Novaes, Dr. Kopke, Ed. Allen, Constancio, Sousa Monteiro, Ayres Victoria, Julio Diniz, Ignacio de Macedo, José da Silva Passos, Augusto Luso, Antonio Nobre, Soares de Passos, Xavier de Novaes, Casado Giraldez, que o illustre escritor collige apontamentos do maximo interesse e valia.

**A saude** — *Revista Mensal* — por meio de tractamentos naturais ensina a manter e restaurar a saude — Redacção e administração — Rua da Padaria 48-1.º — Lisboa.

**Luz do Oriente** — *Edição portugueza* — n.º 2 — Setembro de 1907 — Redacção e administração — Ponda — Góia.

**Revista de Manica e Sofala** — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª serie — n.º 44 — outubro de 1907 — Redacção e administração — Rua Castello 27-3.º (à Avenida) — Lisboa.

**A Vinha Portugueza** — *Revista Mensal de Vili-cultura de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas, e principalmente viticolas, do paiz publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito e Adolpho S. Fassio — Redacção e administração — Rua do Arco da Bandeira 22-1.º — Lisboa.

**Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza** — N.º 10 — outubro de 1907 — Fundada em 1860 — Séde da Associação — Rua Garrett 95 — Lisboa.

**Boletim da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa** — Os n.ºs 32 e 33 correspondentes a Agosto e Setembro.

**Arte** — *Archivo de obras d'arte* — reproduzidas pelos mais modernos processos — Rua de S. Lazaro 310 — Porto.

**La Lectura** — *Revista de ciencias y de Artes* — Sumario do n.º 82 — outubro — D'onde está el delito? — Pedro Dorado — La Iglesia y el Estado — Alvaro de Albornoz — Sociologia: Sociological Papers — Adolpho Posada — Crónica — Libros: Libros recientes — Preña e Libros recibidos.

**o Archeologo Português** — *Colleção illustrada de materiaes e noticias publicada pelo Museu Ethnologico Português* — Maio e Agosto de 1907 — n.ºs 5 a 8 — Summario: Geographia Protobistorica da Lusitania — Situação conjectural de Talabriga — Medalha de D. Carlos 1.º — Commemorativa da Aclamação, para galardoar serviços. Dois milia-rios ineditos — Numismatica Portuguêsa — O Real Preto — Inscricções Romanas de Castello Branco, etc., etc., illustrado com 28 estampas.

### CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

#### Pagamento adiantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro
Anno .....	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre.....	1\$200	Moeda fraca.....	12\$000
Trimestre.....	600	Frs.....	15,00

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes



Pequenas mendigas

QUADRO DE W. BOUGUEREAU



CASA BRANCA — VISTA DO NORTE

# Mont'Estoril

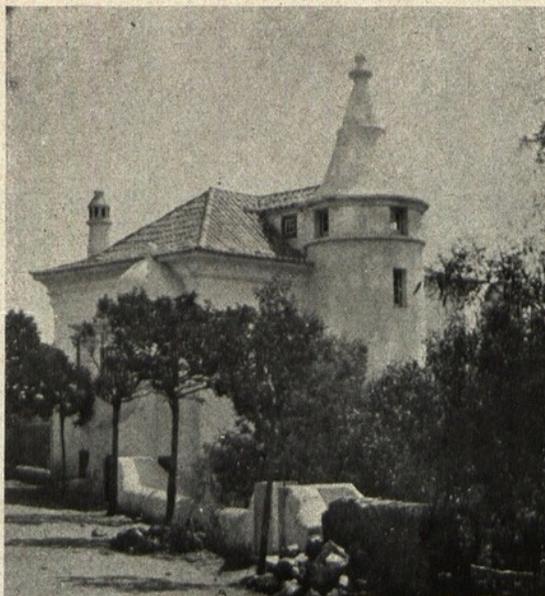
Quando o conde de Moser pensou no Mont'Estoril, por certo que sonhou um açafate de verdura, collocado na collina, que preguiçosamente sóbe da praia larga e doirada, se cava em pequenos valles, em novas collinas se erguendo, verde dos pinhaes e das arvores dos jardins.

O projecto seria d'uma cidade modelo, como o poderiam phantasiar poetas e artistás, uma laura de «villas», cheias de flores, cortadas por ensombrados arruamentos, quasi sempre estreitos, permitindo que, dos jardins visinhos, as arvores se

encontrassem, formando assim pequenos tunneis.

A avenida Saboya, mais larga, monumental, a via por excellencia, teria as suas arvores proprias, onde, á sombra, os preguiçosos dos hoteis encontrariam, nas horas torridas, sombra e repouso.

Assim se projectou e do começo se executou; ergueram-se as casas, afastadas da rua, entre jardins cuidadosamente tratados, com arvores de sombra e, contagiosa doença, o luxo pretençioso e inutil das palmeiras que, pela viração, agitam as metallicas palmas.



CASA BRANCA — VISTA DE OESTE



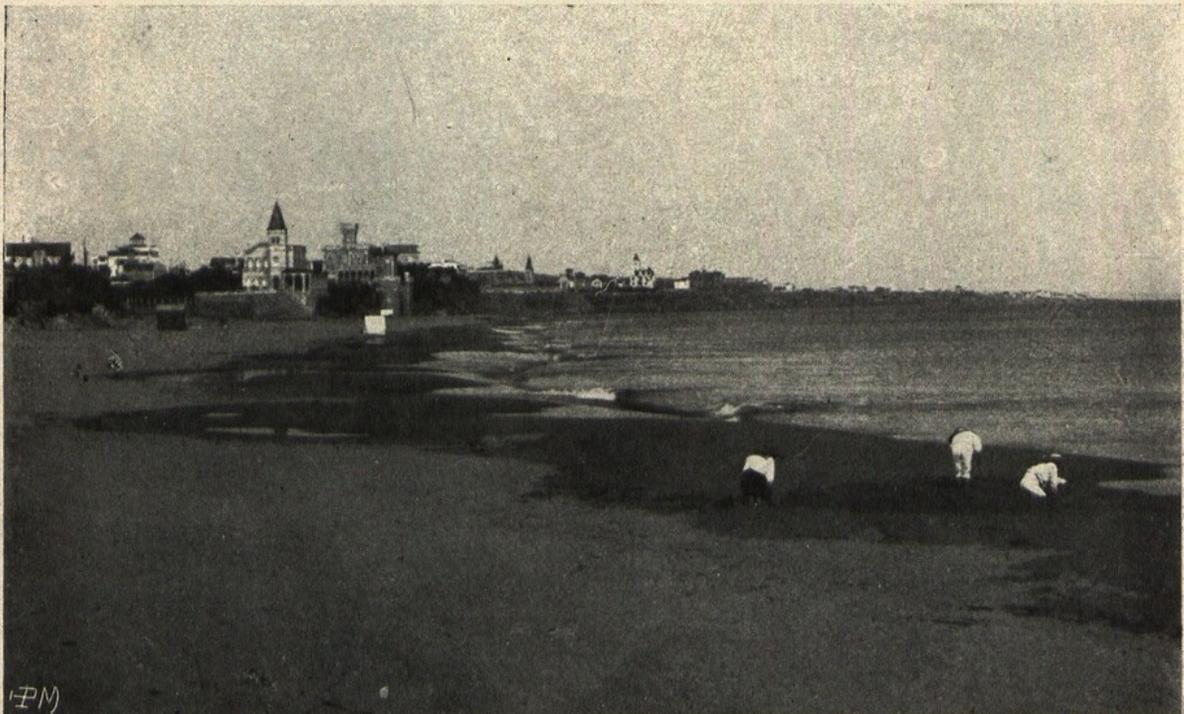
A ROCHA DE SANTA CATHARINA

Lá estão os largos arborizados, os miradouros sobre a praia, com sombra, em cujos bancos os que não possuem janellas sobre o mar, vão disfructar o maravilhoso horisonte da Enseada de lacca azul-e-oiro, a curva que de Parede a Cascaes é debruada de brocado d'oiro velho, que a espuma franja de rendas brancas.

Começou de edificar-se com exigencias impostas pela Companhia, restringindo-se a manifestação do mau gosto indigena e da sordida avareza burgueza, foi preciso uma faixa de jardim circumdando a edificação. As intenções eram boas, generosas as ideias, seguro a val de perfeição d'obra a cultura artistica do conde de Moser.

Infelizmente, a Companhia do Mont'Estoril, por motivos que não importa relembrar, começou a ter urgente necessidade de realizar dinheiro, sendo forçada a vender terrenos sem impôr condições, olhando apenas ao *quantum* offerecido pelo metro quadrado: o poderoso instincto de conservação fez-lhe, assim, abater as veleidades esteticas, a ambição louvavel de crear a mais linda e aprazivel das estancias da Europa.

Appareceram as casas de aluguer, de andares sobrepostos, construidos na linha dos arruamentos, sobre planos ignaros de mestres d'obras em maré de phantasia. Já a bizarma do Grand Hotel, sem frente para o mar,



MONT'ESTORIL — A PRAIA



CASA BRANCA — FACHADA PRINCIPAL

como tudo aconselhava, sem um jardim a mascarar-lhe a architectura commercial, foi um grande erro a que se acrescentou, a um lado, edificio em pasteleria, o Hotel de Italia, cujo recente accrescimento mais horrivel tornou a sua fachada.

A procura de terrenos na visinhança da estação — o portuguez acha tudo longé! — fez com que a ganancia d'alguns proprietarios se desfizesse de parte dos jardins, produzindo a pulverisação da propriedade, o amontoamento das casas, d'antes escondidas entre as verduras, de nada servindo o bizarro exemplo de Barahona, que, em volta de sua casa, ajardinou pequenos talhões que as ruas limitam, cuidadosamente tratados, apenas vedados por grades elegantes, cheios de odoríferas flores, refrigerantes, no

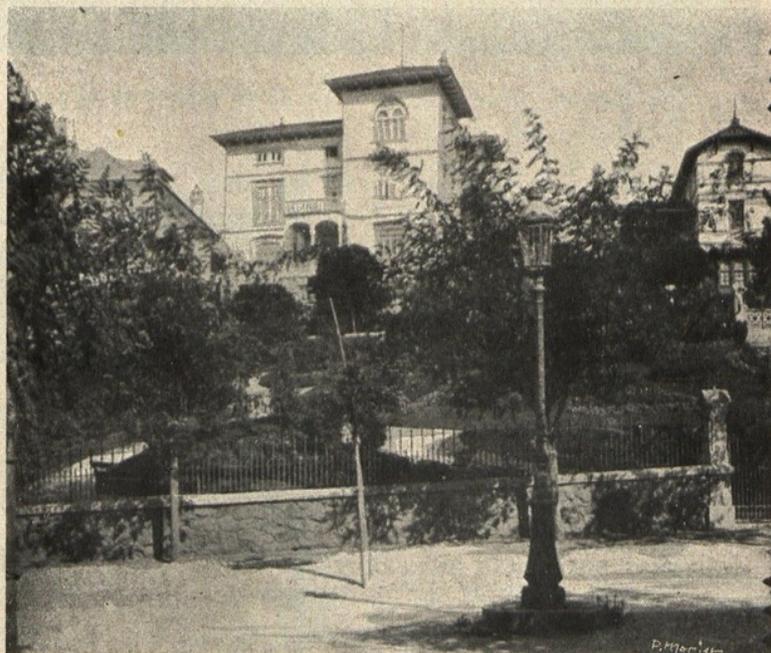
meio da rua empoeirada, pela sua permanente frescura.

Foi este o maior erro cometido. A Companhia, incapaz de defender os terrenos por vender, do mau gosto nacional, da confiança na sapiencia architectonica do mestre d'obras, não tinha em suas mãos uma lei — n'esta terra de legiferos! — que puzesse a obra já feita ao abrigo do vandalismo.

O livreiro M. Gomes edificou a sua *Casa Branca*, fina e garrida, com motivos portuguezes, paciente e intelligentemente combinados por Villaça; vendida, fazemos votos por que o seu proprietario a não estrague, e n'ella não influa a phantasia do burguez.

Assim, o Estoril maravilhoso vae perdendo a sua feição de Cidade d'Arte, entre verduras, quieta sempre, até nos mezes de maior concorrência. Nas «villas», á hora do sol, tem-se a sensação do isolamento perfeito. Pelas ramadas das arvores, apparece o mar florido de espuma, o mar azul em que a luz se refrange, salta e corre, como ondas. É tudo tão socegado! Sente-se, nas tardes quentes, o estalar dos pinhaes. As arvores tocam-se, sacudindo as folhas, á briza. Nos pinhaes arrulham amorosamente as rolas bravas. Dir-se-hia que a vida se ausentou, sem o rodar das carruagens e a buzina afflictiva dos automoveis.

Terra de meditação e de inspiração, como outra não ha, voltada para o mar sul-



AVENIDA SABUGOSA

cado pelas quilhas dos vapores, que levam a nossa imaginação para viagens longinquas, a paizes de que ignoramos tudo, até os nomes; — tendo, como fundo, a dentada linha da serra de Cintra, que, violacea, se recorta no azul finissimo do céu, terra de luz e de sonho, aos poucos se vae fazendo uma

O Mont'Estoril de «villas» que, á noite, illuminadas, trazem a impressão d'um sonho de festa, vae dar logar a um Paço d'Arcos ou Cascaes, — somnolento e aborrecido, perdendo o character, o ingenuo preciosissimo de suas ruas apertadas entre jardins, rua Arcachon, rua de Nice, rua Biarritz, rua Bijou, nomes



OUTRO ASPECTO DA PRAIA

Cascaes mais rica, Cascaes, praia da côrte em pantufas, burgo de pescadores ageitada em estancia estival, sem ganhar em divertimentos, augmentando em pretensão.

O Casino Internacional, cuja ampla varanda sobre o mar quasi o absolvía das fachadas ignaras, fechou as hospitaleiras portas. O jogo que, entre o luxo, perdia o character vicioso e sordido, alberga-se nas baiucas ordinarias com todo o cortejo de baixezas do vicio clandestino.

Nas ruas poeirentas buzina raros automoveis, caminho á tarde do classico passeio da Boca do Inferno, que, apesar da belleza sublime da marinha, vae tendo o ar de uma condemnação perpetua.

pretenciosos mas encantadores. Agora já as baptisam com nomes de benemeritos. O que ha de benemeritos por este Portugal fóra!

Qualquer dia, a rua Larga, a rua Direita, todas com altos predios esburacados de janellas, em cujas lojas os mercieiros suam.

Desconsola os que amam o Estoril pelo Estoril, na sua quietude de inverno, no antigo bulicio de verão, quando o Casino illuminava os varandas tumultuosas.

É para que nada destaque, nada tenha character, n'este Portugal fradesco e estúpido. A concessão do jogo a uma grande empresa salvaria o Mont'Estoril, alargal-o-hia quer para o Monte Palmella, onde ríem os telhados vermelhos, entre pinheiros, quer

para a estrada de Cintra, escalvada, mas de horisontes vastissimos, quer para os pinhaes de Santo Antonio, que se expropriariam fazendo dos pinhaes Gourelades e Vianna similes do parque Monceau, mais campestre, em vez de palacetes simples *bungalows* apraziveis, hospitaleiros, as fachadas apenas ornamentadas com trepadeiras, com mobílias simples, elegantes e commodas, que facilmente se alugariam aos forasteiros.

Não são precisos muitos milhões: é mais necessario ter bom gosto, desejo de fazer obra benefica, sanatorios de Belleza para os que fogem da horrivel Lisboa acanalhada pelas novas construcções em que mestres de obras e burguezes se dão as mãos n'uma cruzada de mau gosto. O caminho de ferro seria desviado da praia. Pelo leito da actual linha, uma avenida resguardada do lado do mar por uma grade, apenas, deixando vêr o movimento das ondas, todo o largo horisonte, á sombra de arvores copadas, não as palmeiras exóticas, mas essas arvores portuguezas a que os nossos olhos estão habituados, tão lindas no seu rumorejar de folhas leves. Intercalar-se-hia entre ellas o riso dos loureiros-rosas, que viçam n'estes terrenos com pequeno cuidado.

Ninguem poderia construir sobre o mar,



CHATEAU O'NEILL

a não ser o Casino e o Hotel. Seria para todos a linha da praia doirada, uma avenida partindo de S. João, seguiria as curvas das rochas até á Villa Palmella, em Cascaes, com dois renques d'arvores, passeios para carruagens e peões, poderia ser um *corso* para possiveis batalhas de flores, na primavera, com flores facilmente adquiridas em Cintra.

Na villa Eugenio d'Almeida, construir-se-hia o grande hotel moderno, luxuoso, com escadarias sobre a praia, e mais a poente, apropriar-se-hia a casa Barahona para edificar o palacio do jogo e das festas, o grande Casino, verdadeiramente internacional.

A abundancia de agua que, diz-se, vae ser conseguida, permitiria a cultura dos jardins publicos e particulares, que se atapetariam de herva tenra e humida.

Construir-se-hia um bairro commercial, com exigencias artisticas, não permitindo nada que não fosse elegante, excluindo infimas tabernas e lojas pe-lintras.

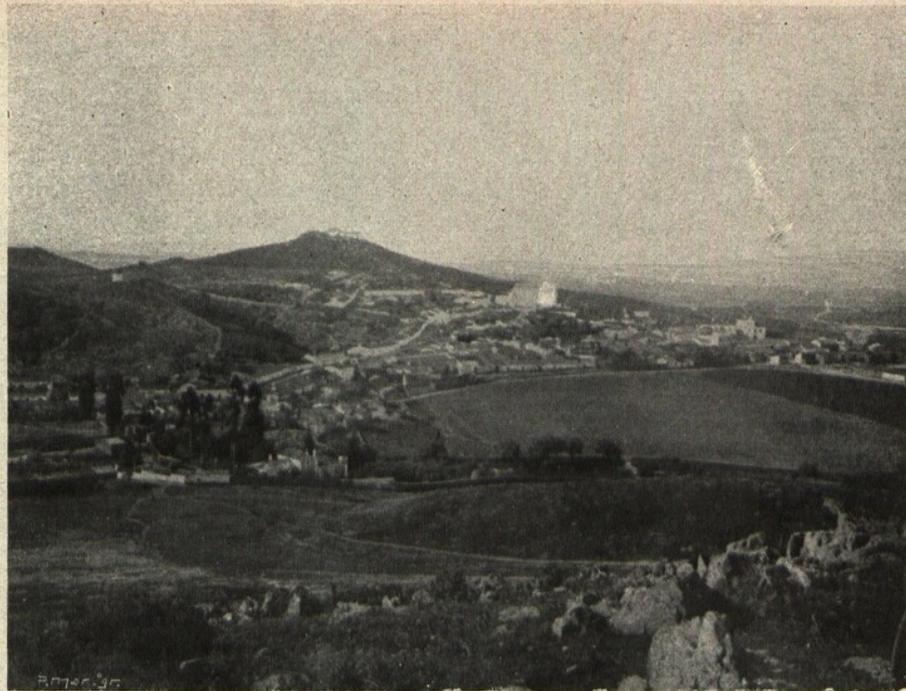
Terra de luxo e de elegancia, seria apenas para morada dos ricos e dos artistas!

Era tão facil conseguir tudo isto!



UM ALMOÇO NA PRAIA

*Henrique de Vasconcellos*



VISTA GERAL DE ALJUSTREL

## As Minas de Aljustrel



QUEM percorre em comboio a planície ondulada e semi-deserta do baixo Alemtejo, passeia os olhos fatigados na paisagem sem uma surpresa, sem que da extensa terra se desprenda uma nuvem de evocação, uma sombra de passado; é um ermo picado de *montes* (1), singrado de veredas, manchado d'azinhaes; mas, sob esta grande mascara inexpressiva, dissolvem-se, sem que alguém saiba onde, restos barbaros da Luzitania, cidades phenicias, cartaginезas, romanas e arabes.

Um dos conventos juridicos da Luzitania teve a séde em *Pax Julia* (Beja) e abrangia (2) todo o territorio entre o tejo e a raia maritima sul occidental, áquem dos limites orientaes da provincia cuja capital foi a memoravel *Emerita Augusta* (Mérica).

(1) Habitação isolada n'uma elevação de terreno

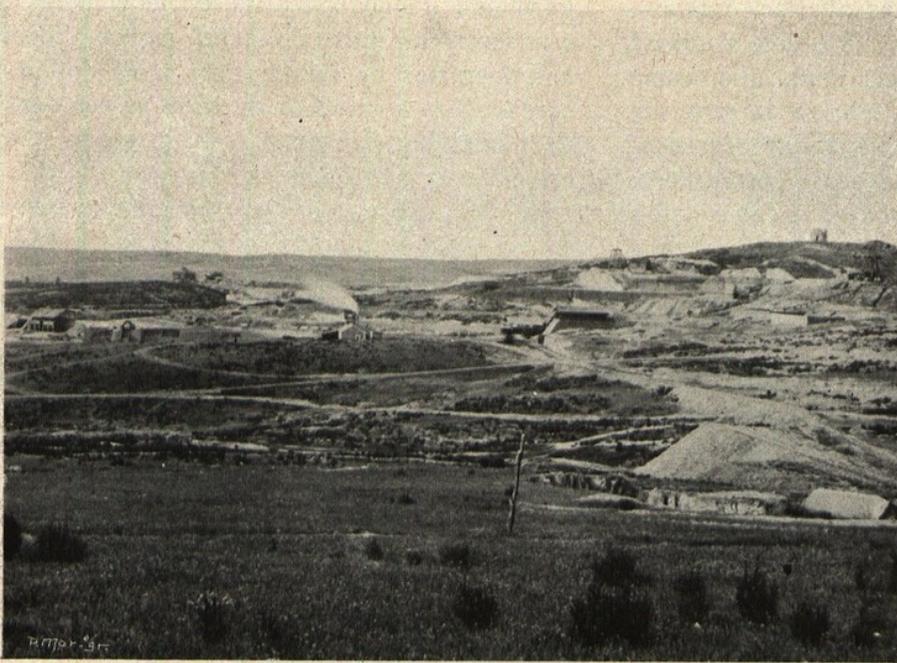
(2) Segundo o sr. Estacio da Veiga: *Estudo sobre a tabula de bronze d'Aljustrel.*

Foi, no coração do baixo Alemtejo, onde presentemente raros e deformados vestigios apparecem á flor da terra, que outr'ora existiu o fóco da industria mineira na Luzitania, cuja mina de maior importancia foi a d'Aljustrel. E pouco mais se sabe. Os historiadores são todos omissos ácerca d'esta vasta provincia n'esses periodos remotos, e os poucos estudos que os poderes publicos teem custeado, para que se resolvessem alguns problemas geographicos da historia antiga do continente portuguez, não attingiram esta zona, comquanto seja sabido, pelo que dizem Strabão, Ptolomeu e Plinio, ser ella depositaria de importantissimas riquezas archeologicas.

Particularmente, em escavações para aliterceres, em trabalhos agricolas e desaterros casuaes, teem-se descoberto, em algumas freguezias, antigos vestigios de construcções, sepulturas romanas, columnas, vasos, malgas de desenho etrusco e armas de guerra.

A descoberta de sepulturas fez-se ha pouco em Panoias, segundo nos foi asseverado por pessoa muito illustrada que reside em Messejana e que ha muito se dedica a este assumpto. Pela mesma me foi indicada uma ruina bastante vasta, na córte Margarida e córte Margaridinha, proximas da freguezia d'Ervidel, que visitei curiosamente.

O que se vê á superficie nada evoca a profanos e suppomos que nada dirá tambem a technicos: muros regularmente dispostos, de habitações sem duvida, mas tão desmantelados e decrepitos que se vão desfazendo e razando a pouco e pouco com os terrenos circundantes. Seria necessario um grande



AS MINAS DE ALJUSTREL

trabalho de desatterro para pôr a descoberto a povoação, cuja área se não póde calcular, mas os resultados seriam decerto dos mais interessantes, porque todas as investigações de tradição e todos os factos e circumstancias exteriores nos dizem que aquella ruina é completamente desconhecida, não só tradicionalmente como tambem dos livros e cientistas da especialidade. Este curioso sitio suggere uma serie de interrogações:

Sabemos que é immemorial o estado em que as ruinas se encontram; na tradição nunca tiveram outro perfil; mas, estaremos em presença d'um arrazamento, cujo entulho se espalhou a fazer parte das terras hoje

lavradas, ou existe alli soterrada uma povoação? Dado o primeiro caso, seria uma cheia impetuosa a causa destruidora; — bem proxima corre uma larga ribeira, fartissima, perigosa no inverno — ; seria a guerra, o saque, o incendio? Seria apenas o tempo? Mas então, quantos seculos seriam necessarios para tão grande e moroso trabalho?

No segundo caso: seria um arrastamento colossal de terras, pelas aguas, ou phenomeno geologico problematico, como parecem testemunhar certos terrenos d'esta zona? Com este caracter registo um facto vulgar nos terrenos que circundam Aljustrel, aparentemente banal, de que não obtive ex-

plicação, nem sequer menção: em largas fachas de terra encontram-se em grande quantidade pequenos blocos de marmore, soltos, variando no tamanho entre cascalho e ovos de avestruz. Não consta, nem se supõe da existencia de pedreiras tão ricas nas proximidades, ou mesmo a, relativamente, grandes distancias d'estas terras.

Por estes factos e ainda por outros de ordem cosmica que por alli abundam, deprehende-

se, sem comtudo se poder aventar uma explicação — fóra dos nossos propositos e conhecimentos — que o baixo Alemtejo foi movimentado e transformado talvez repetidas vezes, em epochas remotissimas, por agentes cosmogonicos que apagaram successivamente a tradição e monumentos de largos periodos de vida.

### A riqueza subterranea

O campo metallifero da antiquissima villa d'Aljustrel occupa duas zonas, aparentemente distinctas, que podem fixar-se a 1:350<sup>m</sup> para o sul da villa, uma — mina dos Alga-

res; a 1:500<sup>m</sup> para ONO., outra — mina de São João do Deserto. Esta, que foi por largo tempo a mais fecunda, é hoje a mina *pobre* e talvez dentro de vinte annos seja senão esteril, pelo menos incompensadora. Ainda melhor dotada em situação foi a dos Algarés, que domina do planalto a villa, de dia para dia mais populosa, ridente e habitavel, podendo hoje afirmar-se que não existe no Baixo-Alemtejo outra que a subrepuje em commercio, movimento e vida.

A visão febril de formigueiro que do alto nos offerece a decrepita *Aliustre* dos Romanos, — mascara velha d'uma ruina velhissima —, conjuncto alacre de burgo nascente que diverte e anima, tornando supportavel a habitual monotonia das abertas, escancaradas villas transtaganas, é o dote saudavel exclusivamente dado pela mina, que, como uma poderosa volante, obriga o giro em torno, fazendo os moinhos rodar sem descanço, empurrando os carros no transporte de viveres que não sobejam, accelerando o passo dos piões, imprimindo-lhes viveza e preocupação nos rostos e attrahindo braços que até d'além da raia accodem á busca de trabalho.

A unica das recentes explorações que excedeu a compensação, produzindo valiosissimos lucros, é a que ora trabalha sob a egide da «Sociedade Anonyma Belga das Minas d'Aljustrel», que por negociações effectuadas com a fallida «Companhia de Mineração Transtagana», adquiriu por quantia exigua os terrenos, apetrechos e contraminas que esta companhia, sem resultados compensadores, havia explorado durante alguns annos, dando-se depois um notavel progresso nos trabalhos e nos lucros, que ultimamente teem excedido a expectativa. A terra avara começou de abrir sem reservas as entrenhas opulentas ao explorador estrangeiro, enquanto o mercado foi progressivamente subindo, para plena prospe-

ridade da Companhia Belga e, valha-nos isso, para esteio do povo mourejante que todo trabalha e vive. Em Aljustrel não ha mendigos.

Quer seja d'esta sociedade ou d'outra companhia, a mina tem sido desde antigos tempos e será, enquanto durar, a providencia d'estes povos.

Fallida a Companhia de Mineração Transtagana, principiou o exodo dos mineiros; o marasmo morno das villas alemtejanas reinou de novo em Aljustrel, por tempos abattida, calada na paizagem extensa, onde se avista um *Monte* de legua a legua, uns sulcos loiros d'estrada, uns azinhaes de longe a longe em largas toalhas de charneca.

Iniciados os trabalhos da nova Sociedade, germinou de novo a febre do movimento e o poderoso incentivo do *metal*, movendo dois mil operarios na ininterrupta faina das picaretas para o arrancar da terra ás centenas de tonelladas, operou a transformação que ora se nota com olhos satisfeitos.

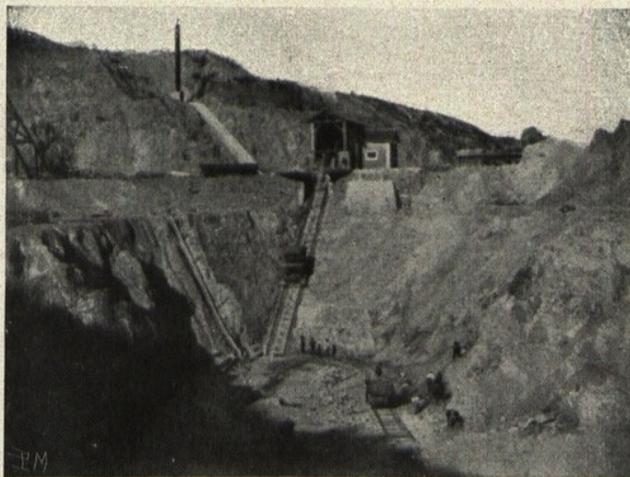
A *aldeia* (bairro operario) occupa presentemente dois terços da villa e tende a prolongar-se. A população cresce e o amor ao trabalho e ao movimento radica-se, nas ruas, outr'ora mortas, onde apenas passava *um ou outro carro* pesadamente na calmaria africana d'esta terra em tempos d'estiagem.

### A mina historica

Não ha memoria nem data, inscripta em padrão ou ruina, que nos habilite, com equidade historica, a fixar n'este ou n'aquelle tempo, a fundação da villa d'Aljustrel, nem porque condições de reconhecida vantagem

foi, em tempos tão remotos, escolhido para povoado esse ponto do Baixo-Alemtejo, entre o amplexo de dois pequenos cêrros, na situação geographica de 37° 53' de latitude norte a 59' de longitude léste do meridiano de Lisboa

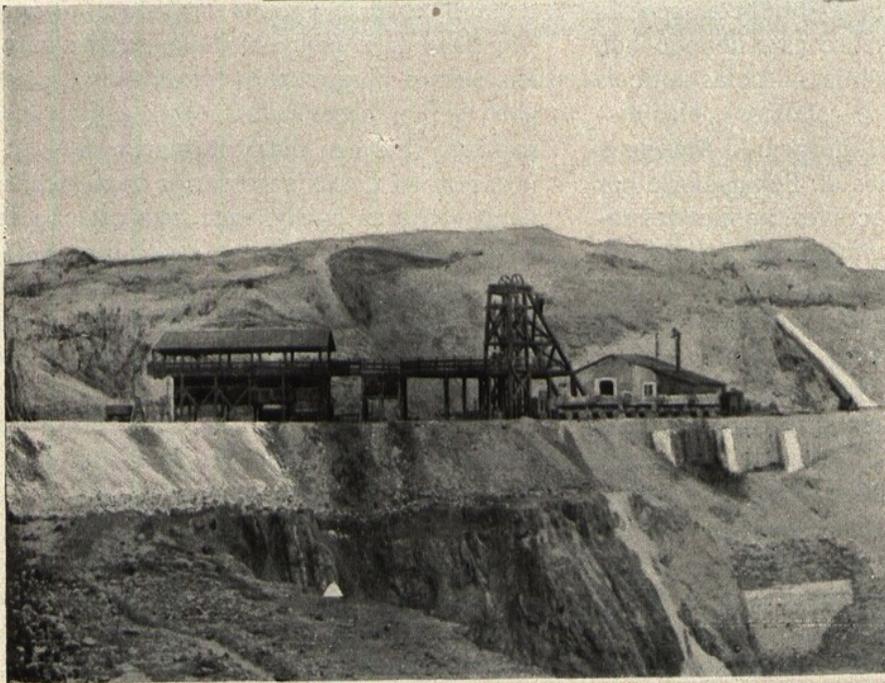
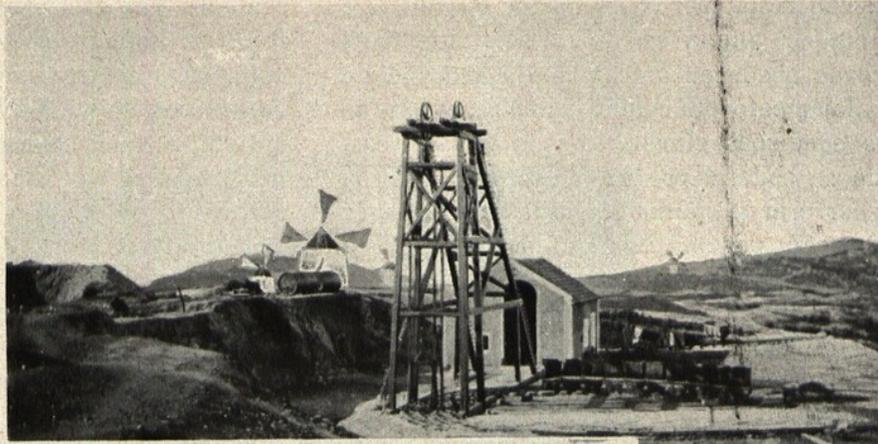
Escasseiam, ou melhor, não existem fontes histo-



COSTA DE S. JOÃO, EM 1904 (EXPLORAÇÃO NA DIRECÇÃO OESTE)

ricas d'onde se possa concluir qual foi o povo fundador, e, portanto, a data aproximada da fundação.

Os vestígios d'esses antigos habitantes desapareceram completamente e o ne-



POÇO EYBEN, DEPOIS DE  
ÉLEVADO O GUINDAS-  
TE (DIRECÇÃO NORTE)

das, teem apenas o valor virtual de *antiguidade*, sem de resto representarem elementos

POÇO JACOBS, EM S. JOÃO

nhum estímulo que em Portugal se tem dado aos custosos trabalhos archeologicos, determina a absoluta carencia de elementos e a irremediavel perda de riquezas historicas, que, para serem adquiridas, demandariam poderoso incentivo e maior esforço.

O acaso tem sido, em regra, o descobridor das antiguidades archeologicas que possuímos, entre as quaes, algumas pela falta d'estudo das condições em que foram acha-



ESTAÇÃO DO COMBOIO DA MINA, EM S. JOÃO

d'estudo do povo e tempo a que pertencem. D'esta carencia resultam supposições.

Quanto á tradição, — documento talvez mais duravel que o sulco em pedra — diluiu-se tambem na formidavel massa dos tempos decorridos.

Sobre a antiquissima exploração das mi-

nas, não resta, porém, a menor duvida, e é de suppor que a escolha d'este sitio para povoado obedeceu unicamente á necessidade de alojamento da colonia mineira e não ás suas condições climatericas ou estrategicas, como se poderia prevêr, d'esse tempo feroz de correria e mutua usurpação. Qualquer affirmação, porém, seria ousada, porque esta parte do problema perde-se completamente n'uma antiguidade infixavel e muito para além de todas as supposições racionaes que as fontes historicas nos offerecem.

O estudo archeologico do sr. Estacio da Veiga — o mais *completo* que conhecemos e que decerto existe sobre este abandonado retalho da antiga Luzitania, — pelas noticias de geographos gregos e romanos, pelas distancias apontadas no Itinerario d'Antonino, entre as antigas cidades da Peninsula, e por redução ás medidas actuaes, applicadas sobre a *Carta Geographica de Portugal* levantada pela Comissão Geodesica do Reino, pretende collocar a cidade dos Aranni de Antonino ou Aranditanos de Plinio, quasi sobre os terrenos hoje occupados pela exploração mineira. Este auctor parece ter feito apenas um trabalho de gabinete sobre este assumpto e deprehende-se d'algumas passagens do seu estudo, que não visitou este campo historico.

A topographia do terreno, porém, é flagrantemente expressiva sobre este ponto do problema; o campo metallifero, como já disse, está situado n'um planalto ligeiramente inclinado do lado sul, mas sempre desabrigado e portanto improprio para local de habitações, o que não succede com as terras em que Aljustrel assenta. É natural que exista um ligeiro erro, quer nas medidas antigas, quer nas cartas modernas (são 140<sup>m</sup> apenas), e que a cidade dos Aranni coincida com a villa d'Aljustrel.

Suppuzemos, por tempo, que as ruinas da Côte Margarida em Ervidel, fossem os restos da celebre cidade dos Aranni, e que, estabelecida em Aljustrel, houvesse apenas a colonia mineira estipendiaria dos romanos; consultando, porém, a *Carta Geographica de Portugal*, achámos uma impossibilidade flagrante em tal asserto, tomando por base os dados scientificos e irrefutaveis do sr. Estacio da Veiga.

Os relatores que examinaram as contraminas antigas e restantes trabalhos repre-

sentados por escoriaes, manifestando alguns haverem sido submettidos ao processo da ustulação, notaram vestigios de largos trabalhos romanos e arabes e ainda outros mais antigos a que chamaram phenicios; resta, porém, saber o fundamento d'esta ultima affirmação.

Mais tarde, um achado importantissimo veio derramar uma forte claridade n'um dos periodos, decerto o mais intenso, de trabalho n'estas minas; foi a descoberta d'uma tabula de bronze, sobre a qual o auctor que já tantas vezes citamos, escreveu o seu estudo. O texto insculpido é uma magnifica resurreição da vida d'uma colonia mineira: mas as leis d'esses paragraphos teriam sido escriptas para serem observadas n'esta região mineralifera? Eis um outro mysterio. Apesar de faltarem os dados necessarios para incontroversamente se estabelecer uma relação definitiva entre a tabula e o local, o sr. Estacio da Veiga inclina-se a que tabula descoberta foi realmente o codigo da *Metalla Vipascensis* estabelecida em Aljustrel, pela razão de tres condições typicas da região mineira serem conformes com o texto da lei: minas de cobre com percentagem de prata; rochas de chisto (ardosias); e as aguas mineraes de S. João do Deserto.

E de resto, que explicação mais verosimil poderia ter um texto de leis ácerca de minas, achado nas galerias d'uma mina com largos vestigios de exploração do povo que falou e escreveu a lingua do texto?

Esta tabula é a terceira de uma serie, como se deprehende do texto, e sabemos que ha pouco tempo appareceu outra, que não podemos ver nem obter indicação sobre a sequencia apontada, o que seria curioso verificar.

A característica predominante da lei insculpida na tabula é o monopolio de todas as industrias praticadas na colonia mineira, com as penas expressas e pesadas para as transgressões; d'aqui, o imposto sobre tudo, excepto áquelles que ministrassem a instrucção. O soberbo povo oppressor, em duas linhas, no mais pequeno paragrapho do texto, assignalava a grandeza do seu genio, libertando de todo o obstaculo a luz do pensamento.

Da exploração arabe nenhuns vestigios se encontraram, ou não os souberam distinguir, mas o facto é indiscutivel e a prova é patente no longo documento doatorio que

Sancho II fez á Ordem de S. Thiago, onde concede aos denodados freires o castello, com largos limites: *cum montibus et fontibus et pascius et ferrariis et pasariis*, mas reservando para seu directo dominio as minas e os banhos, o que prova a transacta exploração e proveito; d'estas propriedades cede

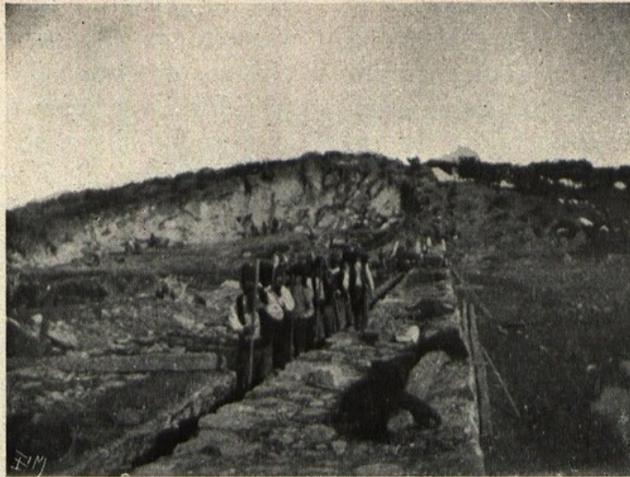
D. Sancho aos ditos freires apenas a decima do rendimento.

Perto da mina de S. João existe presentemente uma capella e um estabelecimento balnear onde são utilizadas as aguas, que desde tempos immemoriaes teem feito e continuam a fazer verdadeiros milagres (as mesmas a que se refere o documento doatorio).

A primitiva capella onde brotavam as nascentes e onde se julga ter havido um balneario romano, utilizado depois pelos arabes, desapareceu na sequencia dos trabalhos d'esta mina, que usando em grande parte o processo da córta — ao ar livre, — precisou demolir para ampliar o campo mineral.

Estas celebres aguas de S. João do Deserto, tendo um tão longo passado e uma não menos longa historia de beneficios para todas as molestias cutaneas, como depuradora e reconstituinte, tem sobrevivido, como todas as cousas essencialmente boas, apenas na tradição; a sua virtude tem vindo accessa de bocca em bocca na gratidão d'aquelles cujas chagas sararam, cujas lepras fugiram ante o poder da milagrosa lavagem. Muitos medicos as conhecem e receitam, muitas analyses se fizeram dentro e fóra de Portugal, dizendo-as as mais arsenicaes do mundo; apesar de tudo, o publico não sabe da existencia d'ellas; apenas os povos do baixo Alemtejo sabem e contam convictamente que existem em S. João do Deserto umas aguas milagrosas cujos resultados teem observado.

Uma analyse do dr. Agostinho Vicente Lourenço, diz: Esta agua é uma dissolução dos elementos que formam uma pyrite de



CONSTRUINDO A REPRESA

e bastante arsenico, que attinge 0,00169 gr. por mil partes.

### A Villa e a Aldeia

O baixo Alemtejo é em regra arido, monotono e ingrato á vista. É necessario vel-o muito *de perto* e attentamente para amar e comprehender essa vastidão de horizonte que fatiga.

Constituido por terrenos argilosos, de pequenas elevações, de exiguas mattas, apresenta no verão, depois das ceifas, um aspecto torrido e hostil que deprime e assombra. A terra arregoada abre gargantas sequiosas, damnadas, n'um aneio que provoca a sêde a quem as vê. Após as primeiras chuvas, porém, no principio da faina da charrua, começam os céos a vestir d'azul profundo e limpido, os campos a trajar o verde sadio das messes em relvagem, e a terra a fechar-se, a concentrar-se na proxima eclosão dos trigos, toda lavada d'um ar sem pó que alegre e tonifica. Mas, esse impiedoso perfil de terra desabrigada, baixa, silenciosa, porque os ruidos como que se evaporam, não abandona a paisagem que continúa a desenrolar-se, esmeraldina, a perder de vista, a provocar desejos de jornada para muito longe, onde não chegue o silencio, a severidade da charneca.

E em meio d'estes campos, na encosta d'um cêrro, que Aljustrel assenta, debruçada sobre o valle, lêsa, caduca, lembrando uma monstruosa velha paramentada de ruinas sobre ruinas. Não se imagine qualquer coisa de historico, de bello ou evocador n'estas

ferro cuprica, os quaes se tornam soluveis por occidação. Dá reacção muito acida aos papéis reagentes e 1:000 gr. deixam 7,15 gr. de residuo solido, formado principalmente de sulfato de protoxido de ferro, sulfato de cobre, chlororetos alcalinos, sulfatos de cal, magnesia, alumina e zinco, silica

ruínas; o termo pretende dar apenas o ar de velhice pobre que tem a villa; seis a oito ruas principaes formando triangulos irregulares, ladeadas de casas baixas cujas paredes de taipa accusam a irreverencia dos invernos. Aqui, não entram as habitações dos que teem ferregiaes e rendimentos, essas teem a altura e cubagem necessarias á vida e á hygiene, mas occupam duas ruas apenas.

A *aldeia* (não sei porque motivo assim denominavam o bairro operario), estende-se para o sul da villa antiga em seis longas *bichas*, algo sinuosas, que são outras tantas filas de casas, eguaes, pequenas, apertadas, como que amparando-se na sua mutua fraqueza de *gente pobre*; egual numero de ruas parallelas de piso negro de saibro. As casas maiores terão 7<sup>m</sup> de frente por seis de fundo; as mais pequenas 4,3 de frente.

As pequenas construcções de que venho falando obedecem todas á regra de terem duas portas *vis-à-vis*: uma para a rua, outra para o *quintal*; sempre abertas, determinam uma corrente d'ar constante, que sendo nociva para os melindrosos de resfriamentos, é por seu turno uma lavagem hygienica para os exiguos cubiculos, onde ás vezes dormem quatro e cinco pessoas, tendo a casa dois quartos. As febres espreitam-nos ás vezes, para não dizer sempre, do *quintal*. N'esta dependencia da vivenda operaria nada existe que legitíme o nome alegre e fresco de *quintal*; ha, quando ha, uma arvore doente, amarellada, pedindo la-reira para acabar por uma vez com a sêde maldita que de pequena a devora. Escusam-se mais indiscripções para comprehender porque as febres habitam no *quintal*. Finalmente, estas casas, com duas portas e *quintal*, não teem uma unica janella.

E alli, onde parece viver a morte e alimentar-se a fome, alimentam-se e vivem centenas de familias, n'um relativo bem estar, que transparece nos rostos das mulhe-

res, ás portas, umas amamentando carinhosamente os filhitos, outras cosendo, pales-trando, descompondo... e vivem! A morte não leva a melhor á vida; as suas forças d'ellas equilibram-se.

Passada a calma extenuante que paralisa grande parte do movimento da *terra*, os aspectos da vida suavizam-se e apparecem as lendas, os quadros, as novellas.

O Alemejo tem poentes admiraveis, acima de toda a descripção, e a essa hora magica a paizagem transforma-se: rude, á hora da calma, é á tarde enterneçada. As fontes, ou melhor, os poços profundos que fornecem agua potavel, regorgitam de mulheres, formosissimas algumas, que, debruçadas sobre o abysmo d'uma fonte que brota a 15<sup>m</sup> e 20<sup>m</sup> de profundidade, executam o trabalho fatigante de arriar e içar quarenta vezes um caldeirão, para encher ás gôtas as malgas esbeltas, que lembram vasos antigos. Chamei-as formosissimas porque na verdade o singular encanto d'essas mulheres plebeas, quasi todas maltratadas, é extremamente notavel e parece sobreviver ás mais fortes intemperies. Não são bellezas que impressionem toda a gente. Os traços que as constituem devem ferir sobre tudo as retinas instinctivas dos artistas pintores.

De estaturas um pouco acima do normal, são todavia d'um grande equilibrio de fórmulas; a altura não lhes prejudica a elegancia facil dos movimentos, onde parecem reviver antigos germens de raças heroicas e soberanas. Mas é principalmente no rosto que a característica do seu encanto d'ellas reside, e esse encanto, me parece, está na grave serenidade do dese-

inho, onde se busca em vão um traço que possa pertencer á vulgaridade das caras bonitinhas. São d'estes rostos cuja seriedade evoca a resignação intima d'uma angustia incuravel e que precisam sorrir para que se lhes vejam as lagrimas.

(Continúa.)

João Gouveia.



OUTROS ASPECTOS DA REPRESA

# Nas terras dos Açores



VISTA GERAL DO VALLE DAS FURNAS

## O VALLE DAS FURNAS

**O** *touriste* portuguez, por um pedantismo deprimente, quando se abalança a ir visitar terras desconhecidas e receber impressões novas, faz as malas, installa-se commodamente no *sud-express*, e vae... até Paris!

E ali, os theatros, as ceias, as mulheres, as carruagens, levam ao elegante que, em Portugal, nunca passára de Cintra, ou ao burguez que largos annos consumiu seus ocios pelos jardins e tabacarias de Lisboa, tres vezes mais dinheiro do que o necessario para percorrer demoradamente toda a bella paisagem do norte portuguez, para uma digressão ás terras encantadoras dos Açôres.

Para ir a Paris, ha até quem gaste annos a fazer economias; no emtanto, pelo atordoamento

do brilho, do fausto, da luz, do ruido, de toda a vida agitada, tumultuosa, da cidade do prazer — o espirito do forasteiro volta á pacatez do seu burgo e do seu lar, no mesmo comboio rapido que devora leguas, e só lhe deixa vêr a paisagem com a verdade com que se percebe a côr d'uma ave que vóa célere, trazendo de quanto viu uma idéa vaga, confusa, como dum sonho lindo de que, ao despertar, já mal nos recordamos!

Com raras excepções, se perguntarem ao nosso *touriste* pelo que ha de bello na natureza, em Portugal, elle não irá além dos arredores de Lisboa — Estoris, Cintra... Cabo Ruivo e Outra Banda!

Mesmo o excursionista emotivo, aquelle que, numa ancia de belleza rustica, vae até

á Escóssia namorar seus lagos; percorre detidamente e encantadamente os cantões suíços e os claros campos da Hollanda; observa com religiosidade, numa evocação mística, as montanhas e os valles da Terra Santa; passa por entre os sugestivos restos da grandeza da India, e chega a penetrar nas florestas prodigiosas do Brasil — esse mesmo, quasi sempre ignora que tem

Quem quizer, por exemplo, uma informação de quanto vale S. Miguel, na grandeza deslumbradora da sua paisagem, não o indague do senhor Marquez de Franco nem do senhor Ramalho Ortigão — mas vá perguntá-lo ao Principe de Monaco, ao director do *New York Herald*, ao principe de Battemberg, a Leopoldo da Belgica, ao duque dos Abbruzos, a muitos mais estran-



CALDEIRAS — ASPECTO GERAL

ali, nos Açores, verdadeiras maravilhas de belleza natural.

Eu estou certo, mesmo, de que, entre dez inglezes e dez portuguezes que fazem do amor pelas viagens uma especie de profissão ou de culto, cinco dos primeiros saberão dizer-vos que difficilmente, por toda a terra que correram, como romeiros da belleza, encontraram seus olhos maior deslumbramento de paisagem, panoramas de mais encanto, do que nas terras dos Açores; emquanto que nem um só dos segundos terá visto, mesmo de longe, o esfumado contorno duma das ilhas do archipelago.

geiros illustres, e ainda a Sua Majestade a Rainha D. Amelia, que, ao chegar ao alto das cumieiras das Sete Cidades, quando em 1901 os reis de Portugal visitaram os Açores, se voltou para os jornalistas que faziam parte da comitiva, e lhes disse, apontando para o grandioso quadro que a seus olhos se desenrolava:

— Descrevam os senhores isto, se são capazes!

E, na realidade, não pode descrever-se. Um poeta da minha terra, de S. Miguel, para dizer o que é a impressão que se sente ao deparar-se com as Sete Cidades,

costumava empregar a seguinte sugestiva imagem:

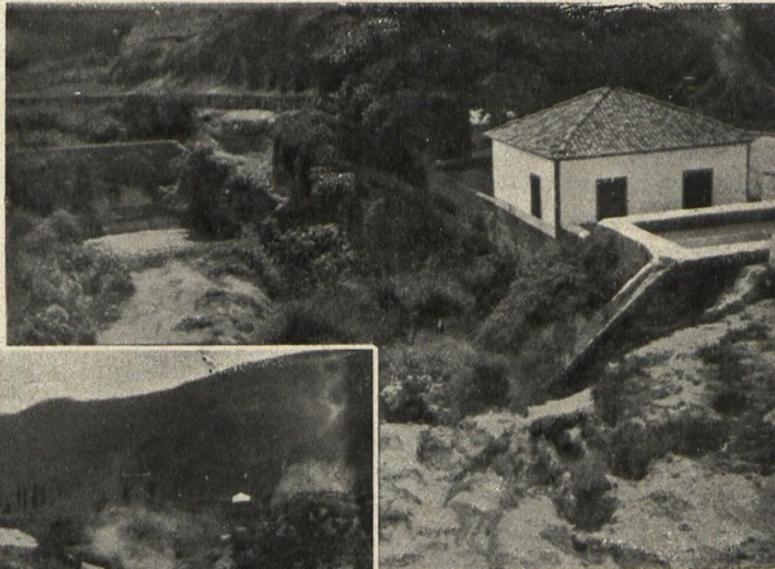
— Imagine você que a mais perversa das creaturas, incendiada num odio mortal, galgava desvairadamente a serra, de punhal em punho, para matar, vingar-se do seu maior inimigo. Pois esse bandido, se nunca tivesse visto as Sete Cidades, ao chegar ao alto das cumieiras esqueceria todo o seu odio, e, num deslumbramento, deixaria cair da mão o punhal, prestes a tingir-se em sangue.

Na realidade, só com uma imagem destas, que nada nos mostra, mas que tudo nos diz, consegue dar-se uma idéa da impressão grandiosa que pôde causar um quadro semelhante.

Mas ha mais, muitos mais.

guel, que vou fallar agora — certo de que vou dizer da mais linda therma de Portugal, dum dos mais lindos recantos de toda a Europa.

O caminho de ferro, já de ha largos annos no ról das grandes aspirações dos mi-



BANHOS PARTICULARES



UM TRÊCHO DA REGIÃO DAS CALDEIRAS

Do alto da ilha do Pico se descortina um dos mais phantasticos — quasi todo o archipelago a nossos pés, semeado entre as aguas azues do Atlantico.

E cada ilha apresenta os seus, diversos sempre e sempre surprehendentes.

Não me permittindo, porém, a particularidade desta descripção, nem o espaço de que nos *Serões* poderei dispôr, fazer um resumo, ligeiro que fôsse, das principaes bellezas que as nove ilhas encerram, é simplesmente do Valle das Furnas, em S. Mi-

chaelenses, parece, comtudo, não passar duma utopia.

Não vem para aqui o estudo das vantagens ou desvantagens que a exploração de alguns troços de linha ferrea, ligando os principaes pontos da ilha com a sua capital, e, consequentemente, com o seu bello e movimentado porto artificial, daria ao Estado ou á companhia que a tal empresa se abalançasse; o certo é que, para os muitos viajantes que aportam a Ponta Delgada, vindos das duas Americas ou dos portos do Mediterraneo, em magnificos transatlanticos que se demoram apenas seis ou oito horas — para refrescar ou tomar passageiros — o estabelecimento do caminho de ferro seria de grande commodidade, permittindo-lhes, pela rapidez das viagens, vêr, nesse pouco tempo, os pontos mais distantes e bellos da ilha, as Furnas, por exemplo, que demoram

a umas nove leguas, approximadamente da capital da ilha.

Pelo meio de locomoção existente — carruagens tiradas a muares — essas seis ou oito horas mal bastam para a fatigante viagem, quanto mais para vêr ainda o Valle das Furnas!

Pouco se me dando que me alcunhem de retrogrado, ainda assim eu prefiro essas viagens, na moderada rapidez do trem, que nos deixa demorar os olhos no encanto da paisagem, que nos consente corresponder ás saudações dos camponezes, e que, nas subidas, junto a alguma aldeia, nos proporciona esse interessante espectáculo de dezenas de creanças seguindo a carruagem, numa gritaria ensurdecadora, pedindo que lhes atiremos dinheiro.

Como é sabido esse costume, o viajante previne-se previamente de moedas de cinco réis, que atira para o ar e vão cahir por sobre a pequenada. Ha então luctas, roubos, trambulhões, uma confusão infernal, na ancia de apanhar mais moedas! E o cocheiro já sabe: emquanto as creanças se degladiam, faz andar mais depressa a carruagem, que ellas procuram depois alcançar á desfilada, fazendo repetir novamente a scena, lá mais em cima.

E só ha meio de nos vermos livres dêsse bando duma impertinencia divertida, quando, galgada a subida, as muares tomam folego e partem a trote rasgado na estrada plana.

Que querem? Prefiro tudo isto. Que para espantar a ignorancia e a dôce simplicidade daquelles aldeãos, bem basta já que algum automovel passe por elles, envolto em poeira, tresandando a gazolina e fazendo roncar a sua buzina de alarme...

\*  
\* \* \*

A viagem de Ponta Delgada para as Furnas, faz-se por dois caminhos: o do norte e o do sul.

O amator de paisagens imprevistas — uma curva de estrada que se dobra, e logo um quadro deslumbrante a surprehendê-lo — prefere o primeiro delles.

Pelo norte, pois!

Como quasi todo o solo michaelense é riquissimo em vegetação — mercê das muitas aguas que o cortam em todas as direcções,

transformadas em ribeiras — o olhar, distrahido agradavelmente, não deixa que o espirito se canse nas longas horas de marcha, e, por isso mesmo, mal se chega a perceber o cansaço phisico, produzido pelos solavancos da carruagem.

Seguindo este caminho pelo interior da ilha, raro nos approximamos do mar, que de vez em vez avistamos ao longe, desfazendo-se em branca espuma junto á costa e alastrando-se em azul até ao horisonte longinquo.

Vamos, pois, passando por densas mattas, pomares virentes, frondosos valles onde correm claros ribeiros, povoados risonhos, campos largos de sementeira, pastagens por onde o gado se espalha, sadio e farto. Somos chegados, emfim, ás Pedras do Gallego, a essa ingreme encosta que conduz lá abaixo, ao fundo do valle maravilhoso.

Do alto das Pedras o espectáculo assombra. A quem já o víra, renova-se-lhe o encanto; quem pela vez primeira o defronta, sente um deslumbramento.

No silencio enorme da natureza, quebrado apenas, espaçadamente, por um assobio de zagal, ou pelo ladrar longinquo dum cão de guarda, o canto unisono das aves, que ascende do arvoredado do valle, é sómente um emballador murmurio do sonho.

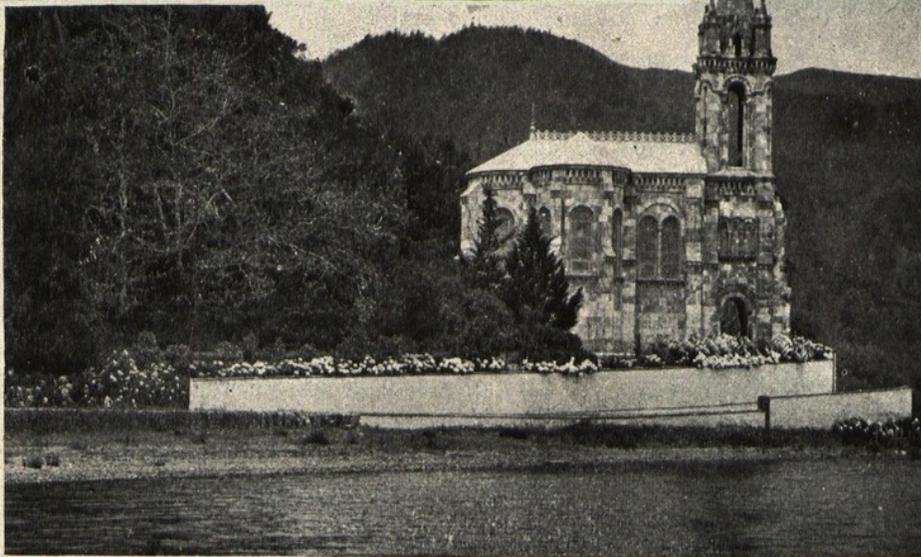
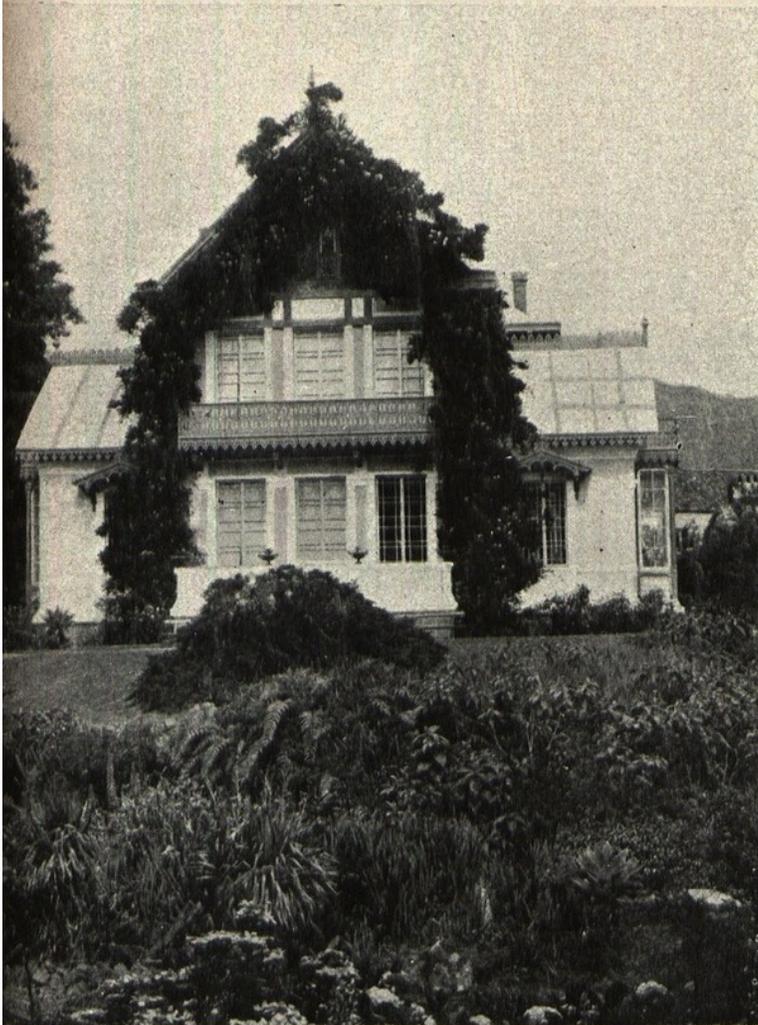
Pelas encostas, talhadas quasi a prumo, e por toda a rasura do valle, a flora é duma exuberancia verdadeiramente tropical. E de entre o aglomerado da vegetação verde-negra, surgem, disseminadas, a espreitar, casitas brancas e humildes, e, raro, alguns *chalets* com pretensões architectonicas.

Percebem-se os contornos e arruamentos dos jardins; nos intervallos do arvoredado fulge ao sol o cristal das aguas correntes; e a pôr na suavissima doçura da contemplação, perfumada com o halito de todas as plantas e de todas as flores, uma nota impressionante de terror, ergue-se em columnas espessas o fumo das caldeiras — dessas cavernas do profundo inferno — na phrase pinturesca do historiador Cordeiro.

\*  
\* \* \*

Aquella continuação de serras, a léste da ilha de S. Miguel, soffreu, antigamente, varias erupções vulcanicas. Não ha duvida de

CHALET DA FAMILIA CANTO



CAPELLA DA FAMILIA CANTO

que foi uma dellas que originou a formação do valle das Furnas — cratera enorme dum vulcão ainda bem flagrante nessas pequenas bôcas rugidoras, que arremessam para o alto lodo e agua fervente.

A mais notavel destas crateras em miniatura, é a que dá pelo nome de Pedro Botelho, cuja agua lodosa, expellida violentamente, e cujo rugido cavo, que faz estremecer o chão, infundem tal pavor que não permite a ninguem o demorar-se muito junto della.

As caldeiras ficam a pequena distancia umas das outras. Em toda a area que ellas occupam, sente-se o calor do chão que pisâmos, pois que a temperatura das suas aguas attinge 96° centigrados, assim como o solo, a pequena profundidade.

Os quentes ribeiros, formados pelas aguas das caldeiras, encontram-se com outros frios, de vária proveniencia; e, a distancia, formando uma só ribeira, que vae desaguar no mar do sul, a sua temperatura ainda é tal que deu o nome de Ribeira Quente á pequena povoação maritima onde tem seu termo.

Num grande e bem montado esta belecimento publico de banhos se utilizam as aguas quentes e frias dessas nascentes, que, com varias e magnificas propriedades therapeuticas,

têm produzido innumeras curas, algumas das quaes são consideradas maravilhosas.

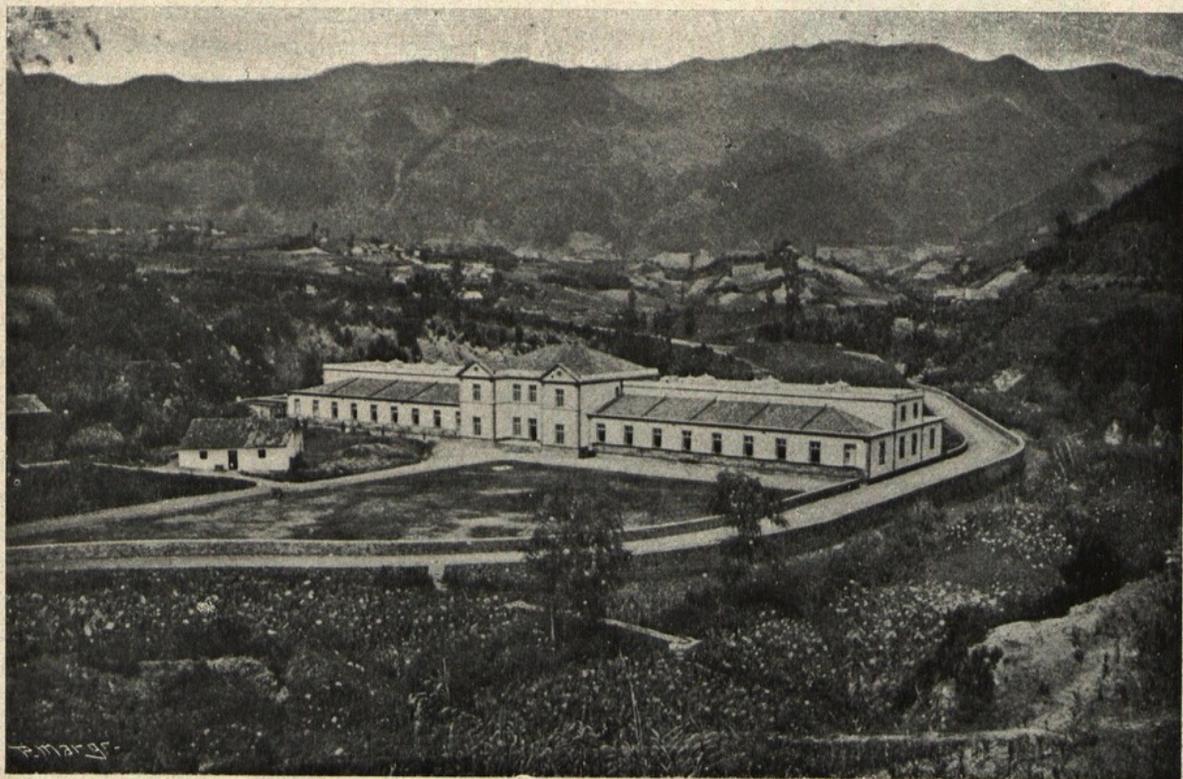
De toda a ilha, de todas as outras ilhas, doentes se encaminham para as Furnas, alguns mesmo a quem a medicina tem desenganado, e fazem-n'o com uma fé absoluta,

com aquella cega crença de certos fanaticos doentes, que beijam, mal o pizam, o chão de Lourdes, sentindo que de novo a saúde volta a seus enfermos corpos.

As Furnas têm bellas aguas — algumas nascentes a que o vulgo attribue propriedades mais ou menos reaes, como as da

ou vivendas mais ou menos apropriadas ás condições duma casa de verão.

Realmente, nenhum local, como as Furnas, reúne tão excellentes qualidades para uma estação de veraneantes, porque alliam á maravilha dos seus panoramas as delicias duma temperatura que não excede 36 graus,



ESTABELECIMENTO PUBLICO DE BANHOS

*agua ferrea e agua azeda*, para a cura de doenças de estomago e para despertar o apetite.

É tambem nas Furnas que tem origem a nascente da agua da Serra do Trigo — excellente agua de mesa que tem largo consumo local e de exportação.

Para fazer uso das aguas das Furnas, todos os verões para lá segue uma leva de doentes do hospital de Ponta Delgada — tristes veraneantes para quem não têm sorrisos as bellezas do valle.

Nos mezes de calor, quando a população chic e endinheirada da cidade emigra para os campos, á procura de sombra e ar, são as Furnas a sua estação predilecta.

Ali, no unico hotel, e por casitas alugadas, se installam os veraneantes, excepto os raros privilegiados que possuem bons *chalets*,

consentindo assim, quando o sol morde a prumo a terra fumegante, que se respire livremente, se góse a frescura duma dulcissima primavera.

\*  
\*

O que as Furnas têm de mais notavel são os seus jardins. Quando se entra em qualquer delles, quando nos embrenhamos no silencio e na sombra das suas ruas, sente-se alguma coisa de sobrenatural, na majestade do arvoredado cerrado, no perfume estontante do ar, no murmurio das aguas correntes...

Numa polycromia de encantar, o chão está coberto de flores, que o jardineiro dispõe em lindos canteiros, ou que brotam espontaneamente por toda a parte. Caraman-



PALACETE E PARQUE DO MARQUEZ DA PRAIA

chões, grutas, lagos, aleas floridas — ha ali de tudo quanto a arte humana soube reunir áquella natureza, milhões de vezes mais artista.

E os donos dos jardins não são egoistas: elles estão constantemente abertos á curiosidade do visitante ou aos folguedos da colonia de verão, que todos os dias vae, á sombra consoladora das suas arvores, distrahir-se em passeios, em leituras, em jogos, em conversas — muitas vezes em *flirts* deliciosos, a que o aroma, a seiva, a belleza e o silencio religioso, onde aves e aguas põem dolentes notas de ballada, emprestam uma excitação romantica, capaz de crear paixões medievas.

A mais rica habitação campestre das Furnas, é a que pertence ao sr. Marquez da Praia e de Monforte — um verdadeiro palacete, onde, ao visitarem o valle, foram hospedados os reis de Portugal.

Fica dentro do seu formoso parque, que se diria dos mais bellos, se entre a belleza de todos elles pudessem existir rivalidades.

Não procurem nas Furnas construcções artisticas. Diriam ellas á maravilha com a formosura esplendente da paisagem; mas o espirito dos endinheirados açorianos, attreito apenas ás commodidades materiaes, não creou ainda o habito de interessar-se por questões de bom gosto

Não ha nada que se assemelhe ás bellas vivendas que tanto abundam em Cintra, em Cascaes, nos Estoris. E quasi tudo simples, pobre, banal.

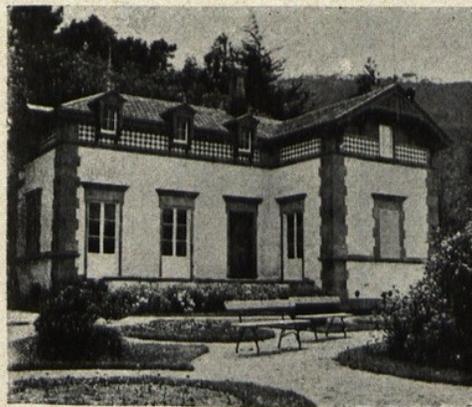
Extranha este facto o visitante que já tem percorrido as praias e thermas portuguezas e estrangeiras; mas recebe ali, por isso mesmo, uma impressão nova, original, não tendo que prender o surpreso olhar mais

do que no grandioso, prodigioso quadro da natureza.

Nem Cintra, nem Estoris, possuem belleza natural comparavel á das Furnas. Tem-n'a, todavia, nas primorosas habitações que o bom gosto e o dinheiro fizeram ali erguer. É assim que, ao visitar esses logares, mais do que no encanto da paisagem, os olhos se nos prendem no primor architectonico das casas, duma elegancia, duma riqueza de fazer inveja.

Nas Furnas, não, não ha invejas de ninguém. Quanto ali existe de grande e de bello, sente-se que é nosso, são de nós todos aquelles jardins, aquellas ribeiras, aquellas arvores, aquellas flores, aquellas montanhas — todas as maravilhas de que um novo Deus dir-se-hia ter feito um novo Eden!

Os passeios predilectos dos forasteiros, são muitos. Quando não é no baixo valle, pelos jardins, ás caldeiras, pelas estradas



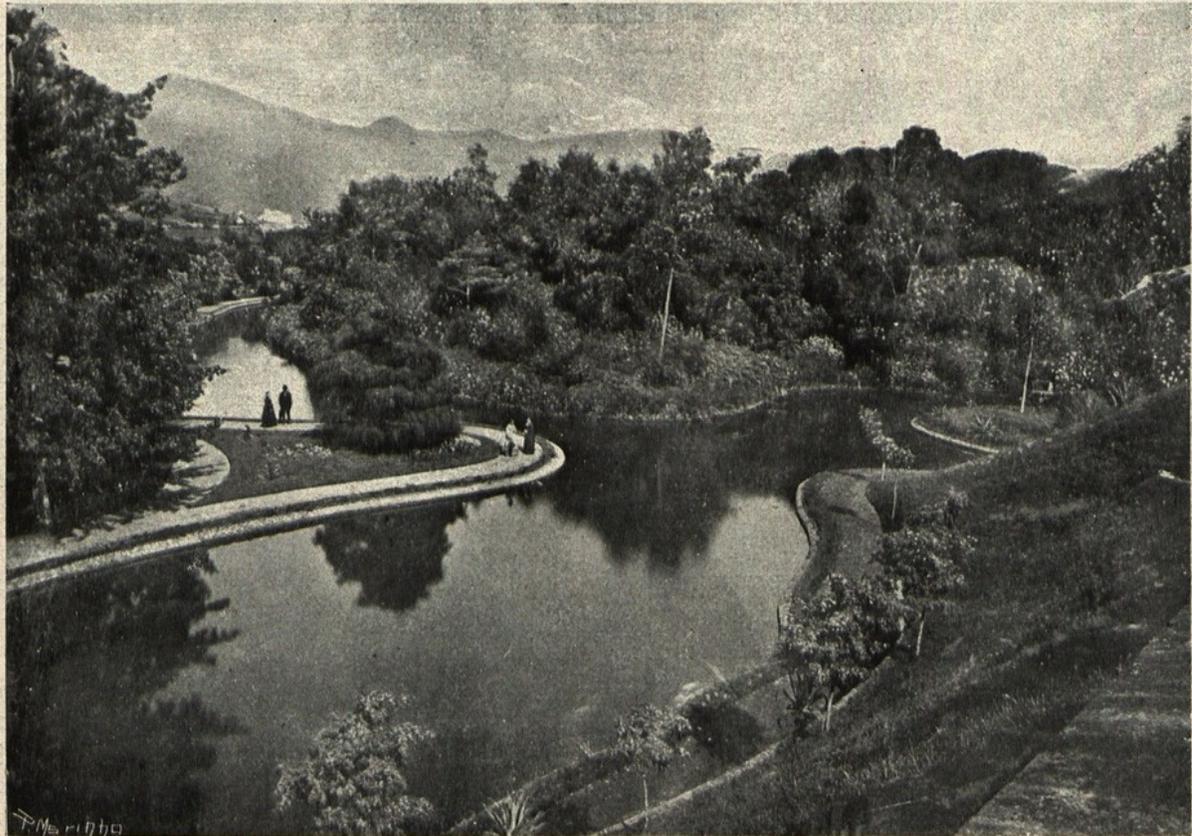
FURNAS — UM CHALET

floridas e frondejantes, é para os altos, a descortinar panoramas, sempre novos e sempre surprehendedentes de belleza.

Dos melhores, porém, é o que se faz á lagôa das Furnas, no alto e a meia legua de distancia do valle.

A lagôa é enorme e profunda, e as suas

do em barcos nos seus lagos encantadores, e á noite nos saraus da assembléa, que passam o tempo os veraneantes das Furnas. Remoçam os velhos na alegria da mocidade e na seiva nova que seus corpos avigora; aquelles ares e aquellas aguas põem vigo-res estranhos em corpos gastos pelas doen-



LAGO NO PARQUE DO MARQUEZ DA PRAIA

margens revestidas duma vegetação riquíssima.

Alguns *chalets* se debruçam sobre ella; e, mesmo á sua beira, lambida, ás vezes, pelas aguas, na epocha das enchentes, se ergue a linda capella da familia Canto, pondo uma impressiva, flagrante nota de pura arte italiana, no meio da grandeza rude que a cêrca.

Ao fundo da elegante capella estende-se um bello parque, onde a espessa vegetação mal deixa penetrar um raio de sol. E' neste parque que existe o *Valle dos Fétos* — fétos enormes que uma natureza tropical ali fez nâscer, para espanto dos botânicos.

E é assim, em digressões pelos montes, vagueiando pelos jardins do valle, passeian-

ças; e o perfume, a majestade, a belleza de todo o valle, enche de sonho o coração da mocidade, na phantastica evocação dum conto das *Mil e uma noites*...

\*  
\* \*

E agora, a caminho da capital, pela estrada do sul.

Emquanto a carruagem vae subindo vagarosamente a encosta, os olhos do *touriste*, muito embora já bastante acostumados á contemplação do panorama, fitam-n'o irresistivelmente, em todos os seus aspectos, nas suas variadas *nuances*, em todas as suas minudencias, de surpresa em surpresa, de

encanto em encanto — parecendo quererem levar bem impressa na retina, para todo o sempre, a belleza que tanto os deleitára, e que lá fica ignorada no fundo, apertada na cadeia das cumiadas — abraço gigantesco de montanhas a prender amorosamente a formosura peregrina das Furnas.

A estrada segue, accidentada e sempre pinturesca. Passa numa das margens da Lagôa;

Lisboa — Setembro de 1907.

e depois, sempre á beira mar, por entre montanhas e arvoredos, transpondo ribeiras, passando por villas e povoados, chega-se ao cabo de seis horas a Ponta Delgada.

O corpo vem cansado, é certo; mas o espirito traz consigo uma destas impressões que nunca mais se esquecem — a impressão da prodigiosa belleza dêsse tão ignorado e tão bello rincão das terras dos Açores.

*Raposo de Oliveira.*



*Confidencia*

# A SENHORA DA PENEDA

Como tive conhecimento da sua existencia  
e formei a tenção  
de visital-a — Primeiras impressões



ama que me creou, precioso exemplar da raça de bons creados que ha muito se extinguiu, por tal modo se affeicou á minha familia que se conservou durante annos na nossa casa; e mais tarde, já velhinha e cega, ainda quiz ver-me, com os olhos d'alma.

Na minha infancia deleitava-me a ouvir-lhe as historias que ella contava, contos singellos e inverosimeis com que se entretinham as creanças do meu tempo.

Foi ella que me narrou a lenda da apparição da Senhora da Peneda, a imagem de maior devoção que existe no Minho, e com tal entusiasmo me pintou as magnificencias do sanctuario e as bellezas do local, que desde logo eu senti um desejo ardente de ir contemplar aquella maravilha, resolvido a fazel-o quando chegasse a ser homem.

Esta ideia nunca me sahiu do pensamento, mas só muito tarde logrei satisfazer os meus desejos; e confesso que a minha desillusão foi completa, porque o sanctuario está muito longe de ser um monumento de arte como eu o imaginava.

E nem ali se realisam festas pomposas ou solemnidades religiosas que estejam em harmonia com a numerosa concorrencia dosromeiros e o avultado rendimento do mosteiro.

As despesas do culto, pagas pelo sanctuario, resumem-se, segundo eu vi e me affirmaram, na sustentação de um capellão e sacristão,

aos quaes incumbe a guarda do templo e suas dependencias.

E todavia durante o tempo que dura a romagem, que é seguramente um mez, quasi todos os dias se resam muitas missas, ha constantes repiques de sinos e estrugem nos ares numerosos foguetes. A miudo apparecem os amortalhados, creanças, na maior parte, e alguns adultos que parecem mascarados.

Algumas vezes veem até fingidos defunctos, dentro de esquifes, seguidos de musica, entrando na igreja com esse acompanhamento.

Ali param para ouvirem um sermão, oração pathetica que tem por thema forçado a morte, e a intervenção da milagrosa imagem.

Observar este formigueiro humano, este vae-vem constante de homens, mulheres e creanças que de differentes e distantes terras aqui veem trazer as suas offerendas á Virgem, arrostando as agruras de uma jornada difficilima, atravez de sendas escabrosas, é isto o que se póde dizer uma maravilha.

Tirem do coração do nosso bom povo as creanças religiosas, substituam-nas pelas lições do positivismo, e verão como se propagam as seitas perigosissimas, que estão intimidando as nações mais florescentes.

## A lenda da apparição

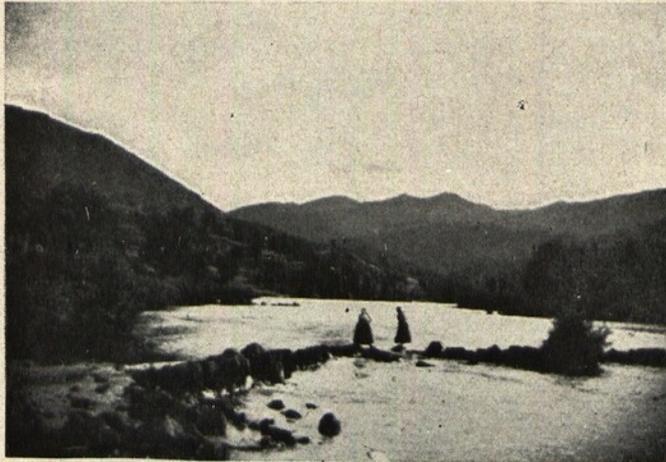
Em uma manhã de primavera fria e humida, uma pastorinha apascentava o seu rebanho de ovelhas e cabras no alto do monte a que hoje chamam Miradouro.

A neblina tornou-se tão densa que a pobre rapariga perdeu de vista todas as suas rêzes e até o seu companheiro inseparavel, um cão que dava pelo nome de *Fiel*.

Afflicta, corria ao acaso, mas parou de subito ao vêr diante de si, cercada de um clarão que a deslumbrou, uma mulher formosissima, toda vestida de branco, e de um olhar encantador.

«Não tenhas medo» — disse-lhe em voz suavissima, aquelle ente sobrenatural.

«Achei em ti a innocencia e em teus paes



O RIO LIMA  
EM BRITELLO

um coração bem formado. Dir-lhe-has que ficaes debaixo da minha protecção, e a abundancia entrará

em vossa casa, se elles conseguirem levantar uma ermida á pequena imagem de Nossa Senhora que acolá está.»

E fallando assim arremessou uma varinha que trazia na mão, a qual, fendendo os ares como um meteóro, foi cahir perto do local onde mais tarde foi edificado o sanctuario.

A pastorinha, voltando a casa, contou o que lhe havia succedido, e os paes foram com ella no dia seguinte, para verem o sitio que a filha lhes mostrou, e pensarem como haviam de cumprir a ordem do céo.

Tal foi a origem do sanctuario, conforme a tradição popular.

Os romeiros encontram no alto do Miradouro uma cruz de granito, que marca o sitio em que a Virgem appareceu á pastorinha.

D'ali se avistam todas as edificações e os

devotos acreditam que serão attendidas as supplicas que fizerem, no seu regresso da romaria, juncto da cruz.

### O local das edificações

—As obras feitas e as administrações passadas

Quasi todos os templos ou ermidas que teem nomeada estão collocados em colinas que se avistam ao longe.

Não é facil de atinar com o motivo que levou os fundadores da Senhora da Peneda a seguirem uma orientação diversa.

O templo está junto de uma rocha altissima que se viesse a deslocar-se, por effeito de um tremor de terra, sepultaria todos os edificios com os seus escombros.

Do lado N. não pôde ver-se, senão de muito perto.



POVOAÇÃO DE ERMÊLO  
É RIO LIMA



O RIO LIMA EM ERMÊLO

Pertencendo pela divisão administrativa ao concelho dos Arcos de Valle de Vez fica a 30 kilometros d'aquella villa.

É pois caso para admirar como se levaram a cabo obras, relativamente importantes, em um local quasi deserto, a tal distancia da villa, e privadas as administrações de todas as commodidades.

O sanctuario compõe-se de uma escadaria com espaçoso portico que dá ingresso a uma rotunda em torno da qual estão seis capel-

las. Continúa a escadaria, interrompida por patamares, tendo aos lados mais dez capellas.

Em seguida um comprido terreiro no qual se armam as tendas e se faz o mercado diario. Ali construíram um enorme casarão, reservado para albergue dosromeiros — impropriamente chamado quartel.

Adiante novas escadas com varandins e diversas estatuas de granito.

Por ultimo a igreja que é espaçosa e de uma só nave, com a capella mór, e quatro altares lateraes.

Tem torre, com quatro sinos, está limpa e

magnitude em local tão falho de recursos.

A este entusiasmo succedeu uma época de desalento que deu logar a que todas as construcções ameaçassem ruina, como o attesta a



RIBEIRA  
NO CAMINHO  
DO SUAJO

aceiada, não sendo notavel a parte exterior, nem a ornamentação interior.

A imagem da Senhora da Peneda, ponto principal da attracção de tantas e tão singulares devoções, é pequenissima e obra, com certeza, de esculptor muito vulgar.

Ignoro a data em que se deu começo a estas edificações, mas presumo que fosse no seculo xvii. É provavel que nos primeiros tempos houvesse um extraordinario fervor religioso, um verdadeiro entusiasmo, porque só assim se poderiam realisar obras de tal



PELOURINHO  
DA VILLA DE SUAJO



UMA CASA DO SUAJO

inscripção gravada na alta columna que se encontra no centro da rotunda, a qual diz assim :

«Sendo Pontífice Pio VI, reinando em Portugal D. Maria I e regendo a igreja bracharense

D. Gaspar, os administradores deste sanctuario, depois de restaurarem as suas ruinas pozeram esta pedra para monumento do seu zêlo. Era de 1787» =

É de crer que foi aquella meza, altamente celebrada, que levou a cabo as obras mais importantes.

Pode-se presumir tambem que passados tempos vieram outros mezarios, completamente relaxados, senão pouco escrupulosos

que enveredaram por caminho diferente da administração de 1787.

Isto mesmo se deprehe de um alvará que eu vi afixado em uma das portas da casa dos milagres, em 1883, cujo original deve existir no archivo do governo civil de Vianna, e se resumia no seguinte:

«Constando que a meza administrativa tem praticado actos menos regulares, hei por bem dissolvê-la, nomeando uma commissão provisoria, composta de cavalheiros respeitaveis, a fim de que os devotos possam ter a segurança de que as suas esmolas serão de futuro devidamente applicadas.»

O procedimento da auctoridade confirmou o que então corria de bôca em bôca — que alguns abades das freguezias limitrophes haviam adquirido quintas rendosas á sombra da milagrosa imagem.

Terão sido mais honestas as administrações subsequentes?

Terá sido devidamente applicada a somma das esmolas que os milhares de romeiros ali vão levar todos os annos, a troco de enormes sacrificios, unicamente amparados pela sua fé inquebrantavel?

Voltei de novo áquelle sanctuario ha um mez, decorridos 23 annos depois da minha primeira visita, e não encontrei obra alguma em que se possa ter applicado a somma relativamente avultada das esmolas recolhidas.

Eu não sei ao certo a quanto ascende aquelle rendimento, mas vi que ha dias de 300\$000 réis, 500\$000 réis e até de 1:000\$000 réis.

Perdão. Não quero furtar-me ao dever de confessar que de passagem na villa dos Arcos, deparei com uma taboleta que tem a legenda — *Asylo dos entrevados de N. S. da Penêda.*

Deve-se presumir pois que os ultimos administradores, com a approvação da auctoridade respectiva, resolveram applicar o rendimento

do real sanctuario ecclesiastico, em beneficio dos entrevados pobres da Penêda, dos invalidos que habitam n'aquellas immediações.

E tantos serão elles?

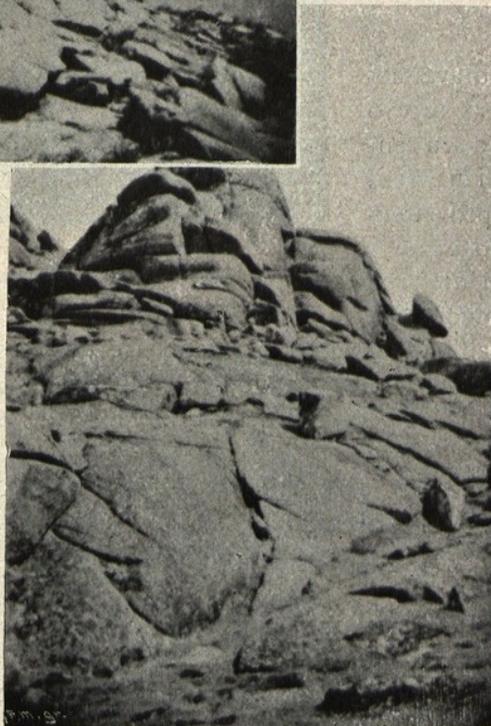
E não haveria applicação mais rasoavel, mais em harmonia com os interesses do san-



MONTES DO SUAJO



UMA RUA DO SUAJO



PENEDIAS NO CAMINHO DO SENHOR DA PAZ DO MUNDO

ctuario e mais conveniente ou proveitosa aos milhares de romeiros que o frequentam?

Eu julgo que, se estes ultimos fossem consultados, diriam *una voce* que o emprego

mais sensato seria a immediata construcção d'uma estrada de rodagem, que possa tornar mais facil o accesso áquella remota paragem.

D'esta obra, que todos reclamam, resultaria sem duvida um



A SENHORA DA PENEDA,  
DO CIMO DO MIRADOURO



DESCIDA  
DO  
MIRADOURO

notavel ac-  
crescimo  
no seu ren-  
dimento,  
aproveitan-  
do equal-  
mente aos  
povos que

habitam aquellas montanhas e que nas condições actuaes se pódem considerar condemnados a perpetuo desterro.

#### Caminhos diversos

— Mais commodo é o de Melgaço,  
mais frequentado o da Barca

Para ir á Peneda póde-se escolher o caminho segundo o gosto ou os recursos.

O mais commodo, com certeza, é aproveitarmos da via ferrea até Valença, fretar um carro até Melgaço e fazer o resto do percurso a pé ou a cavallo. D'esta forma é mais curta a travessia nas montanhas, e não é preciso affronter os fortes declives que se encontram do outro lado. Seguindo esta direcção, visitamos uma região pobrissima, que constitue uma novidade para quem nunca sahio do centro da



MONTES SOBANCEIROS AO RIO TIBO

mimosa provincia do Minho. N'aquelle tracto de terreno, que não é pequeno, não se cultiva o milho nem qualquer outra arvore fructifera, não se vê o pinheiro nem o carvalho, apenas ali vegeta o vidoeiro (betula alba), que fornece a madeira indispensavel para a construcção das casas e utensilios

de lavoura, e a giesta que dá lenha e cama para o gado.

A alimentação do povo reduz-se a leite, batatas, pão negro de centeio e carne de porco ou gado caprino.

A neve é ali constante durante todo o inverno.

Seguindo esta direcção a jornada fica mais cara.

Mais barato é, sem duvida, ir pela estrada de rodagem até Arcos de Valle do Vez ou Ponte da Barca, e d'ali continuar a cavallo ou a pé.

Indo pelos Arcos, tem de passar-se em Chão de Grade e Aboim das Choças até ao Senhor da Paz, onde vae reunir-se o caminho que vem da Barca.

Não se encontra nada notavel n'este percurso, e d'esta monotonia resulta o aborreci-

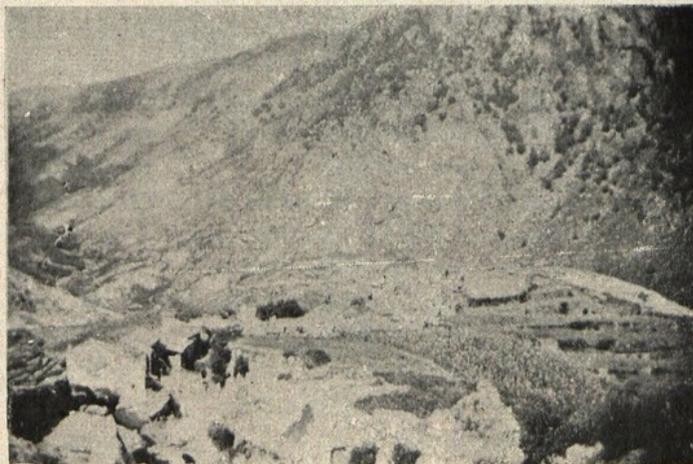
mento que parece augmentar as difficuldades da jornada.

Mais pittoresco, mais attrahente e alegre é, incontestavelmente, o caminho de Suajo.

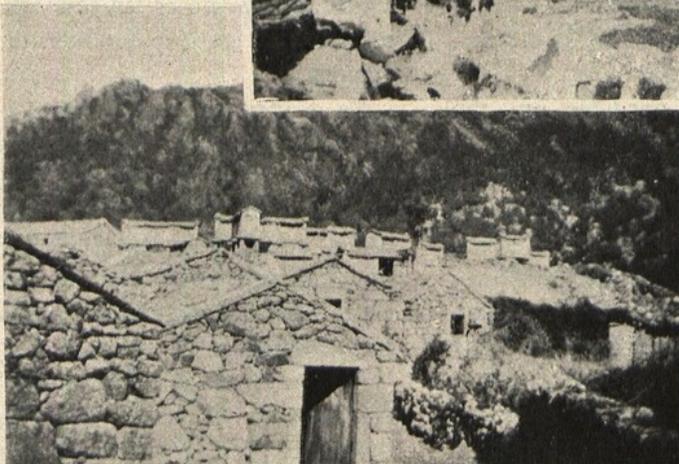
Sahindo da Barca, caminha-se umas boas duas horas entre pinhaes e devezas até uma pequena aldeia chamada Entre os Rios, um pouco adiante passa-se sobre poldras um ribeirão que deve ser torrencial no inverno, depois segue-se ao longo de campinas de uma vegetação luxuriantte até que nos abeiramos do Lima, que vamos atravessar

estio, mas passagem sómente para quem tiver pernas de gamo.

Em Ermêlo houve outr'ora, segundo affirma



POVOAÇÃO DE TIBO  
VISTA DO ALTO



INTERIOR  
DA POVOAÇÃO  
DE TIBO.



VALE DO TIBO

em um barco tosco, mas solido.

Aqui o rio é fundo, as aguas negras e as margens muito inclinadas teem pouco de agradável.

Segue-se a margem por larga distancia e então se nos depara, perto do Ermêlo, uma lindissima paisagem; o rio, cujas aguas ali são baixas, dá passagem em poldras, durante o



RIO DA PENEDA

testa o pelourinho de tosca esculptura, que é um especimen notavel d'estes monumentos.

Pinho Leal um convento de frades e freiras, no seu começo, e depois só de monges.

Colhem-se nesta aldeia muito boas uvas e outras fructas, prova de que é optimo o clima d'estas terras.

Um pouco além deixa-se o rio para subir o monte, por vezes de difficilimo accesso, com terriveis des-

penhadeiros, até que em restricto planalto se entra na antiquissima povoação de Suajo, que outr'ora foi villa, com foral dado por D. Manuel, em 1514, como o at-

Tem a villa muitas casas mas todas de aspecto pobrissimo, pequenas, de pedra e sem revestimento de cal. Fóra, não muito distante, está uma agglomeração de espigueiros, que vista de longe parece um outro povoado.

Esta reunião, que verificamos ser de uso entre todos os habitantes da serra, prova que esta boa gente respeita o alheio, o que não succede em outras terras, aparentemente mais civilizadas.

Deixando a villa, continua-se a ascensão da serra, indo descansar por alguns minutos no alto do Senhor da Paz, nome que lhe vem de uma capella bastante espaçosa, mas pobrissima e ainda não concluida. N'este local, faz junção o caminho que vem dos Arcos.

Um pouco além fica a povoação de Adrão; é menor e mais pobre que Suajo.

Recuperadas as forças perdidas em tão penosa e longa jornada, recomeçamos a ascensão da serra para a treparmos ao ponto culminante, que é conhecido pelo nome de Miradouro, logar em que se realisou a apparição da Virgem, segundo a lenda. Julgamos alfim haver vencido todas as difficuldades, porque d'aquellas alturas se avista o famoso sanctuario, mas em breve reconhecemos que estavamos illudidos, e, olhando para baixo, se apodera de nós o desanimo contemplando aquelle despenhadeiro, mais difficil de descer do que foi a subida do lado opposto.

E, além ainda um grande percurso que não se vencerá em duas horas de bom caminhar.

Geraz do Lima — Outubro de 1906.

Concluida a descida do Miradouro, entramos na freguesia da Gavieira que, segundo diz Pinho Leal, tem 120 fogos e é sem duvida uma das mais extensas da provincia do Minho.

Os seus terrenos cultivados, que occupam uma grande área, produzem uma grande quantidade de milho, e poderiam dar outros productos de mais valor, se um caminho de ferro, ou pelo menos uma estrada de rodagem, tornasse facil o seu transporte para os centros povoados.

A sua fertilidade explica-se pelo grande numero de fontes que brotam da serra, regando abundantemente os seus campos.

Seguindo o ribeiro de Tibo, subindo ou descendo, conforme as successivas ondulações do terreno, chegamos finalmente ao termo da viagem.

Se a jornada é difficilima, o viandante dá-se por bem pago de todas as fadigas com tudo o que tem visto.

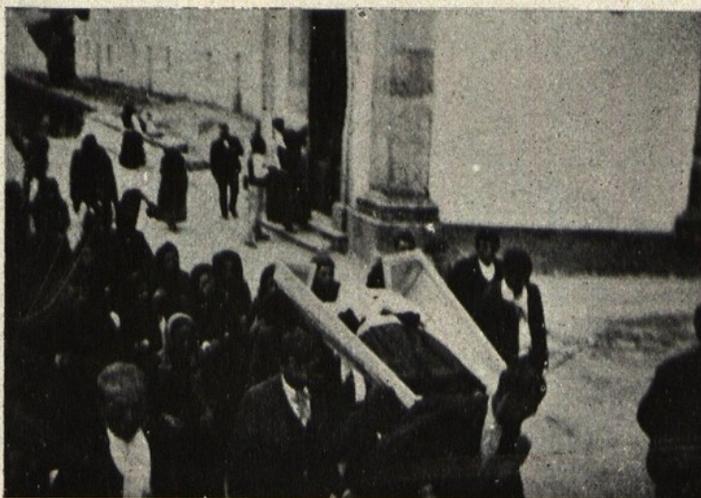
Esta região, a bem dizer desconhecida de todos aquelles que por nenhum motivo renunciam aos seus commodos e confortos, é a bem dizer um pedaço da Suissa transplantado para Portugal.

Tem montes altissimos em que se mostra em toda a sua nudez a rocha negra, claramente de formação vulcanica, como se tivesse sahido recentemente do centro da terra.

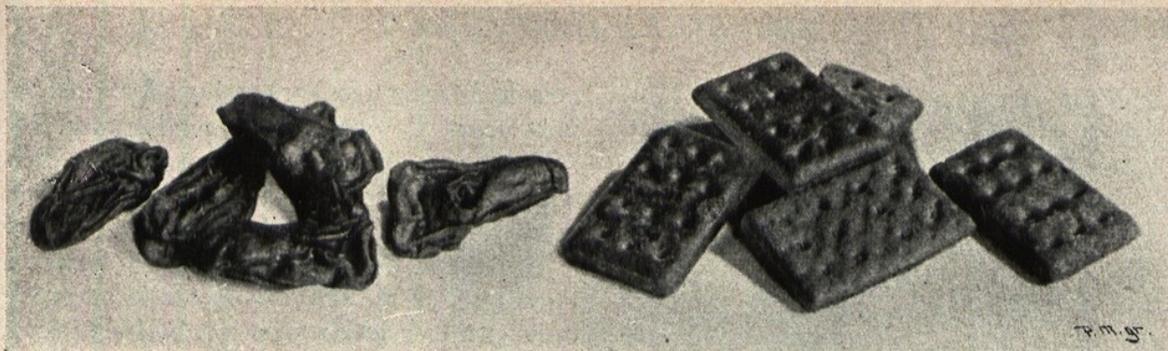
Para substituir os lagos, tem o rio Lima e os seus affluentes, em muitos logares, de um encanto sem equal.

JOÃO A. TORRES.

(Chichés de José Torres.)



O CUMPRIMENTO D'UM VOTO  
Cortejo conduzindo uma mulher que fez a promessa  
de ir dentro de um caixão à Senhora da Peneda



OSTRAS CHINEZAS, SECCAS AO SOL

BOLACHAS CHINEZAS DE CHÁ PRETO

## Acepipes da China

**P**ARA o gastrônomo chinês poucas iguarias ha mais delicadas do que a barbatana de tubarão. Houve tempos, já bastante remotos, em que os tubarões infestavam as costas da China, á espreita de uma boa peisqueira na pessoa dos banhistas, a ponto que nas populações costeiras não havia quem se arriscasse sósinho a entrar pelo mar dentro. Vae senão quando, um mandarim guloso descobriu que a barbatana dos tubarões era um pitéo magnífico. Não tardou muito que a moda se propagasse, e assim foi continuando até aos nossos dias, cada vez subindo mais os preços, e tornando-se os pescadores de perseguidos em perseguidores do temível bicho. O resultado é o exterminio quasi completo dos tubarões. Teem de se fazer prolongadas e laboriosas expedições por páramos já quasi desertos do apetecido peixe, e o preço regula entre 57000 a 67000 réis o arratel. O especimen que apresentamos em gra-

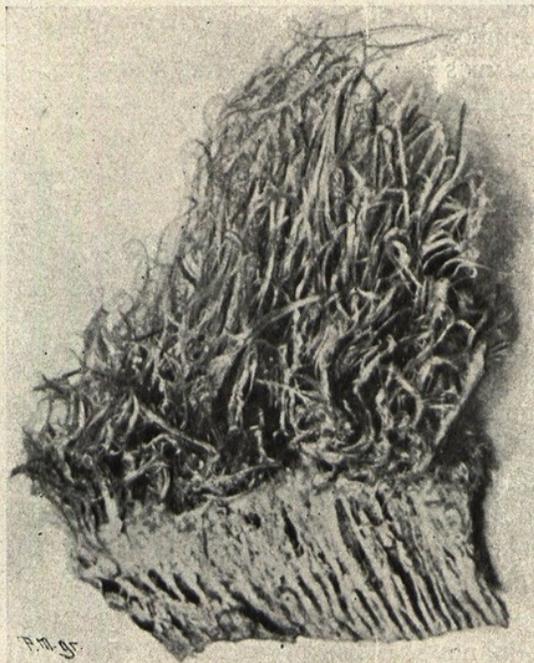
vura é um bello pedaço que pésa meio arratel e vale 37000 réis da nossa moeda

Para se cosinhar, precisa a barbatana estar de mólho umas duas horas, e depois outras duas a cozer. A parte mais succulenta é a arreigada da barbatana.

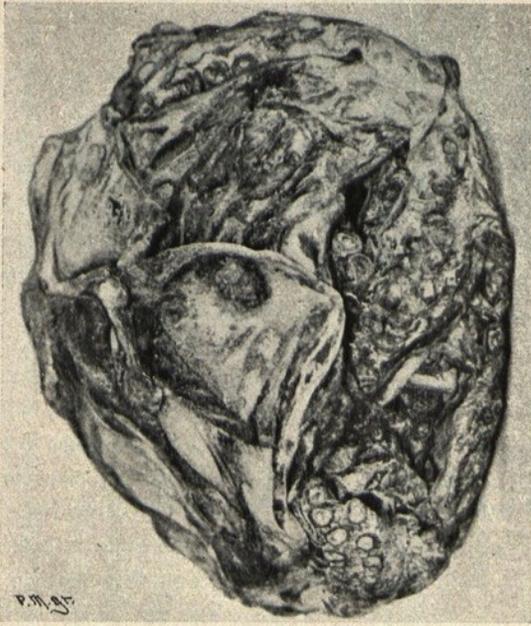
Entre outros acepipes da meza chinesa podem mencionar-se as bolachas de chá preto, todas côr de azeviche, vendendo-se a retalho por 17000 a 17400 réis o arratel. Não são doces e assemelham-se muito no sabor á bolacha americana de embarque.

Um petisco muito apreciado são as ostras seccas. Teem em si muito mais substancia do que se julga. Uma duzia d'ellas, com pão, constituem uma refeição bastante substancial. O preparo é simples: mettem-se as ostras frescas em salmoura common, e depois seccam-se ao sol. Comem-se cruas ou cosinhadas.

Tambem os chinas guardam o chamado «oleo de ostra» em latas. Salgam-n'o tanto



O «SAM-CE-CHE» OU BARBATANAS DE TUBARÃO



POLVO GIGANTE SECCO

que o receptaculo fica quasi um terço cheio de um deposito de sal. Realmente, não existe oleo nenhum na lata. O conteudo consiste simplesmente, além do sodio, em suco espremido e concentrado de ostras meio podres, de uma côr escura, usado como tempero.

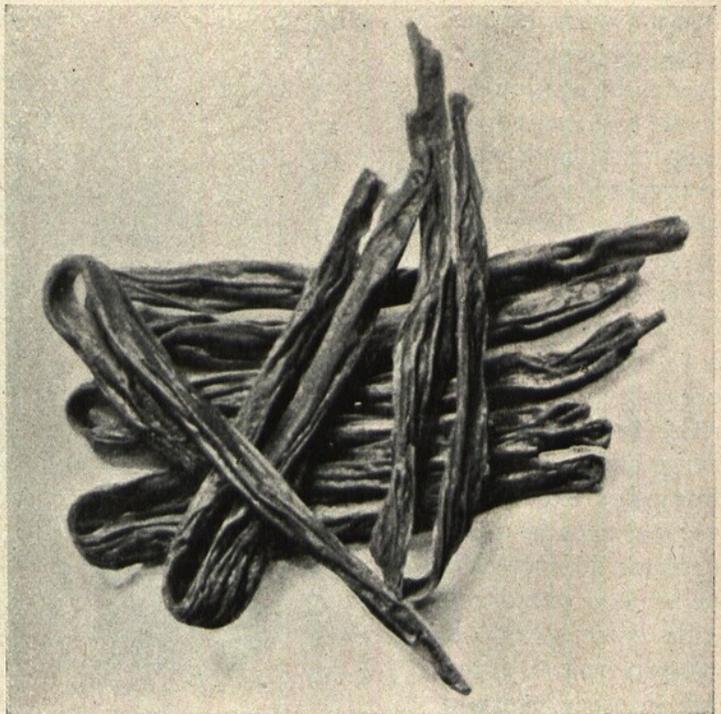
E famosa em todo o mundo a sopa chinesa de ninhos de passaros. As hastes dos ninhos comestiveis custam entre 17000 e 107000 réis a onça (cerca de 29 grammas), sendo portanto este, entre os conhecidos, o alimento mais caro do homem. Os ninhos não se encontram na China, mas são importados da ilha de Java. Quem conhecer o sabor da albumina do sangue cosinhada, pode fazer ideia do sabor d'estas hastes de ninhos, accrescentando-lhe o gosto da gomma de cerejeira secca e de migalhas de pão seido que lhes deitam. Não é de supôr que tal petisco tenha propriedades nutritivas superiores á geleia de mão de vacca.

Essas hastes podem cosinhar-se sem estarem previamente de molho, embora os bons cosinheiros tenham por uso terem-n'as de molho durante uns poucos de dias. Conservam a sua fórmula, semelhante ao macarroni, mas incham até ficarem com o dobro do tamanho, de-

pois de estarem uma hora ao lume forte: é esta uma prova de que não são adulteradas. Na realidade, ainda não houve maneira pratica de imitar ou substituir este singular producto da saliva da avesinha de Java.

Na China, o chá não se bebe só; come-se tambem. Faz-se uma salada muito saborosa com as folhas inteiras do *biepjeki-chai* (chá virgem), a mesma planta com cujos residuos se prepara a infusão que nós bebemos. Depois de terem servido no bule, suspensos de um fio de seda, os mólhos de chá puro tiram-se para fóra intactos, e suspendem-se durante quinze dias n'um frasco cheio de vinagre branco. Ficam em seguida promptos para acompanharem as comidas frias do lunch, sob a fórmula da mais requintada e rara das conservas. Só se comem as folhas tenras; os talos deitam-se fóra.

Outra especialidade gastronomica são as lulas e chocos, que ordinariamente apparecem á meza com pratos de arroz. Por dois motivos importantes se faz a pesca d'estes moluscos: pela sepia que elles fornecem e que serve de base á tinta da China, e pelo apreço que lhes dão como iguaria. E porventura o mais substancial dos alimentos marinhos. Infelizmente, contem sempre areia, que é quasi impossivel lavar completamente dos seus milhares de ventosas.

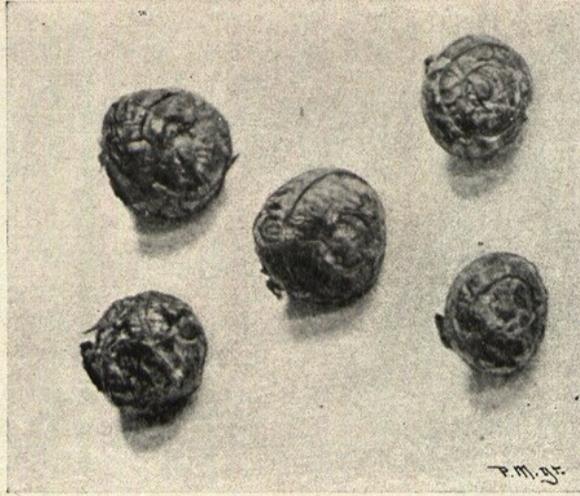


MACARONI DE FARINHA DE CASTANHAS

Morangos com caroços! E' esta a particularidade do morango branco da China. Enquanto se desenvolve na planta, é vermelho como o de Cintra; o que se encontra á venda, conservado em jarro, é quasi côr de neve, com uns delicados tons rubescentes. Para os conservar, tiram-se-lhes primeiro os caroços,

que são rijos, do tamanho approximado de uma avelã. Este morango branco é afamado como a mais deliciosa de todas as deliciosas fructas do Oriente. Ainda com o caroço tirado, fica um fructo carnudo e tamanho como os maiores morangos da Europa. O seu sabor é especial e exótico, muito differente do dos nossos, muito parecido com a doçura das uvas moscateis. Não se serve nunca com crême, mas com o sumo fresco da canna saccharina do sorgo, que é de per si excelente. Conservam-se em jarros de vidro, mergulhados n'esse mesmo sumo.

Muitas curiosidades culinarias da China não permitem illustração, ou são difficilimas de encontrar; taes como: o macaco assado da China Meridional; o jacaré de conserva, importado como magnifico acepipe; o figado secco de gansos enfermos; as vergonteadas de bambu, com um sabor semelhante ao do nabo, mas sem o adocicado; os pedaços, frescos ou seccos, da canna saccharina do sorgo, que se servem á sobre-

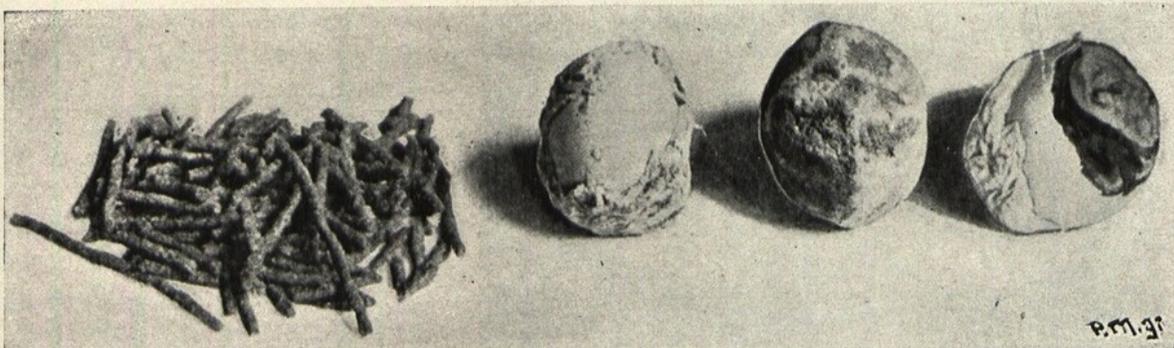


AS CASTANHAS ESPECIAES DA CHINA  
USADAS NO FABRICO DO «MACARONI»

za; e uma serie de fructos e legumes estranhos. Entre elles contam-se os melões azedos, que são simplesmente pepinos da China, postos de conserva com casca e pevides, e que são assaz desagradaveis ao paladar occidental; o chamado *gutow*, que parece um irmão oriental da cebola da Europa e cuja deglutição exige uma ablução purificadora do halito; a agridoce *carambola*, que nem por isso é de grande estimação; e outra fructa que tem um cheiro semelhante ao dos ovos estragados, e que attinge preços consideraveis.

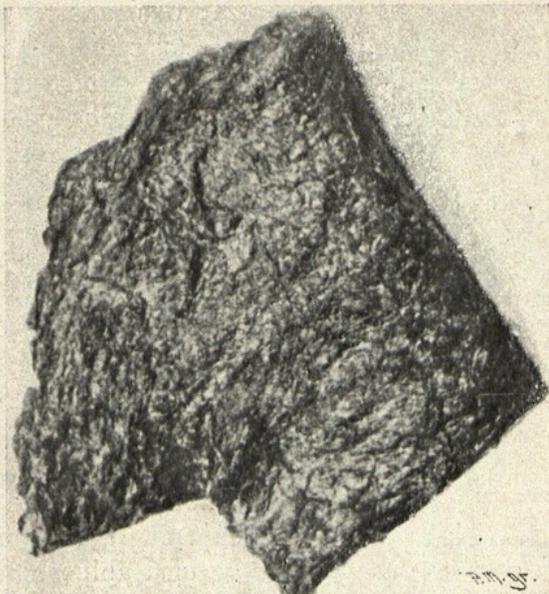
O *yuenan* é uma fructa parecida com a cereja e tem um caroço enorme. O *ypyk* ou *uruk* é uma especie de ameixa, contendo no caroço uma amendoa semelhante ás nossas amendoas doces; é o unico fructo conhecido de que são comestiveis tanto a polpa exterior como o interior do caroço. O *ypyk* dá-se tambem fóra da Asia.

Os ovos *amadurecidos* dos chinezes encontram-se no commercio sob dois aspectos: ou envoltos n'uma camada bastante espessa de terra preta e dura, ou com uma codea de substancia esbranquiçada que evidentemente provem dos refugos de cereaes. O conteúdo dos ovos pretos é branco de neve; o dos esbranquiçados é negro de azeviche e luzidio. Não são ovos podres, segundo a ideia que nós ligamos a esta palavra; são



HASTES DOS NINHOS COMESTIVEIS

OVOS MADUROS, MOSTRANDO O INTERIOR NEGRO



ESTEIRA DE ALGAS COMPRIMIDAS

ovos *maduros*, eis o que são. Comem-se quentes ou frios, com salada de folhas de chá, e podem conservar-se mais de meio seculo.

O macaroni de castanhas (denominado pelos próprios chinezes macaroni, á italiana) é um alimento deveras nutritivo. Serve-se geralmente com carne de cão cozida ou com gato estufado. Quando de estragado já se esboróa, prepara-se n'uma especie de pastelão, iguaria soffrivelmente repugnante, com um paladar que faz lembrar o cheiro do sulfureto de hydrogenio.

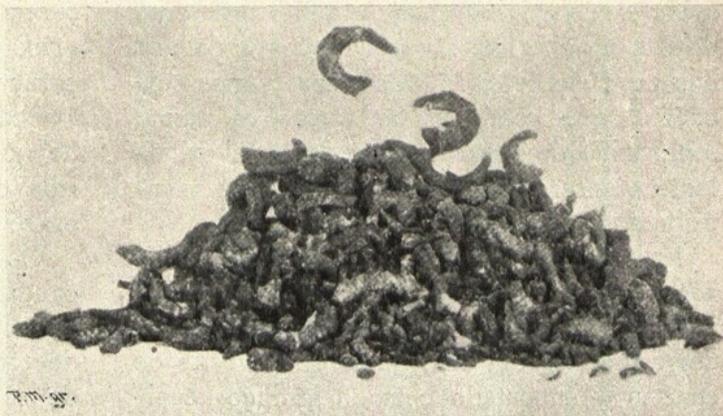
Os bichos do arroz, seccos e salgados, são conhecidos pelos chinezes sob o titulo euphemico de *peixes de arroz*. São uns insectos, semelhantes ás

centopeias, que infestam os arrozaes; mas amigo china aproveita-os, como quem tudo aproveita, para alimento. É prato de encher, sem satisfazer, produzindo flatulencias como a feijoada.

As algas marinhas comprimidas teem muitas applicações. Usam-se á meza, em sopa; como hygrometro de familia, variando de humidade, conforme a temperatura sobe ou desce; como curativo da insomnia, postas na cara, inhalando-se pelo nariz o persistente aroma semi-ozonico; como esteira de meza, quando se quer encher um pequenino aposento de rescendencias marinhas. Mas afinal, depois de prestados todos esses serviços, as algas veem sempre a acabar na terrina.

O chamado *pato de Bombaim* é simplesmente peixe escalado, estragado e podre de todo, que se secca depois ao sol e que se esmigalha entre os dedos.

As bolachinhas brancas de farinha de arroz contrastam singularmente com as bo-



BICHOS SECCOS DO ARROZ

lachs negras de azeviche. As primeiras são muito doces e impregnadas de oleo de arroz. São as bolachas mais brancas que se conhecem, e usam-se como emblema de pureza em todas as cerimoniaes religiosas e domesticas do Celeste Imperio.

Eis as principaes e extranhas iguarias com que se costuma variar um *menu* chinez. Não é de presumir que a sua descripção faça crescer agua na bocca de um europeu, nem lhe inspire desejos de conhecer a culinaria do Extremo-Oriente, tão extranha ao nosso paladar.



BOLACHINHAS BRANCAS DE ARROZ

# A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

## Parte II—O PAIZ

### IV

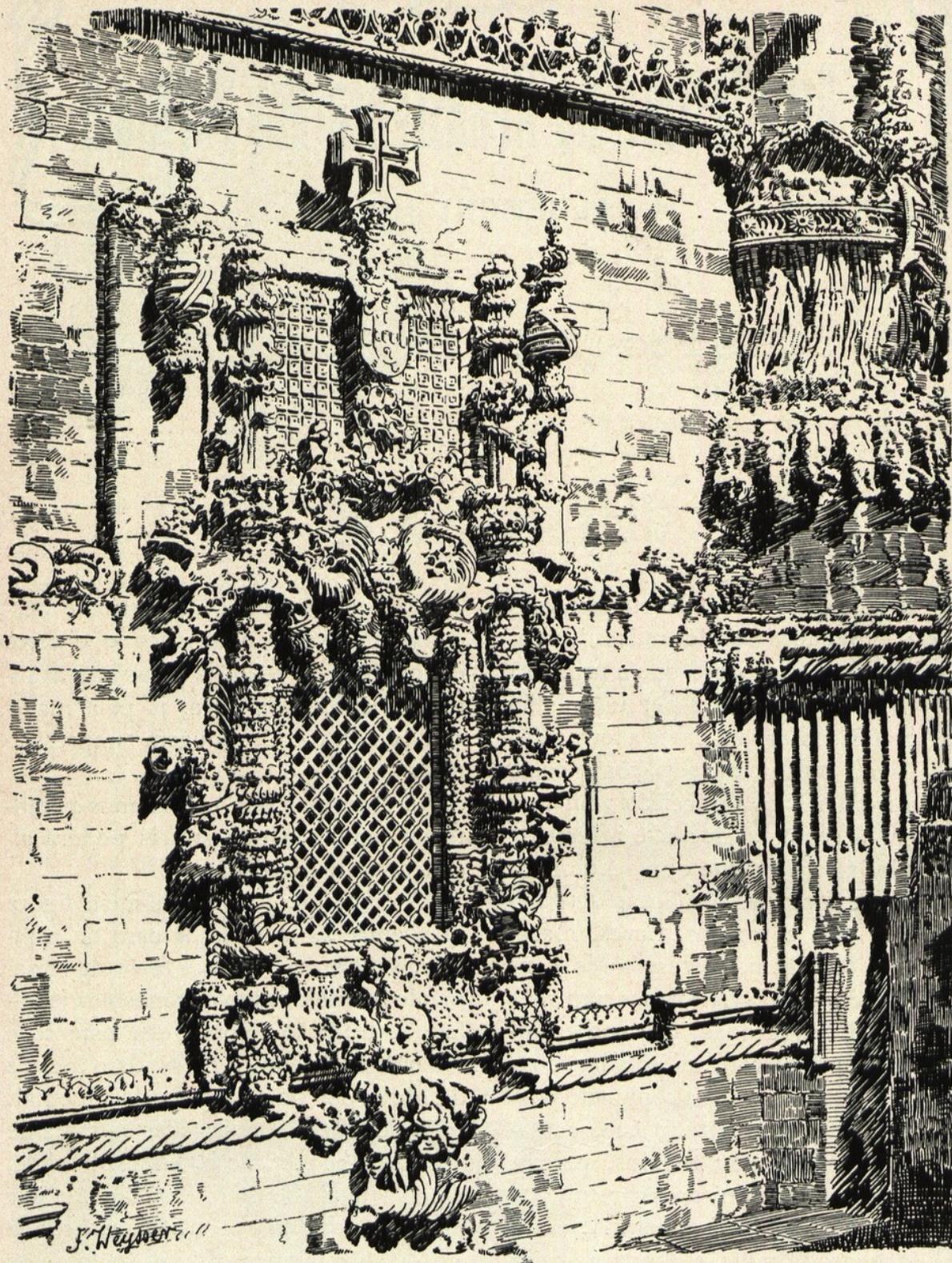
### THOMAR

**S**EGUINDO para o Norte notamos mudança nas fórmulas decorativas. Ao passo que a primeira janella fechada por uma linha parabolica conserva todavia a fórma das de Belem, ou, ainda mais conspicuas, as da frontaria da Conceição velha, de Lisboa, a segunda janella e a fachada olhando para o poente apresentam um mundo de fórmulas absolutamente novas. Mastros e troncos, flores, maranhas de folhagem, raizes, tóros contorcidos em calabres, fórmulas naturaes nodosas e atarracadas, de crua e pinturesca reproducção, mésccladas com pormenores indicos num conjuncto portentoso. Primando a tudo isto, os rotundos botareus dos angulos, percintados a meio com uma pretina de fivelas (a ordem da Jarreteira?); junto das janellas de volta redonda e acima dos restantes os da casa do capitulo, surgindo por detrás destes, constituem a mais estupenda creação da Architectura através dos tempos. Poderá, talvez, no classico sentir, antolhar-se o conjuncto inculto e selvatico, capri-

choso e ainda rude, e todavia, o descommunal vigor naturistico e o estro exuberante do todo, já pelas importantes dimensões da obra, já pela maestria do lavôr, produzem impressão inolvidavel.

As estampas que publicamos patenteiam aquillo a que jamais poderá alcançar a descripção.

E' digna de menção a meia figura que, entre as janellas da casa do capitulo, segura nas mãos o lavôr de raizame do emmoldurado das mesmas janellas. A tradição aponta este ostentoso e barbudo sujeito como sendo o mestre da obra, por nome Ayres do Quental. João de Castilho goza aliás da fama de auctor desta edificação. E não obstante, em Portugal, hoje em dia, convém dar maior importancia ás tradições do que em outro qualquer paiz, visto como os incolas falam dos tempos do grande terremoto e de Pombal como se fôram factos da vespera. E quem haverá que possa impugnar-nos a hypothese de haver o tão operoso architecto traçado a planta e superintendido aqui, como em



CONVENTO DE THOMAR E JANELLA DA CASA DO CAPITULO

outras muitas localidades, nos trabalhos, enquanto dedicava o melhor de suas faculdades aos de Belem, assim como o haver sido o legitimo quanto activo

mestre e iniciador desta edificação? E d'ahi, Ayres do Quental é possivel ter sido esculptor e mestre canteiro, o qual, depois da obra se achar erguida em

bruto, e em seguida a haver acompanhado desde o começo e mais extensivamente, manifestando capacidade, em boa paz e harmonia os trabalhos em Belem, avançando passo a passo no caminho da encetada emancipação, indubitavelmente, porém, influido pela impressão e pelo estudo dos edificios indianos, influencia que aqui se não pode negar, proseguisse ainda com mais velocidade e mais vigor do que o proprio mestre que dera o lamiré, tanto mais visto poder agora concentrar o conjuncto de suas aptidões na elaboração das minudencias.

Indianas são pois e ficaram sendo no exterior as acantoadas agulhas das três columnas acoruchadas e sobrepostas aos pilares dos angulos. Indiana acima de tudo a janella da casa do capitulo pela parte de dentro.

Como pois ficou exposto encontra-se abaixo da extremidade septentrional do edificio do côro a nova casa do capitulo, onde se reuniam os freires da Ordem. A igreja, occupando o ponto mais elevado do monte, campeia imponentissima acima do ingreme desladeira, e antes de cobrirem o terreno subjacente os diversos lanços do claustro, haverá apresentado, vista de longe, aspecto gigantesco. Nesses tempos em que, para

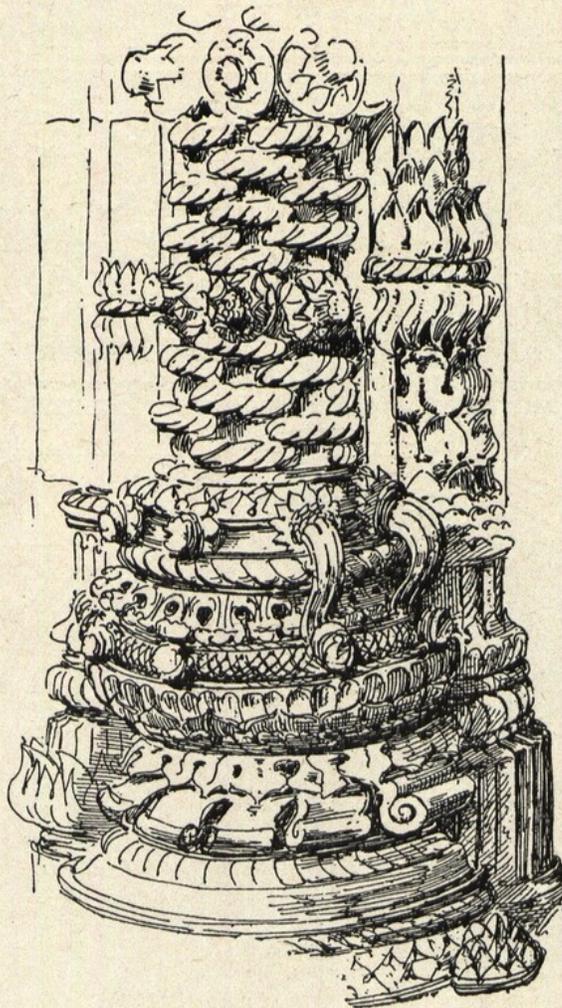
quem atravessava o formoso terraço ao nivel da igreja, ella era accessivel pelos ricos lanços de escada, foram utilizadas as colossaes substrucções da extremidade septentrional por debaixo do côro para a erecção da almejada casa do capitulo. E todavia, esta dominava ainda de tamanha altura o ter-

reno, que se tornou possivel a edificação, abaixo da empêna da frontaria, de um luxuoso e pequeno claustro de três arcarias por banda, cujo eirado superior nem sequer ficava ainda á altura do pavimento da mesma casa. Foi consagrado a Santa Barbara.

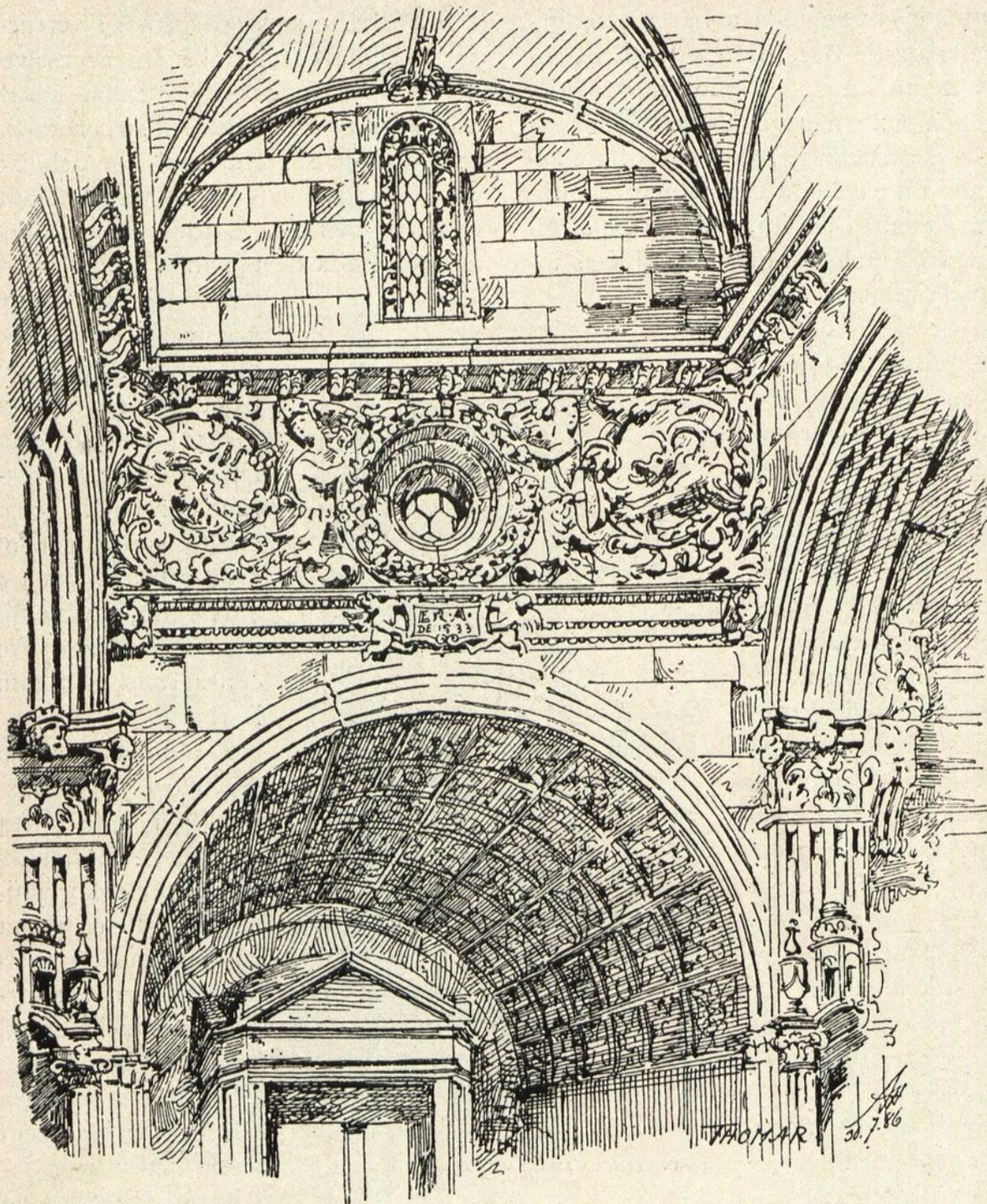
A alludida casa do capitulo é pois accessivel por uma porta do andar superior do adjuncto claustro philipino. Esta porta patenteia aliás a selvatica e robusta ornamentação da fachada do Norte.

Cobre a propria sala capitular recebendo luz de uma janella uma abobada de

curva muito abatida, magistralmente artezoadada. A possante abertura, circundada por molduras ornamentaes, do mais opulento lavôr é, entre todos os trabalhos por nós conhecidos aqui, aquelle que mais conspicuamente manifesta o estudo e a imitação de exemplos indianos. Os pormenores respectivos claramente o patenteiam. Encontram-se as mesmas fórmulas no palacio dos Rajás



DO INTERIOR DA JANELLA DA CASA DO CAPITULO



ANGULO DO CORREDOR NO CONVENTO

em Goverdhum (1). A semelhança fere a vista desde logo.

O referido claustro de Santa Barbara apresenta luxuosos columnélos no

1) Dr. G. le Bon, *La civilisation des Arabes*. Paris. Firmin Didot, 1884, p. 595.

estyllo da primeira Renascença e com arcos ogivales.

A circumstancia de não estabelecer o eirado que o encima o definitivo pavimento, denunciam-n'a ulteriores sobreposições de columnas e de arcos por baixo da casa do capitulo.

A maneira como seriam implantadas,

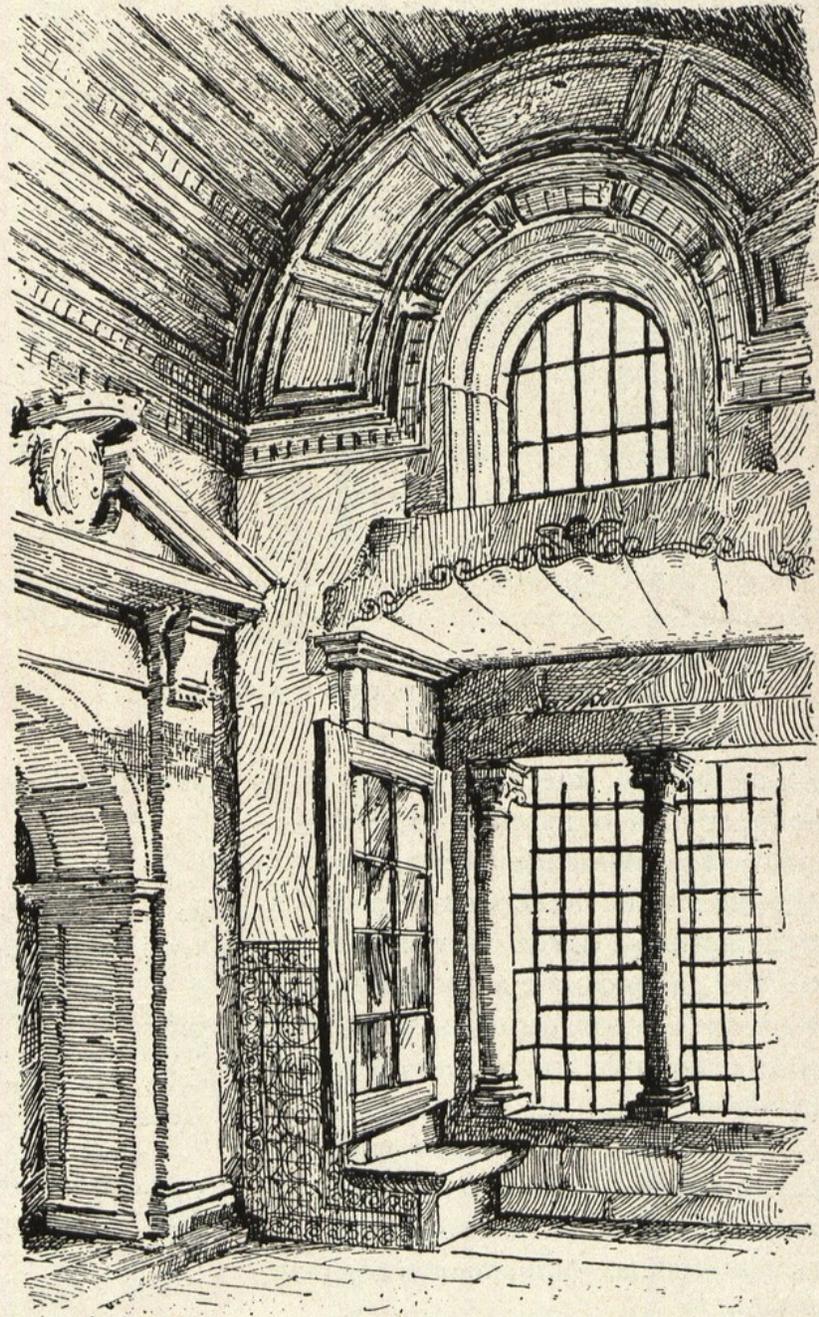
em tempos de D. Manuel, as ampliações não é facil de deslindar; a propria ligação com estes lanços tão juntos não é clara.

Seria esse o motivo de haverem sido deixadas em suspensão as construcções ulteriores.

O facto de haver D. Manuel ficado áquem dos seus projectos de ampliação, resalta já da sua ultima edificação realizada aqui, isto é, a casa do capitulo. Além d'estas menciona ainda Castilho entre o numero de suas obras os aposentos da Rainha; a estes devemos nós porém considerá-los como acrescentamentos aos Paços do Infante D. Henrique, onde o rei e sua familia podiam hospedar-se; nomeadamente os mesmos aposentos, nos quaes, temporariamente, fallecido D. João III, se alojava a rainha D. Catharina, ampliando-os.

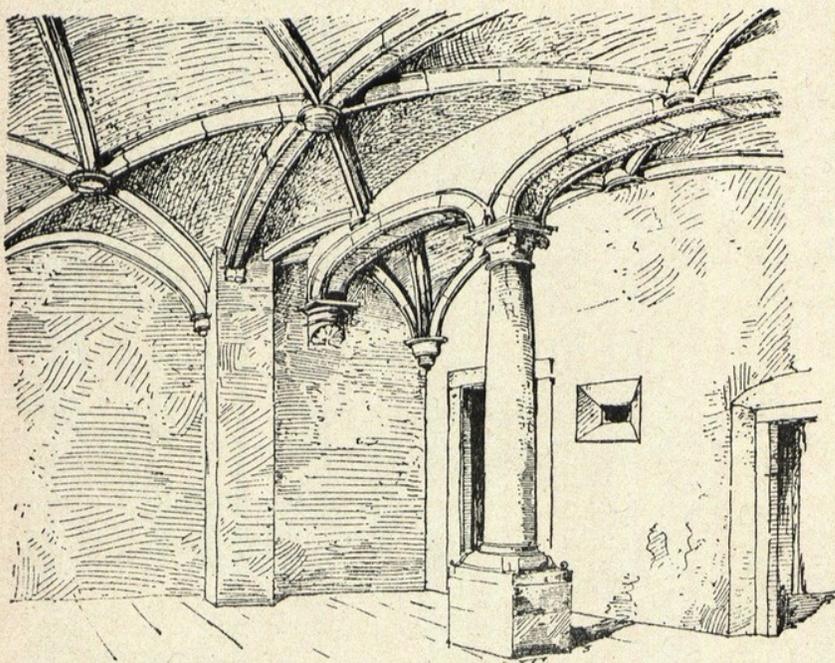
Para os Capitulos da Ordem sob a regia presidencia, e que foram aqui por duas vezes celebrados por el-rei D. Manuel, era pequena em demasia a nova sala capitular, a qual occupava já metade do espaço subjacente ao côro; e nessa conformidade, foi principiada a construir uma nova sala capitular, no lado occidental da igreja, em direcção

vertical a esta, e separada pelo formoso terraço. Erguido igualmente em terreno ingreme ficava o andar superior ao nivel do mesmo terraço, ao passò que o seu remate longitudinal em fôrma de côro, pairando a grande altura acima do pendôr, campeia sobre um grande sócco e um andar inferior ainda mais alto; este ultimo prolonga-se por baixo de toda a construcção.



JANELLA DO CORREDOR

De todas estas obras supinamente delineadas, e incluídas por Castilho, aliás, na enumeração de seus trabalhos, apenas se acham levantadas as paredes a três quartos da altura definitiva. Pela parte de traz, na extremidade, com uma construcção de três faces e duas janelas, sumptuosa abobada e opulenta arcaria, destinada ao throno do regio grão-mestre da Ordem, existe o edifi-



SALA DA ENTRADA DA PARTE CONVENTUAL

cio, nú de todo, internamente, apresentando apenas o nascimento das abobadas do pavimento inferior. A sala sobrejacente devia ser também abobada. Assim se deduz em vista dos fortísimos gigantes que a circundam. São todos elles entrelaçados de ricas molduras simulando calabres, e com frisos ornatados.

Por que motivo deixariam permanecer em estado de ruina um edificio que, ainda hoje, mercê das suas sumptuosas cantarias, afronta soberbo as intempéries?

Mudam os tempos, e el-rei D. João,

na maxima parte dos assumptos, parece ter sido um successor divergindo em absoluto de seu excelso pae.

Nessa conformidade reformou pois radicalmente a Ordem, e em vista da alteração das respectivas circumstancias, accrescentou ao conjuncto da construcção já existente umas colossaes accommodações.

Conforme já ficou exposto, o beato monarcha, assim que subiu ao throno, empenhou-se desde logo em transformar em mosteiro a soberba alcaçova dominando a região. Em 1523 veiu a concessão pontificia, de bom grado outorgada, e portanto, a antiga Ordem de cavallaria deixara d'existir. (1)

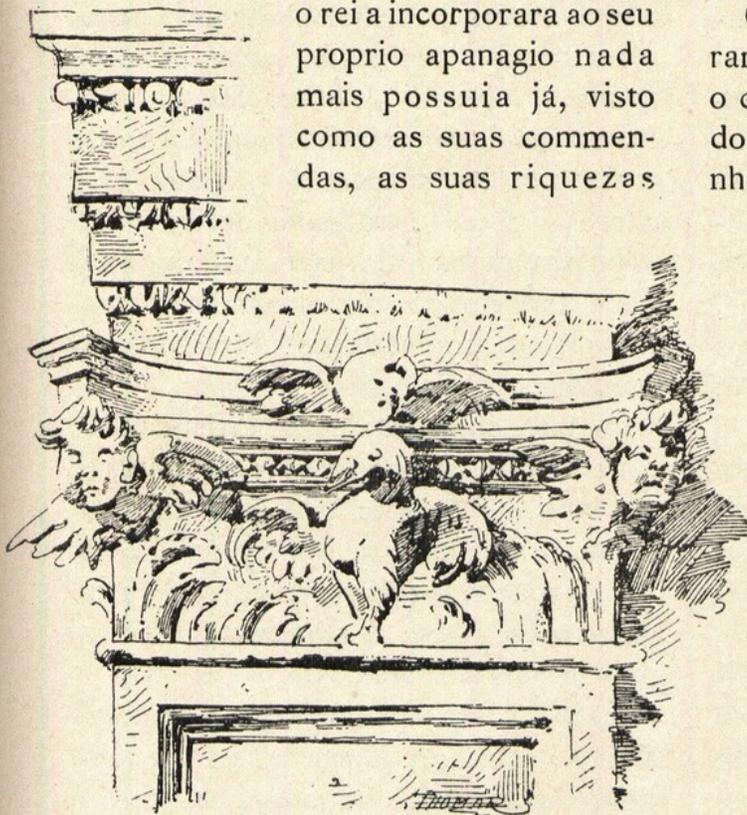
Foram postos de banda lança e arnêz, não mais tropel de corseis, tinir de armas; nunca mais voltou a ouvir-se a trombeta chamando á pe-

leja em defêsa da patria, mas tão sómente

(1) Mencionemos de passagem o facto de se haver tornado já mais que excessiva a existencia de Ordens de cavallaria do genero desta; a sua transformação ou a respectiva decadencia era um resultado das circumstancias dos tempos. E não obstante, o neto de D. João, filiado nas mesmas ideias, meio seculo mais tarde e sob o influxo dos mesmos conselheiros, emprehendeu aquella sua louca cruzada religiosa contra os Mouros na qual, com a rapidez do relampago, foram aniquilados, tanto elle como os proprios conselheiros. A lucta de Carlos V com Barbarossa, a conquista de Tunis e outras que taes, incidem com a mesma época.

a ladainha e o murmúrio das orações ecoando nas soberbas arcarias. Para serviço e protecção das mais opulentas colonias do mundo já se não tornavam precisos os experimentados emissarios da Ordem, á qual, desde os tempos de Henrique o Navegador, coubera a jurisdicção sobre os mares, transferida, muito havia, para as mãos de palacianos hypocritas, que na qualidade de governadores das colonias as iam sugando e desbaratando, e, a poder de desmandos e prepotencias expilando a mãe patria dos derradeiros lampejos de consideração, e ainda por cima, um inumeravel exercito de clerigos de toda a casta, e os jesuitas na reçaça de todos elles, transpuzeram o oceano. Caminhou, veloz, o descabro; á proporção que ia declinando o século, mais se ia encolhendo a inapreciavel possessão indiana dos portuguezes sobre Goa e Diu. A Ordem de Christo, porém,

desde 1551, data em que o rei a incorporara ao seu proprio apanagio nada mais possuia já, visto como as suas commendas, as suas riquezas



CAPITEL NA PARTE EXTERNA DO CLAUSTRO DOS FELIPES

descommunes haviam passado para as mãos do monarcha, fundindo-se nellas a par do seu imperio.

Estava decidido, porém; a antiga fortaleza senhorial foi transformada em mosteiro; surgiram construcções gigantescas para uso da communitade, um immenso edificio á feição de uma cruz, interminaveis corredores, na extensão de uns duzentos metros, ao centro, com um nunca acabar de cellas em todo o percurso, quatro avantajados claustros nos angulos; tudo isto foi crescendo em redor da alcantilada fortaleza, de modo que, hoje em dia, o conjuncto apresenta nada menos de oito claustros um dos quaes, o mais sumptuoso pátio da Renascença em todo o paiz, levou três quartos de século a construir. Tinha pressa o rei. Assim, pois, apresentam unidade de conjuncto estas successivas edificações, uma das mais importantes moles estructuraes em todos os tempos.

Conforme atrás fica expendido, foram estas dispostas em forma de cruz; o quarto braço da mesma, para a banda do nascente, remata com uma capellinha. Existem uns renques de cellas, no primeiro andar, dominando de alto o lanço superior do claustro de Santa Barbara e o philipino, que se prolongam de um e outro lado de um corredor com uma formosa abobadilha de berço, de madeira, na direcção das três longas alas do edificio. É de opulenta construcção o claustro, corôa-o uma cupula de reduzidas dimensões, assente em quatro arcos esteados por pilastras cujos capitais são interrompidos de modo encantador por uns baldaquinos muito ornatados; a capellinha que lhe fica por de trás ostenta uma

rica abobada de berço e caixotões, estes com rosetas, cabeças de serafins, retratos, etc., em parte dourados e em profusa quantidade.

Os extremos do corredor rematam numas formosas janellas de miradoiro. São simples as cellas, apenas decorados os alisares.

O lado exterior deste pujante edificio é singelo mas característico. O seu estylo corresponde aquelle que eu até aqui tenho mencionado como sendo privativo da éra de D. João III; possantes botareus, architraves robustas a par de singelas, janellas pequenas com molduramentos perfilados, mais de uma repartida por um elegante columnelo, semelhantes aos que em Cintra e nas suas cercanias, e designadamente em Penha Longa, se nos tornaram familiares. Os três claustros dos angulos das alas, ao nivel parcial do pavimento inferior, são semelhantes em absoluto aos d'aquella localidade. A parcimonia de minudencias ornamentaes desperta-nos aqui a impressão da mão de obra de um qualquer esculptor hespanhol; são, pelo menos, nimiamente conspicuas as afinidades, por exemplo, com Burgos, circumstancia que aliás egualmente se manifesta na varanda das Capellas Imperfeitas.

Tanto aqui como além os trabalhos haverão sido dirigidos por Castilho, visto patentearem sufficientemente o novo gosto; sendo admissivel portanto a hypothese de haver transitado para aqui um ramo pouco numeroso de habeis ornatistas, de Castella Velha, quando os não haja ministrado a proxima Coimbra.

Castilho, de 1540 a 50, como homem de idade propecta, achar-se-hia já sobrepujado por novas forças; não nomeia entre os seus a estes trabalhos,

muito embora a construcção do dormitorio houvesse já sido principiada anteriormente a 1541.

Surgem-me aqui na mente, mais do que outros quaesquer, os irmãos Torralvas, Gonçalo e Diogo, dos quaes o primeiro desde 1547 havia já construido em estylo identico a Sé de Miranda, e provavelmente a da Guarda.

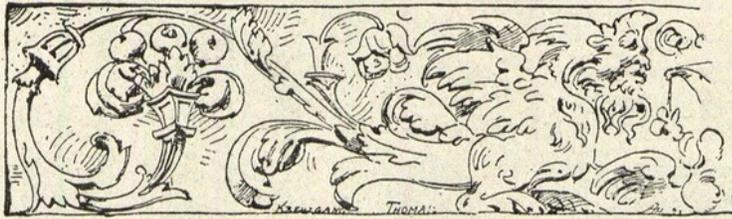
O pavimento inferior deste lanço é quasi todo abobadado; e a abobada muito singela, na generalidade; aqui e acolá, comtudo, preciosa quanto original, como, por exemplo, na arcada de ingresso, do lado do Norte.

O pavimento inferior abrange principalmente as dependencias, adega, fraqueira, etc., de grande capacidade e aspecto condigno quando pode ser. O refeitorio intesta com os aposentos do Abade, no lanço transversal situado ao norte e ao qual adherem ainda varias edificações de menor vulto, taes como, por exemplo, o Noviciado. A espaçosa frontaria principal olhando para a cidade, foi, na maxima parte, reconstruida no seculo dezoito. Pertence á época da dominação hespanhola a extensa ala das hospedarias, a qual encobre o pateo da mesma designação, approximando-se da parte antiga e gothica da fortaleza; uma frontaria monstruosa, no conjuncto, destituída porém de valor.

A parte conspicuamente artistica das construcções posteriores é o claustro do lado do poente que fica entre o dormitorio e a casa do capitulo, com a designação de Claustro dos Felipes visto como deve a sua existencia aos monarchas hespanhoes.

Este claustro foi effectivamente principiado em 1540. Deste lanço mais antigo, a parte que circunda a edificação hoje visivel apresenta ainda uma se-

gunda arcaria, anexa, igualmente com dois pavimentos, reconstruída em parte e mais estreita do que a entrada para o interior; optimamente adequada ao fim pratico a que foi destinada, isto é, a conter a entrada para os aposentos



DO OUTRO LANÇO DO CLAUSTRO DOS FELIPES

circundantes dispostos a diversa altura, a abranger escadas e a nivelar as desigualdades das frentes das construcções annexas, gigantes da igreja, etc.

Da banda do poente falta-lhe o lanço superior; apenas duas abobadas existem no eixo maior do cruzeiro construídas em fórma de nicho; e d'ahi, acha-se tão entaipada esta arcaria superior, que nos quatro angulos apenas restam dois nichos redondos.

A arcada exterior é uma das obras mais formosas do melhor periodo da Renascença. Alguns pormenores podem servir de exemplo. Tanto esta arcada como o dormitorio parecem ser obra das mesmas mãos ás quaes se deve o varandim da Batalha. Em um portico do andar superior encontra-se a data de 1546. Visto como na Batalha existe insculpida a de 1533, infere-se que a época da construcção destes trabalhos no dormitorio e no claustro exterior representará um periodo intermedio a uma e outra data.

Esta parte exterior consiste nas abobadas do claustro assentes sobre pilares com traspilastras, sendo a sua principal decoração a que opulenta os sumptuosos porticos, que davam en-

trada para esta parte do dormitorio (entaipados).

Abstrahindo dos trabalhos classicos em Coimbra, são estes os mais formosos exemplos da decoração da Renascença em Portugal.

São adornados principalmente por columnas e cobertos por dupla arcada sobre esteios geminados; os arcos ostentam medalhões e seguintes ornatados, primorosos frisos, pela parte inferior, um portico sobre pilastras de esplendida ornamentação — tudo

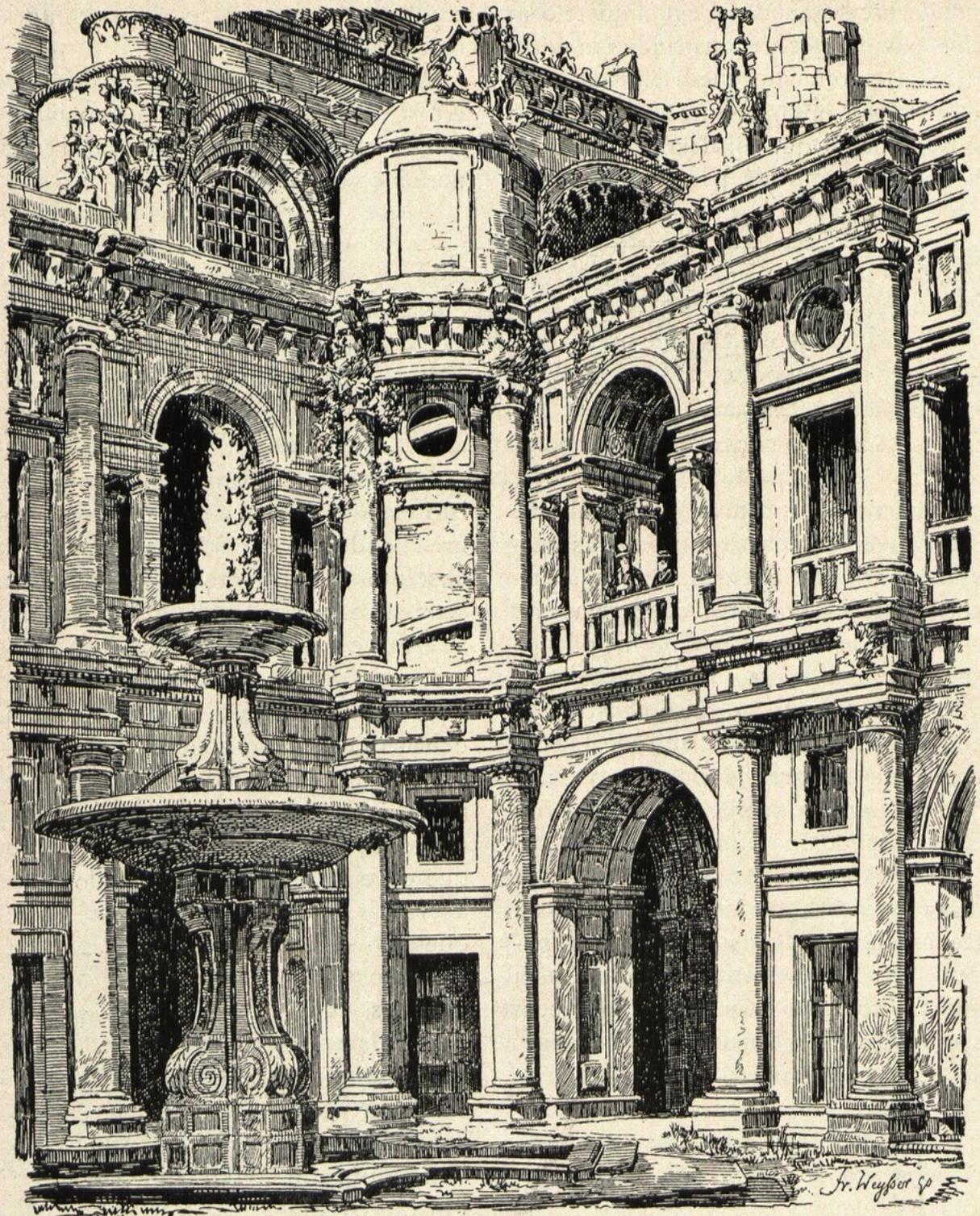
isto elaborado com a maxima firmeza e gracilidade; tudo porém filiando-se em absoluto nos trabalhos de Burgos e seus arredores; localidades proximas a esta, como Salamanca, das quaes era mais de suppôr o encontrarem-se aqui reminiscencias, apresentam tendencias de diverso genero.

Na parte interna desta arcaria exterior, á qual devemos attribuir a data de 1550, ergue-se o proprio claustro, que deve de ter sido implantado desde a origem, pois que não sendo assim, os pavimentos superiores da arcaria externa seriam em parte inacessiveis.

Este proprio claustro tem passado sempre por ser obra dos monarchas hespanhoes, e deve de ser trabalho de Felipe Terzi; pelo menos assim m'ò communicam como filiando-se n'uma tradição. Com respeito á authenticidade de semelhante attribuição nada se pode saber de positivo.



DE OUTRO LANÇO DO CLAUSTRO DOS FELIPES



CLAUSTRO DOS FELIPES

E sem embargo, ainda quando tão primoroso edificio, conforme se dá com a maioria delles em Portugal, haja de se classificar como lidima producção da Renascença, patenteando o concurso dos meios todos empregados geralmente

na Italia, apesar de que a feição e o effeito das respectivas arcarias imitem de algum modo as da tão grandiosa bibliotheca de Florença, no entanto, na sua architectura transluz um não sei quê nada italiano, superficial, que me

reconduz sempre á terra portugueza. No meu sentir, o pateo, no seu todo, approxima-se tanto no modo de ser do edificio do côro de Santa Maria de Belem, que me inclino a crer que teria a sua origem na mesma data e que é obra do mesmo pulso; assim pois haverá sido edificado por Diogo de Torralva, ahi por 1550.

Inquestionavelmente, a impressão aqui é grata, a todos os respeitos, e o estylo apropriado, ao passo que além, o pesado edificio do côro, por si, não prima pela formosura, contrastando em sua desvantagem com a egreja. Em 1551 chamou a si D. João III os bens da Ordem; não será pois falta de logica o conjecturar que haja dotado a essa data o claustro com a sumptuosa edificação do dito pateo.

Este parece não se haver achado ainda concluido em 1580, quando Felipe II aqui veio, na qualidade de rei-nante. Deram-se longos periodos de construcção, no paiz, no seu tempo.

A Ordem, antiquada e decadente, mercê das circumstancias acima expostas, dentro em pouco veio a ser o esteio principal do poderoso intruso; e portanto, quer o proprio Felipe, quer os seus successores, ambos elles, aqui vieram, e aqui foram convocadas as côrtes-geraes, que fizeram definitivamente hespanhola a nação.

Felipe, como bom hespanhol, não deixaria de tomar a peito a conclusão de recinto de tanta sumptuosidade e representação, o qual, em occasiões festivas teria sempre que servir de ponto de reunião, por onde desfilavam as procissões, e para outras applica-

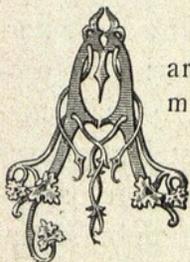
ções similares, e nessa conformidade não seria sem justiça que o baptizaram com o nome do rei. Terzi, que navegava agora á sombra da bandeira hespanhola, pode muito bem haver superintendido na obra.

A architectura é magistral. Os motivos paladianos representam aqui poderosa impressão; duas ante-columns, doricas e jonicas com aberturas de permeio ladeiam a arcaria inferior e o motivo paladiano sobreposto, o qual, convem notar, tem como esteios pilares em vez de columns. Nos angulos das caixas de escada existem por igual ante-columns como decoração. As formas manifestam vigor e gravidade, porém ausencia de elaboração escolastica. O preenchimento dos frisos quer de um quer de outro lanço da construcção não obedece ás regras. As columns jonicas com os seus altos tambores e capiteis um tanto frustes, são reminiscencias das de Belem, não falando nas architraves.

As proprias torrinhas das escadas campeiam, como ali, acima do nivel do eirado, e assemelham-se pela sua singularidade.

Donde concludo que esta edificação se deve attribuir á época da comparença de Terzi, e não ao cyclo de Torralva.

O projecto original da bonita e airosa fonte do pateo encontra-se ainda actualmente no Archivo de Lisboa e é designado pelo nome de Fernão de Torres. Considero-o do principio do seculo dezesete; Torres, seu auctor, é indubitavelmente um portuguez, da escola dos Alvares.



arte de Caran d'Ache, um dos mais originaes caricaturistas do mundo, o mais brilhante dos chronistas militares, em todos os paizes civilizados, é por demais conhecida. Uma reputação universal é invejavel affirmação de engenho; e quando resiste ás provas do tempo e mostra que não é ephemera, representa certamente uma recompensa merecida á obra executada. Entre os humoristas contemporaneos da França, este artista ha muito realça como annotador realista e justo, embora satyrico, dos caracteristicos e dos fracos da humanidade, e em particular do grupo que usa farda, manaja espingardas e sabres, e para cousas de guerra se prepara.

Até hoje, á sua fertil imaginação, á sua observação minuciosa serviram de escravos o lapis, a penna, o pincel. Agora, o celebre caricaturista manifesta o mesmo poder de

execução, a mesma mestria engenhosa na producção de brinquedos e figuras de madeira — objecto de enthusiasticos commentarios no recente Salon des Humoristes em Paris.

Com um pedaço de madeira e as grosseiras ferramentas do torneiro e do carpinteiro, Caran d'Ache sustenta a reputação adquirida nos seus primeiros trabalhos

O entalhador em madeira tem difficuldades tão formidaveis a vencer como o cultor de qualquer dos outros ramos de escultura. Não ha substancia mais caprichosa que a madeira; nenhuma que mais incertezas produza como resultado de um ataque. Mas que a arte vale todo o trabalho e paciencia que exige o seu exercicio, podem testemunhal-o todos que viram a obra de Caran d'Ache na notavel exposição de caricatura moderna organisaða no Palais de Glace. E no meio de uma vasta exposição de talento, a attenção dos criticos e do publico concentrou-se

sobre a individualidade artistica de Caran d'Ache, cujos bonecos e animaes, primorosamente modelados, foram proclamados as joias da collecção.

Data de alguns annos atraz a evolução do caricaturista popular para o entalhador, fabricante de brinquedos. A's quinquilharias da infancia consagrou elle a arte que o fizera eminente em todo o



CARAN D'ACHE TRABALHANDO NOS SEUS BONECOS

mundo. E obvio que collecionadores e amadores disputam avidamente a posse d'essas encantadoras bugigangas. Caran d'Ache apresenta-se como reformador. Tem um odio vehemente á boneca de cera; o desejo d'elle seria supprimir essa tremenda monstruosidade como inimiga da infancia, creadora de falsos idolos, e com ella banir definitivamente o seu parente mais proximo, o soldado de chumbo.

Embora o homem tenha sempre convivido com a creança, o desenvolvimento proprio d'esta é ainda caso de experiencias. O educador profissional começa a reconhecer que algo existe de errado no treno das ideias infantis; por isso se reúnem frequentes vezes os sabios de muitos paizes, e se põe á prova e se dissecam a questão do melhoramento mental e physico dos collegiaes; mas permanece duvidoso que se tenha localizado definitivamente a molestia. Caran d'Ache traça o mal desde o inicio; desde os primeiros e decisivos annos em que o embrionario entendimento humano assume forma e

vulto, quando mais fortes são a receptividade e o poder de assimilação da infancia.

O brinquedo torna-se então um factor importante do seu desenvolvimento mental. E' como a preparação para o mundo

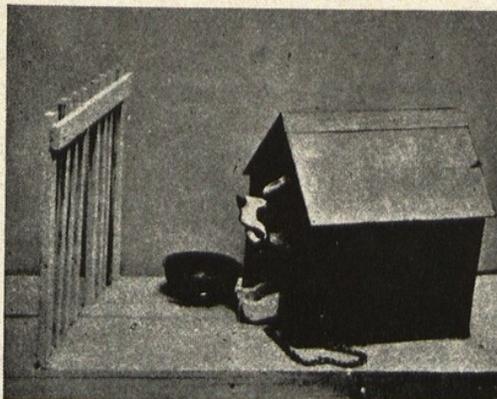
real que lá ióra se alonga, e os jogos são uma aprendizagem da vida activa. Por conseguinte, deve-se ter a maxima circumspecção na escolha dos brinquedos, afim de que concorram para o desabrochar da intelligencia e para o amor do bello e do verdadeiro, que são synonimos. O soldado de chumbo tinha o seu merito; o seu inventor pode ser inscripto entre os immortaes, visto promover o instincto patriotico e animar as perduraveis tradições da coragem e do emprehendimento. Mas o soldado de chumbo constitue um libello anatomico contra o patriota

que contrafaz; é rigido e inanimado no mais depressamente sentido das palavras.

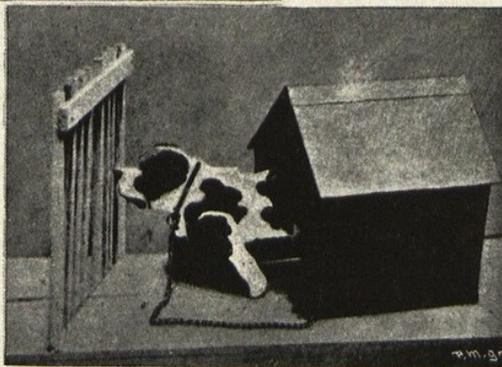
Os guerreiros esculpidos por Caran d'Ache são de madeira, mas tem vida. Agitavam-se posi-

tivamente sobre o tablado no seu maravilhoso nicho do Palais de Glace. Eram aos centos — destacamentos de cavallaria, destacamentos de infantaria, com sargentos, cabos, tenentes, capitães, estado maior, e finalmente um soberbo general á sua frente. Perfeitamente equipados em todas as minucias, o artista entalhador, que é especialista em assumptos de jaezes, uniformes e armamentos, reproduziu para nós com fidelidade completa, não só os grandes typos militares do periodo napoleonico, aos quaes, como seu chronista pictoral, seu nome está indelevelmente associado, mas tambem um corpo inteiro de exercito teutonico, de grande uniforme, sob o commando d'esse impetuoso veterano, o general Boum, do grão-ducado de Gerolstein, o qual, montado n'um corcel magnificamente ajaezado, respira supremo desprezo pela conferencia da Paz e pelo desarmamento das nações.

Essas figurinhas, algumas das quaes não



O CÃO DE GUARDA  
— VIGIANDO



O CÃO DE GUARDA — ALERTA



O EMPREZARIO

teem mais de dez pollegadas de altura, executadas sem modelos, são maravilhas de genio creador; as cabeças e os membros são moveis, as cores do rosto e do fato são cuidadas e exactas. Se o artista synthetisa quando esculpe, como aliás costuma quando desenha, nem por isso descara as minucias da expressão. Assim como no corpo ha uma



O PADRINHO DO DUELLO

assombrosa suggestão de movimento, assim por meio de ligeiros exageros dos traços physionomicos se percebem claramente as gradações de emoção d'esses admiraveis titeres.

De um molde singularmente phantasista é «Le Répertoire». Esse charlatão minuscuro empavona-se perante uma invisivel audiencia, prompto com um aceno da sua vara magica a fazer surgir as suas personagens ás luzes

brilhantes da rampa e da ribalta.

Notem o fero arreganho de «Le Cosaque»; n'elle temos com certeza o maximo de expressão combinado com o maximo de execução technica. Ha n'este soldado russo do primeiro Imperio uma exuberancia de acção e de sentimento bellico. Assim, em cada unidade da numerosa turba de titeres, existe a mesma preciosa qualidade de «atmosphera».

E igualmente admiravel é o «Second», o padrinho de disposições pacificas da Res-tauração, uma

das personagens essenciaes do drama em miniatura cujo motivo é um duello e os protagonistas dois «Demi-soldes», como se denominavam os mal-fadados officiaes da Grande Armée dispersada.

Reparem tambem na consummada reproducção de animaes. Todos nós conhecemos os desenhos de cavallos e cães, devidos a Caran d'Ache, nos quaes se revelam os segredos intimos da vida animal. Sem duvida que estes prototypos de madeira são mode-

lados sobre copias anteriores, com acrescimo dos effeitos necessarios de luz e de sombra. Só um prolongado estudo e grande familiaridade poderiam produzir o aspecto natural — que é realmente a nota caracteristica de toda a collecção — de especimens taes como o cão de guarda «Au repos» e o mesmo «En action». Como indicação exacta de attitudes caninas, de inercia e de energia nervosa, esses dois modelos impõem-se á admiração. O colorido do animal é perfeito, o modelado feito com extrema pericia.

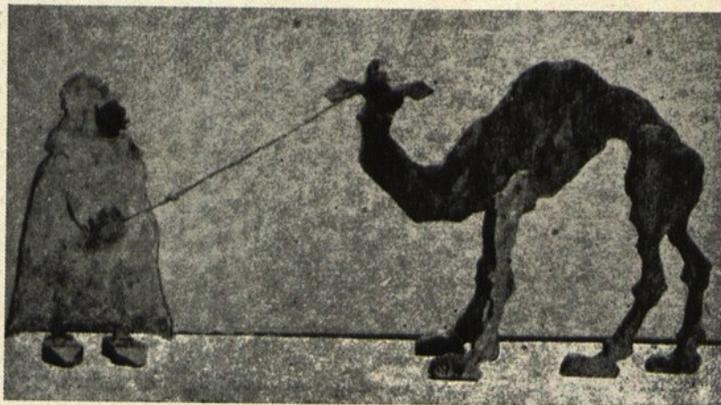
Entre outros typos animaes que apparecem n'esta completa *ménagerie*, deve citar-se o camello,

representado com um exagero caricatural das suas formas irregulares e uma corcova extraordinariamente conspicua. O conductor beduino apresenta muita côr local.

Não espanta



SOLDADO RUSSO DO PRIMEIRO IMPERIO



O BEDUINO E O CAMELLO

decerto que o *tout Paris* se precipitasse avidamente sobre este novo attractivo. Houve competencias para a aquisição d'estes exemplares, executados especialmente para o Salon des Humouristes, e dos quaes não existem copias. Teve de se recorrer á loteria, á qual concorreram com ansiedade

guil-o outros artistas eminentes. Assim, do caricaturista Moloch apresentamos já as primicias d'este recente genero. E' uma nova arma, com que os caricaturistas lançam ao mundo a sua satyra, ou benevola ou mordaz, sob a fórma de madeira entalhada e esculpida. Se a ideia pegar, como é prova-



A' ESQUERDA, O REI DE INGLATERRA A CAÇAR FAISÕES.



A' DIREITA, O KAISER NA CAÇA AO JAVALI.



A MEIO, O REI EDUARDO VII EM PARIS.



A' ESQUERDA, O CZAR NA CAÇA AO URSO.



A' DIREITA, O PRESIDENTE FALLIÈRES CAÇANDO COELHOS.

muitos notaveis colleccionadores de arte, dillettanti e homens da alta sociedade.

O artista porém não ficou n'estas reproduções impessoaes e typicas. Senhor de um novo processo esthetico, a elle applicou as velhas tendencias de caricatura pessoal, como se vê pelos exemplares que reproduzimos, em que figuram os chefes de estado mais conspícuos da Europa. Abriu assim uma nova estrada em que começam a se-

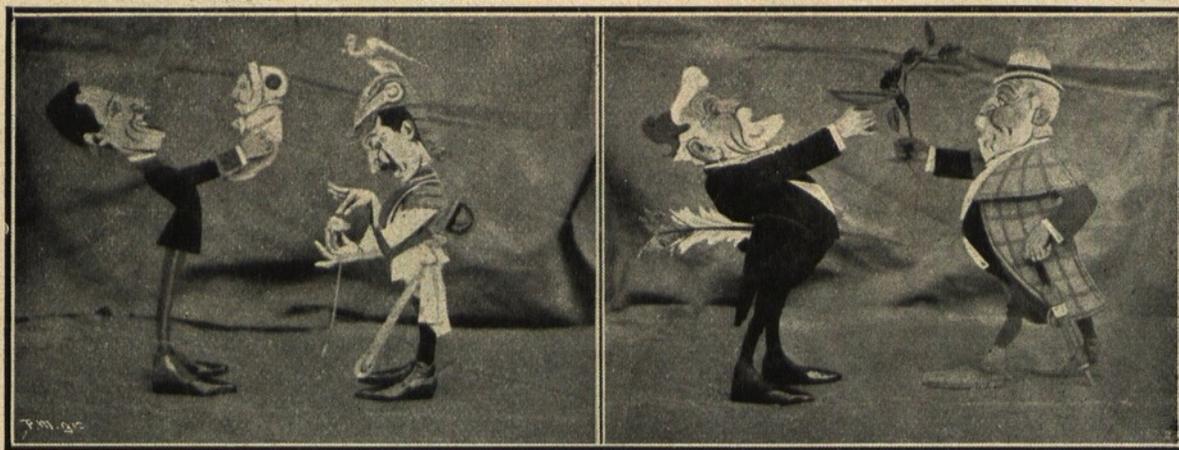
vel, não tarda que vejamos o vendedor ambulante de jornaes substituido pelo *colporteur* de brinquedos e bugigangas, mais ou menos satyricas.

E interessante recordar, n'este ponto culminante da sua carreira, as influencias que determinaram a vida artistica de Caran d'Ache. Foi n'uma guarnição militar que elle começou a manifestar as tendencias que deveriam fazer d'elle o desenhador por ex-

cellencia do soldado. As auctoridades militares bem depressa descobriram as suas habilidades picturaes, e empregaram-n'o em inventarios illustrados de equipamento estrangeiro. Assim foi adquirindo uma perfeita mestria no assumpto, e d'alli resultou a serie de desenhos, postaes, e caricaturas topicas e politicas que teem deleitado universalmente o publico. Adorador da tradição napoleonica, Caran d'Ache limitou-se durante

até tirado do vocabulario russo, e significa «lapis de chumbo».

O momento psychologico em que o artista chegou á plena posse das suas faculdades pode marcar-se por certo, quando se ergueu o panno do theatrinho de Montmartre, conhecido sob o nome de «Chat Noir», para a exhibição das suas «Ombres Chinoises». A *mise-en-scène* era representada por um biombo branco de modestas dimensões,



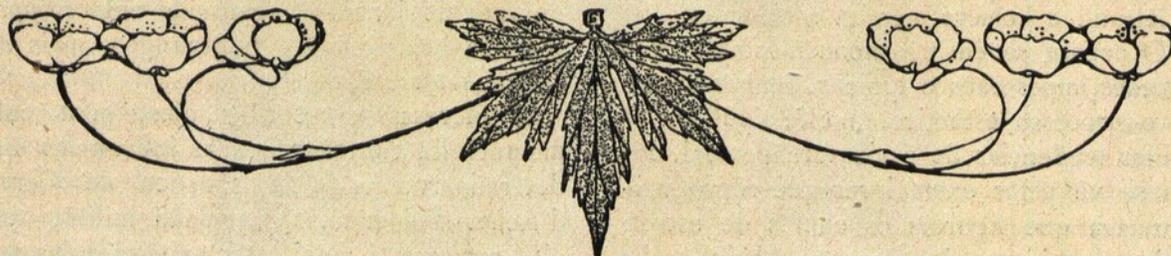
O REI DE HESPAHANHA COM O SEU REGIO PEQUERRUCHO  
E O KAISER

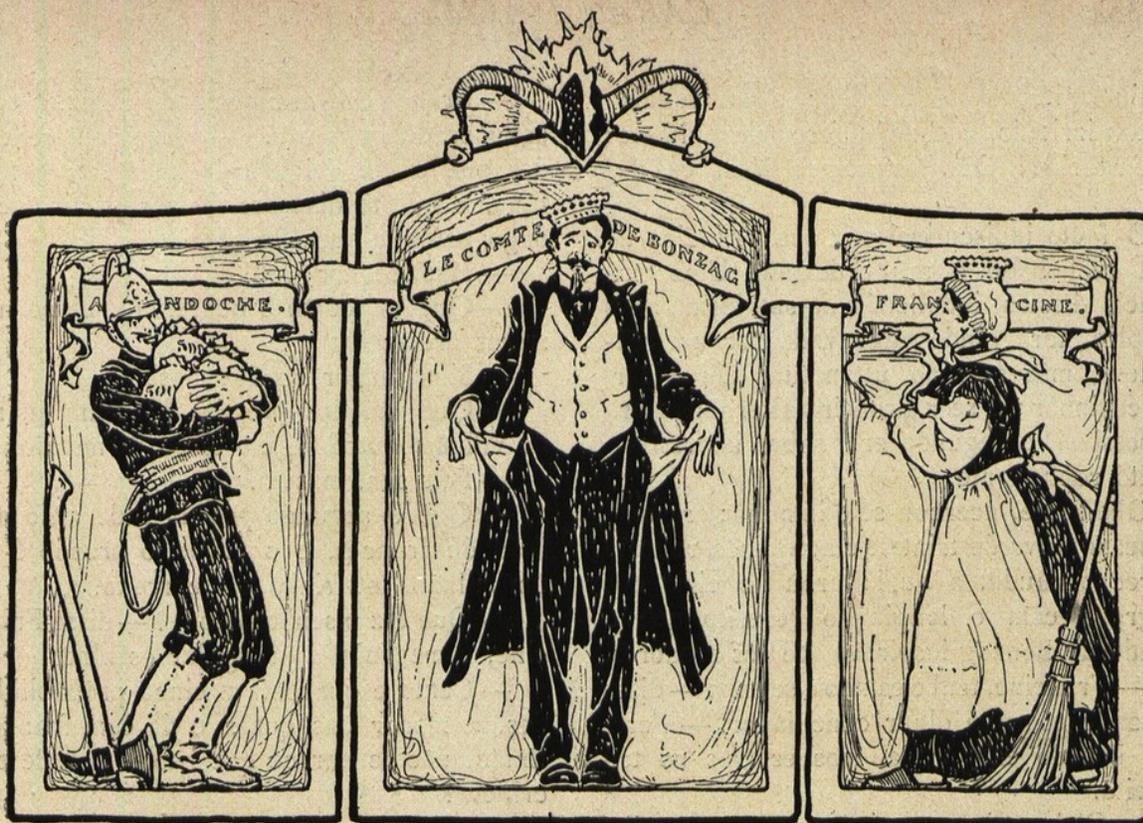
O REI EDUARDO APRESENTANDO O RAMO DE OLIVEIRA  
AO PRESIDENTE FALLIÈRES, QUE BEBE Á «ENTENTE CORDIALE»

*Caricaturas em madeira de Moloch*

algum tempo quasi exclusivamente áquelle periodo e á reconstituição dos heroes que pelejaram e succubiram na Batalha das Nações. O fero cossaco attrahiu egualmente as atenções do eclectico caricaturista, cujos commentarios nunca são rancorosos. São-lhe caros os vastos steppes da Russia, terrivelmente desolados, povoados de phantasmas e lendas, e a sua visão d'elles é sempre sincera e pessoal. Caran d'Ache tem intimas ligações com a Russia, onde passou grande parte da sua mocidade; o pseudonymo, que elle adoptou com permanencia, é

as personagens por silhuetas. «L'Épopée» se intitulava esse drama fundado na era imperial, o qual trouxe ao auctor a reputação e milhares de espectadores entusiastas a Montmartre. Foi uma revelação, apenas comparavel ao seu triumpho na recente manifestação da versatilidade do seu ingenho no «Salon des Humoristes». A producção d'aquelle primeiro periodo é analoga á d'este ultimo, na precisão minuciosa, na excellencia da technica, fermentada por um elemento pessoal, e transformada em obras inimitaveis.





## As surpresas da loteria

I

**B**conde de Bonzag, na esplanada em ruínas do seu solar de Kera-gouil, fitava um olhar carrancudo nas pilhas de feno e sebes longinquas, amarrotando entre os dedos nervosos dois pedacitos de papel. O corpo seco não tinha um arratel de carne, a mais do que a absolutamente necessaria para aguentar os ossos compridos e esquinados. Dominava-lhe o rosto bronzeado uma guedelha arruivada, que fielmente reproduzia a fealdade tradicional de gerações de Bonzags. Mas transparecia na rispidez da proeminencia nasal e nos olhos duros e obstinados um certo ar de bravata, que limitava eficazmente o campo dos commentarios.

Por detraz d'elle, a indefinida silhueta de torreões desmantelados e telhados a desabar, reflectia no firmamento sereno algo da desmazelada personalidade do dono. Era um *château* gascão, arrogante e velhusco, que nunca se queixara de um ferimento, nem

supportara a indignidade de um remendo. A' roda d'elle, por dentro d'elle, centenas de andorinhas, suas herdeiras naturaes, cruzavam constantemente em adejos vacillantes.

D'entre a obscuridade das pastagens verdes que se iam diluir nos bosques contiguos, ergueu-se de repente uma voz de mulher, n'um riso amoroso.

O conde de Bonzag endireitou-se brusca-mente, desalojando do regaço um podengo negro, o qual tombou para cima de uma alambazada perdigueira, cujos latidos indignados despertaram um concerto de canzoada, que surdiu de todos os cantos e se congregou n'um circulo expectante, aguardando com linguas esfaimadas as intenções do dono.

O conde, espreitando attentamente, lobrigou perto da cavallariça o seu inteiro pessoal domestico a reclinar-se voluptuosamente no braço de Andoche, o intrepido bombeiro, heroe de uma duzia de incendios.

— Decididamente, já não ha creados! — exclamou elle, com uma amargura que pro-

duziu agitação na matilha; e em seguida gritou irritado, a toda a força de pulmões: — Francine! Olá, Francine! Vem cá depressa!

O facto indiscutível era que Francine tinha reclamado o seu ordenado. Uma exigência d'estas, indelicada na sua forma mais simples, fôra ainda aggravada por um respeitoso, mas positivo, ultimatum. Ou pagar, ou cozinhar; e se a primeira alternativa era impossível, a segunda era, sobre impossível, muito repugnante.

Obediente, acercou-se o inimigo; era uma honesta viuva de trinta e cinco annos, robusta e rechonchuda, a qual parou no cimo dos degraus com o longinquo respeito que o conde de Bonzag inspirava até aos credores.

— Francine, tenho estado a scismar — disse o conde com um olhar conciliador. — Foste um bocado exagerada, mas estavas no teu direito.

— Oh! senhor conde! seis mezes, olhe que é muito tempo, para uma pessoa que tem uma filha a crear...

— Não tornemos a falar na nossa desavença — interrompeu o conde com severidade. — Chamei-te só para te dar parte da minha decisão.

— Sim, senhor conde; muito agradecida, senhor conde.

— Infelizmente — proseguiu Bonzag com aspecto tristonho — sou obrigado a fazer um grande sacrificio. No prazo de um mez, é provavel que eu podesse pagar tudo por inteiro; tenho em Val-le-Temple um tio-avô que está com os pés para a cova. Mas... emfim, isso fica para depois. Devo-te, minha boa Francine, seis mezes de ordenado: sessenta francos, que representam os serviços que me tens prestado. Vou dar-te por conta, e é para já, vinte francos, ou antes, uma coisa que vale immensamente mais do que essa quantia.

Mostrou os dois pedaços de papel, e contemplou-os com affecto e saudade.

— Aqui estão dois bilhetes para a Grande Loteria de França, que deve andar este mez, dez francos cada bilhete. Tive que ir compral-os a Chantreuil; é o numero 77:707 e o numero 200:013. Toma-os lá: são teus.

— Mas, senhor conde — redarguiu Francine, fitando com olhar estúpido os bilhetes que machinalmente recebera. — O que eu preciso é de boas rodellas de prata...

— Francine — exclamou de Bonzag com assombrada indignação — vê se comprehendes que eu te dei provavelmente uma fortuna, e que te dispenso de a repartires comigo por qualquer forma...

— Mas, senhor...

— Que ha cento e quarenta e cinco numeros premiados...

— Sim, senhor conde; mas...

— Que um dos premios é de um quarto de milhão, outro de um terço de milhão...

— Pois sim, mas...

— Que o segundo premio é de meio milhão de francos, e o primeiro premio é de um milhão, inteirinho e escoreito.

— Que diz o senhor conde? — disse Francine, começando a arregalar os olhos.

— Cento e quarenta e cinco probabilidades, a menor das quaes é de cem francos. Então, não te parece que isto é grande sacrificio?

— Pois está dito, senhor conde — retorquiu por fim Francine com um suspiro. — Fico com os papelitos por vinte francos. Não são boas rodellas de prata, e tenho a minha menina...

— Basta! — exclamou de Bonzag, despedindo-a com um gesto de colera. — Estou fazendo de ti uma ricaça, e tu nem sequer me agradeces! Vae-te embora, e manda-me cá o Andoche.

Seguiu com os olhos o volumoso vulto que se afastava a passos indecisos, deixou-se cahir na cadeira, e repetiu com profundo abatimento:

— Nem sequer me agradece! Acabou-se! D'esta vez é que eu deitei fóra com certeza um quarto de milhão, pelo menos!

No topo dos degraus surgiu o bombeiro Andoche, com o capacete de latão debaixo do braço, sorridente e sequioso, com os olhos cubiçosos cravados na meza coxa, sobre a qual brilhava uma garrafa de curaço branco «Triplê-sec».

— Ah! é vossê, Andoche! — disse o conde por fim, arrancado á sua abstracção por uma serie de rapidas venias.

Soltou dois suspiros profundos, empurrou levemente a garrafa na direcção do bombeiro, e acrescentou:

— Sente-se, meu caro Andoche. Preciso alegrar-me. Se nós cavaqueassemos a respeito de Paris?

Foi esta a deixa para Andoche se ame-

zendar gratamente n'uma cadeira, deitar mão á garrafa e preparar-se para escutar.

## II

Aos trinta e um annos, o conde de Bonzag herdou a somma enorme de quinze mil francos de um tio que enriquecera no commercio. N'um prazo que não excedeu o preciso para o grande imperador atirar com um exercito atravez dos Alpes, o conde deu um salto até Paris, resolvido a repellir todos os engodos com que podesse acenar-lhe Luiz Napoleão, e a prestar o esplendor do seu nome e o peso da sua fortuna ao «Cercle Royal» tão sómente. Duas semanas consagradas a este leal proposito fortaleceram visivelmente as linhas bourbônicas, mas tiveram como resultado a falha de quatro mil francos na bolsa do conde. Depois lembrou-se elle de que a aristocracia patrocinara sempre as artes, e resolveu fazer um exame rapido dos bastidores da Opera e das regiões coreographicas. Uma exploração de seis dias não lhe despertou no espirito nem leves vislumbres de desagrado; mas tão longe levou as investigações que não encontrou mais de mil francos na algibeira. Como era não só lealista e patrono das artes, mas tambem estadista e philosopho, desviou as attenções para o Bairro Latino, viveiro dos grandes espiritos que de futuro guiariam uma França mais esclarecida. Ahi fez a descoberta de que poderia divertir-se mais do que no «Cercle Royal» e gastar consideravelmente menos do que nas artes, e que á razão de cem francos por semana excitava um enthusiasmo pelos Bourbons, que attingia quasi as proporções de tumulto.

Passados trez mezes, recolheu ao seu solar de Keragouil, tendo agitado profundamente todas as classes sociaes, dado vida nova á causa de Sua Majestade, e lamentando apenas, como verdadeiro fidalgo, a devastação tremenda que fizera nos corações femininos.

Por desgraça, esses brilhantes serviços á sociedade parisiense e ao rei haviam-n'o deixado sem sociedade propria, forçado a matutar no arduo problema de manter o cachimbo acceso, a adega cheia, e a creada para todo o serviço n'um estado de anciosa expectação a cousa nenhuma por anno.

Sem se intimidar, atacou este problema

da fallencia domestica com a energia e a impetuosidade de um D'Artagnan. Cada anno foi amealhando laboriosamente vinte francos, e empregou-os em dois bilhetes da Grande Loteria, arrogantementé resolvido, como gascão que era, a apanhar tanto o primeiro como o segundo premio, mas satisfeito como philosopho com a possibilidade de figurar entre as menções honrosas. A despeito de se distribuirem todos os annos cento e quarenta e cinco premios, em dezenove tentativas não lograra ainda o prazer de ver o seu nome em lettra redonda. Este resultado, longe de o desanimar, mais lhe inflamava a confiança. Porque elle metter-se pelas mathematicas, e consolava-se com a reflexão de que, conforme a lei das probabilidades, mais irresistivel se ia tornando de anno para anno.

Todavia, nos ultimos tempos surgira um obstaculo na promettedora laboração d'este systema financeiro. Tomara uma creada para todo o serviço, a dias, com licença de levar da horta tudo quanto necessitasse, de se enfeitar com rosas do jardim, de partilhar do rendimento lacteo da vaca, chamada «La Belle Étoile», e de receber o salario mensal de dez francos. A difficuldade surgia invariavelmente da interpretação d'esta ultima clausula. Porque o conde não era regular no pagamento, ou, para melhor dizer, era regular em não pagar nunca.

Succedia pois que a creada ia gradualmente passando do estado de inquietação para o de revolta franca, especialmente quando a horta deixava de produzir e as roseiras de florir. Quando se pronunciava o ultimatum, o conde consultava os seus recursos, e via que elles consistiam invariavelmente em dois bilhetes da loteria, mas, de accordo com as leis da probabilidade, cada vez mais susceptiveis de procrear um milhão e quinhentos mil francos. De um lado estava a gloria do nome historico, e a possibilidade de outra viagem a Paris; do lado opposto apresentava-se o problema brutal da sopa e do prato do meio. A humanidade triumphava; e a creada acceitava, embora de má sombra, as condições das treguas. Chegava depois a noticia da tiragem da sorte, e o pessoal de serviço ia-se embora.

Esta comedia, annualmente repetida, representava-se annualmente por identicos ter-

mos. Sómente, de anno para anno, o periodo intermediario entre a entrega dos bilhetes e o annuncio da loteria trazia ao espirito do conde uma angustia crescente. De cada vez que o conde via os preciosos papelinhos passarem definitivamente para as mãos da creada, ficava convencido de que as leis da probabilidade iriam afinal fructificar. De anno para anno, achava elle nova significação nos mysterios cabalisticos dos numeros. A decima oitava tentativa, multiplicada por trez, dava cincoenta e quatro, que era a sua idade. O exito era inevitavel; o numero dezenove, indivisivel e casto sobre todos, parecia especialmente designado. N'uma palavra, o conde soffria n'esses periodos como só pode soffrer um jogador de vicio inveterado por quatro gerações successivas.

No momento presente, o numero parecia-lhe ter propriedades que nenhum outro numero possuira, especialmente pela reaparição do zero, algarismo que particularmente o seduzia por symetrico. O seu desespero era por conseguinte sem limites.

De ordinario, a noticia da loteria chegava por um inspector das estradas, o qual passava por Keragouil cousa de uma semana depois da publicação pela imprensa; porque o conde, depois de entregar os bilhetes, ficava com receio de ganhar.

D'esta feita, para maior transtorno, foi um inglez, n'uma excursão em bicycleta, quem lhe trouxe um jornal, objecto quasi desconhecido em Keragouil, onde o silvo da locomotiva estava ainda por penetrar.

O conde de Bonzag, ao abrir o periodico com o costumado aperto do coração, ficou sobressaltado com o titulo garrafal:

### RESULTADOS DA LOTERIA

Um volver de olhos para os vencedores do primeiro e do segundo premio tranquillizou-o. Respirou satisfeito, murmurando:

— Que sorte! Graças a Deus! Não torno a cair n'outra!

Depois, com curiosidade negligente, percorreu a lista dos cento e quarenta e trez premios mediocres. Subito, as letras dansaram-lhe deante dos olhos, e a grande esplanada pareceu levantar-se. O numero 77:707 ganhara o quarto premio de cem mil francos; o numero 200:013 apanhara dez mil francos.

### III

A commoção que subjugou Napoleão em Waterloo, ao ver os seus esquadros triumpfantes sossobrarem no campo, não foi nem um apice mais completa do que o desespero do conde de Bonzag ao perceber que os cento e dez mil francos, que as leis da probabilidade haviam finalmente produzido, eram agora propriedade da cosinheira Francine.

Cento e dez mil francos! Era colossal! Cinco gerações de Bonzags nunca tinham posto as mãos em tamanha quantia. Cento e dez mil francos importavam a reabilitação do nome historico, a restauração do solar de Keragouil, metade do anno em Paris, no «Cercle Royal», nas regiões da arte, e entre os grandes espiritos que ainda eram jovens no Bairro Latino. E tudo isto estava nas mãos de uma anafada camponeza da Gasconha, cujas ambições de conforto e prazer se satisfiziam com cento e vinte francos por anno.

— Que hei de eu fazer? — bradou elle, erguendo-se n'um repente de furia.

Depois sentou-se desalentado. Nada havia a fazer. Era obvio que Francine era uma ricaça, possuidora da maior fortuna de que rezavam as tradições de Keragouil. Nada havia a fazer, ou por outra, só havia manifestamente um caminho a seguir, e o conde resolveu desde logo enveredar por elle. Era forçoso recuperar os bilhetes, embora lhe custasse o fazer uma condessa de Bonzag.

Felizmente para elle, Francine ignorava totalmente a chegada do jornal. Comquanto o caso não soffresse delongas, ainda restava tempo para um compatriota de D'Artagnan. É certo que havia de permeio o bombeiro Andoche; mas um Bonzag, com trez mezes de experiencia do coração feminino em Paris, não era homem que se preocupasse com um simples bombeiro. A' noitinha, na meia obscuridade da casa de jantar, quando Francine chegou com a terrina fumegante, o conde, que a esperava de colher em punho e guardanapo ao pescoço, encetou valerosamente o assalto.

— Que rico cheiro! — disse elle, levantando o nariz — Francine, tu és a rainha das cosinheiras.

— Ora essa, senhor conde! — balbuciou

Francine, detendo-se com pasmo — Muito agradecida!

— Não me agradeças; eu é que te devo agradecimentos.

— Ora essa!

— Devo, devo! Francine...

— Que deseja o senhor conde?

— Quero que ponhas outro talher, de frente de mim.

— Outro talher?

— Exacto.

Francine, cada vez mais espantada, tratou de pôr na meza o prato, o garfo e a faca.

— É o senhor cura que vem cá? — perguntou ella, puxando uma cadeira.

— Não, Francine.

— Não é o senhor cura? Quem é então?

— É para ti o talher, Francine. Assenta-te.

— Eu? Eu, senhor conde?

— Senta-te. Mando eu.

Francine recuou trez passos como na intenção de se retirar, depois parou e fitou o amo estupefacta e um pouco desconfiada.

— Minha querida Francine — continuou o conde — estou farto de comer sósinho. E' mau para a digestão. E aborreço-me muito. Preciso de sociedade. Senta-te, anda.

— É ordem do senhor conde?

— É um favor que te peço, Francine.

Francine, de olhos arregalados, adeantou-se com hesitação e sentou-se com toda a delicadeza, mais surprehendida que lisonjeada, e mais assustada que satisfeita.

— Ah! isto agora é outra coisa! — disse o conde com um aceno approvador. — Como eu tenho supportado esta vida ha que annos! Francine, serve-te de vinho.

A estonteada creatura, que tinha engulido com grande difficuldade uma colher de sopa, poz-se de pé n'um arranco, a tremer toda, balbuciando com desconfiada virtude:

— Lembre-se o senhor conde que eu sou uma mulher honesta!

— Se me lembro, minha querida Francine! Tenho a certeza d'isso! Por conseguinte, senta-te com socego. Eu vou expôr-te a situação.

Francine hesitou de novo; depois, tranquillizada pela devoção com que elle se atirava á sopa, tornou a accommodar-se na cadeira.

— Francine, tomei uma resolução — ex-

clamou o conde, enchendo o copo com tal energia que appareceu na toalha um circulo vermelho. — Esta vida que eu levo não tem geito nenhum. O homem é um ente social. Precisa de companhia. O isolamento reverte-o ás condições de irracional.

— Sim, senhor conde — retorquiu Francine, sem perceber nada.

— Por isso, estou resolvido a casar.

— O senhor conde quer casar! — clamou Francine, entornando metade da sua sopa com o sobresalto.

— Perfeitamente, Foi por isso que te pedi o favor de me fazeres companhia.

— O' senhor conde... Pois o senhor conde... O senhor conde quer casar comigo?

— Exactamente!

— O senhor conde... casar comigo?

— Peço-lhe com todas as formalidades se digne ser minha esposa.

— Eu?

— Sim, Francine.

— Pois o senhor quer... quer que eu seja condessa de Bonzag?

— Quero, e é para já.

— Oh!

Erguendo-se, Francine ficou um momento esgazeada para elle, transida de terror; depois dando um grito, sumiu-se pesadamente pela porta.

— Foi ter com o Andoche — disse o conde irritado com os seus botões. — Gosta d'elle!

Sahiu da casa de jantar muito agitado, e foi passeiar para a esplanada, no meio dos cães, resmungando com inquietação.

— Demonio! dei-lhe a noticia muito de chofre! Foi tolice, foi. Se ella está embeichada pelo tal bombeiro... Hein? Um bombeiro a rivalisar com um conde de Bonzag... Que engulho!

De repente, ao luar, viu lá em baixo o Andoche esquivando-se ao abraço de Francine, e, para não o verem, voltou nervoso para a casa de jantar.

Pouco depois, a creada entrou tambem, serena, mas com olhos denunciadores de agitação intima.

— Então, Francine, eu assustei-te? — perguntou o conde jovialmente.

— A falar a verdade, senhor conde...

— Desembucha! que queres dizer?

— O senhor conde falou serio?

— Nunca falei tão serio na minha vida.

— O senhor conde deseja realmente fazer de mim a condessa de Bonzag?

— Está claro! Já te disse que as minhas intenções são legítimas.

— O senhor conde dá licença que eu lhe faça uma pergunta?

— Uma duzia até.

— Lembre-se que eu sou viuva...

— Com uma filha, bem sei.

— Perdôe, senhor conde. Tenho-me fartado de pensar, e tenho pensado muito na pequenita. Que entende o senhor conde que eu faça?

O conde reflectiu, e respondeu com magnanimidade:

— Adoptal-a, não a adopto; mas, se queres, pode viver aqui.

— N'esse caso, senhor conde — disse Francine, cahindo de joelhos — fico-lhe muito reconhecida. O senhor conde tem tanta bondade...

— Está pois decidido — disse o conde, erguendo-se com jubilo.

— Sim, senhor conde.

— Então, será amanhã — proseguiu o conde. — E o meu feitiço; gosto de tudo dito e feito. Tenha a bondade de se levantar, minha senhora.

— A'manhã, senhor conde?

— Sim, minha senhora. Tem alguma objecção a fazer?

— Ah! não, senhor conde; pelo contrario — respondeu Francine, ruborizando-se de prazer pelo tratamento cerimonioso do conde.

Depois, acrescentou cautelosamente:

— O senhor conde tem rasão; assim é melhor. Ha tantas más linguas!

#### IV

A volta dos noivos foi um caso sensacional em Keragouil, porque o conde de Bonzag, segundo a moda de seus antepassados, encavalgou a noiva atraz de si, na rotunda garupa de «Quatre Diables», o qual foi trotando com inalteravel equanimidade. Pelo caminho, os camponeses, que mantinham pelo conde um leal terror, saudavam o cortejo em respeitoso silencio, agglomerando-se na estrada para dar á lingua, apenas quando «Quatre Diables» desaparecia ao longe.

Sem se dignar dar importancia ao alvoço que produzia, o conde seguiu direito

ao pateo de entrada, onde «Quatre Diables», reconhecendo o marco que servia de apeadeiro, baixou a cabeça e começou a tosquiar a herva. A nova condessa, fatigada pela novidade da sua posição, endireitou-se com grato sorriso para desmontar pelo meio mais natural, isto é, deixando-se escorregar brandamente pelas ancas do benevolo «Quatre Diables». O conde porém, presentindo o que lhe ia na retaguarda, deteve-a com uma palavra, e, passando a perna esquerda por sobre o pescoço do corssel, desceu graciosamente para o marco, onde, curvando-se profundamente, disse com ademanos cortezãos:

— Senhora condessa, permitta que lhe offereça a minha mão.

A condessa, com as melhores intenções d'este mundo, teve consideravel difficuldade em executar o movimento pelo qual seu marido conseguira apeiar-se. Por fortuna, o conde recebeu-a sem percalço, metteu-lhe a mão debaixo do braço, e escoltou-a cerimoniosamente até ao *château*, enquanto o «Quatre Diables», desaffogado da desusada carga, se rebolava voluptuosamente na terra e arranhava o lombo nas pedras da calçada.

— Minha senhora, tenha a bondade de entrar em sua casa.

Com estudada elegancia, o conde aconchegou o chapéu ao peito, e fez uma venia respeitosa, abrindo a porta.

— Oh! senhor conde! faz favor de entrar primeiro? — disse Francine, muito confusa.

— Passe, minha senhora, e entre na sala de jantar. Temos certas cerimonias a observar.

Francine obedeceu, sempre com os olhos nos movimentos do esposo. Quando elle entrou na casa de jantar e se dirigiu ao aparrador, ella deu equal numero de passos na mesma direcção. Quando elle, depois de ter ido buscar uma garrafa e copos, se voltou encaminhando-se para ella, ella recuou. Quando elle parou, parou tambem ella, e sentou-se seguindo-lhe exactamente os movimentos.

— Senhora condessa, offereço-lhe um copo do famoso Borgonha de Keragouil — começou o conde, enchendo-lhe o copo — E' um vinho que nós, os Bonzags, guardámos sempre para saudar nossas esposas e brindar

nossos filhos. Minha senhora, tenho a honra de beber á condessa de Bonzag.

— Oh! senhor conde— disse Francine que, espreitando-lhe o gesto, enguliu o vinho de um trago.

— A' saude dos nossos antepassados! — continuou o conde, despejando a garrafa nos dois calices. — E agora, atire com o copo ao chão!

— Sim, senhor conde — replicou Francine, obedecendo com pezar, graças ao seu novo instincto de dona de casa.

— Agora, minha senhora, como minha esposa e senhora de Keragouil, convem que comprehenda a sua posição e o que eu espero da condessa, — disse o conde, indicando-lhe uma cadeira e occupando uma poltrona com gesto magistral. — Conto que aprenderá de bom grado o que passo a ensinar-lhe, para se tornar digna da nobre posição que occupa.

— Oh! o senhor conde póde ficar certo que eu hei de fazer quanto possível... — redarguiu Francine, quasi succumbida.

— Espero que me prestará a deferencia e a obediencia que reclamo como chefe da casa de Bonzag.

— Oh! senhor conde! pois pode suppôr...

— Que seja economica e amavel.

— Com certeza, senhor conde.

— Que attenda ao que eu lhe digo, esqueça que era uma simples camponia, que me dê trez sobrezezas por semana, e que nunca, minha senhora, dê mostras da mais ligeira infidelidade.

A estas ultimas palavras, Francine, já subjugada pela rapida reviravolta da sorte, assim como pelo poderoso espirito do generoso Borgonha, desatou a chorar perdidamente.

— E nada de lagrimas! — disse Bonzag, afastando-se com severidade.

— Não, senhor conde, não! — exclamou Francine, enxugando precipitadamente os olhos.

Depois cahiu de joelhos, e proseguiu com voz entrecortada:

— Oh! senhor conde... perdão, perdão!

— Que quer dizer isso? — bradou o conde furioso.

— Perdôe-me, senhor conde; eu conto-lhe tudo!

— Minha senhora... minha senhora, não

comprehendo — disse o conde, dominando-se a custo. — Continue; eu a escuto.

— Oh! senhor conde, eu conto-lhe tudo! Juro pela imagem de Saint-Jacques d'Acquin.

— Dar-se-ha caso que me mentisse a respeito de sua filha? — exclamou Bonzag com horror.



DESTE-LHE OS BILHETES... OS BILHETES DA LOTERIA?

— Não, senhor conde, não é isso — respondeu Francine.

Depois escondeu o rosto, e proseguiu:

— Senhor conde, occultei-lhe uma cousa: é que eu gostava do Andoche.

— Ah! — disse o conde, com um suspiro de allivio.

Sentou-se, e acrescentou com doçura:

— Minha pobre Francine, isso sei eu. Ai de nós! São cousas do mundo!

— Oh! senhor conde, agora está tudo acabado, juro-lhe! — protestou Francine. — Mas eu gostava muito d'elle, e elle tambem gostava de mim... Ah! lá isso gostava muito, senhor conde! Perdôe-me, mas n'esse tempo eu nem sequer sonhava que viria a ser condessa, senhor conde. E quando o senhor conde me falou n'isso, eu fiquei sem saber o que havia de fazer. O coração, tinha-o dado todo ao Andoche, mas... emfim, a verdade é que comecei a pensar na pequena, e disse comigo... Sim! pensei na posição que lhe podia dar, se fosse condessa. Que grande passo, não é verdade, senhor conde? E vae então, eu disse comigo: «E preciso que tomes essa resolução, por via d'ella!» E vae, fui ter com Andoche, e contei-lhe tudo... tim-tim por tim-tim... que o meu coração lhe pertencia a elle, mas que tinha deveres para com ella. E o Andoche então... que bom coração o d'elle, senhor conde!... comprehendeu tudo, e desatámos ambos a chorar!

Ficou um momento embatucada, e levou rapidamente as mãos aos olhos.

— Perdão, senhor conde; vae elle, disse que eu fazia bem, e eu dei-lhe um beijo... eu nada occulto, o senhor conde ha de perdoar-me... e elle foi-se embora!

Deu um passo para o conde, retorcendo o lenço, e acrescentou n'um timido appello:

— O senhor conde percebe porque eu lhe conto isto? Creia-me, senhor conde, Tudo isso acabou. Sahiu-me tudo do coração. Juro pela imagem de Saint-Jacques d'Acquin.

— Minha senhora, isso tudo já eu sabia — disse o conde, levantando-se. — Em todo o caso agradeço-lhe a confissão.

— Oh! senhor conde! agora puz tudo isso de banda, juro-lhe por quanto ha mais sagrado!

— Acredito — interrompeu o conde — E agora não falemos mais em tal! Tambem eu vou ser franco com a condessa.

A sorrir, encaminhou-se para o canto onde estava o bahu, amarrado com cordas, que continha o enxoval da condessa de Bonzag.

— Abra esse bahu, e dê-me os bilhetes da loteria de que eu lhe fiz presente.

— Han? O senhor conde diz?...

— Os bilhetes da loteria...

— Oh! senhor conde, esses não estão ahí dentro...

— Onde estão?

— Oh! senhor conde, espere; eu lhe digo — redarguiu Francine simplesmente. — Quando o Andoche se foi embora...

— O que! — bradou o conde como um trovão.

— Elle ficou tão abatido, senhor conde, e eu fiquei com tanto receio do que elle fizesse... e então, para o consolar, senhor conde... dei-lhe o que tinha... dei-lhe os bilhetes.

— Deste-lhe os bilhetes... os bilhetes da loteria!

— Foi para o consolar... sim, senhor conde.

O vulto esguio do conde de Bonzag vacillou, e depois, como se o corpo houvesse de repente perdido o aprumo do vestuario, deu comsigo pesadamente no chão.

Versão do inglez.

Owen Johnson.





VISTA DO RIO MUNDAHU

# Santa Luzia

(No Estado de Alagoas, E. U. do Brazil)

**A** margem da lagôa do Norte fica situada uma antiga cidade alagoana, de origem portugueza, como attestam seus edificios de mais de cem annos de idade, — SantaLuzia do Norte.

Eram 6 horas da manhã quando embarquei no porto da Levada de Maceió.

As canôas cheias de fructas, e productos de pequena industria, estavam ali, fazendo o commercio quotidiano.

Umam vinham carregadas de cannas de assucar, de que se servem principalmente para a fabricaçãõ de *caldo azêdo* e *rolêtes*; outras, de panellas e potes de barro; outras, de esteiras de *periperi*, esteiras de *cangalha*, carvão de madeira, etc.

Numa dessas canôas de um só tronco de madeira parti para a cidade de Santa Luzia do Norte.

Uma hora depois passava deante de Fernão Velho, onde se acha uma excellente fa-

brica de tecidos da Companhia União Mercantil.

Pouco além desemboca o rio Mundahú, que passa por um valle fertilissimo, formando pequenas cascatas, produzindo a força necessaria para pôr em actividade as duas maiores fabricas do Estado — *Progresso* e *Alagoana*, ambas de fiação e tecidos.

Ao entrar na bacia em que está a cidade de Santa Luzia, avista-se a pittoresca propriedade do meu amigo Major Alencastre, velho empregado publico aposentado: denomina-se *Sitio Nova Aurora*.

Um espectáculo digno de attenção atrahê as vistas do viajante.

A's margens da bacia do Norte, bordadas de *baronezas*, bella planta aquatica, e de *mangues* verdejantes, esvoaçam grandes garças brancas, aves de varias especies, de varias côres, umas negras como pequeninos corvos, outras vermelhas e amarellas; cor-



MATRIZ DE SANTA LUZIA DO NORTE

rem bandos de *aratús*, carangueijos rosados, de um sabor delicioso, saltam peixes que por um pouco não cáem aos pés do *canoeiro*.

A abundancia de fructas na cidade; de peixe, camarões, sururús, de aves, nas margens da lagôa, faz daquella terra um pequeno paraizo de indolencia.

Que necessidade de trabalhar para ganhar o pão «com o suor do rosto», se,

ali, ao alcance das mãos, está o alimento diario, sem fadiga, nem cuidados?

.....  
Alguns minutos depois do descanso tomado na chacara *Nova Aurora* fui visitar a archeologica cidade, construida sobre a encosta da montanha.

Uma rua principal, muito velha, lembrando o antigo gosto portuguez pela architectura singela de suas casas, outra rua, a do Commercio, partindo pelo lado direito da Matriz, são as duas mais importantes.

A Matriz ostenta na sua fachada a indicação de que foi ali posta em 1786.

Era dia de festa.

A' frente da entrada principal estava uma bateria de bombas, ao lado, uma girandola de foguetes.

Do mastro ornado de folhas pendia a bandeira parochial.

Na rua do Commercio existe ainda um representante da raça portugueza, um velho negociante rico, o *marinheiro*, como é conhecido.

Seu filho, o juiz de casamentos, Luiz de Carvalho, é talvez o mais popular dos habitantes de Santa Luzia.

Chefe de numerosa familia, muito bem-quisto, tem duas filhas mui amaveis e realmente bonitas.

Conservam bem a tradição portugueza da hospitalidade fraternal, e assim me receberam como se eu fosse um parente recémchegado.



NOITE DE LUAR



SITIO «NOVA AURORA»

Não conheço povo em que a virtude da hospitalidade seja melhor cultivada do que no povo portuguez.

Em companhia desse estimavel cidadão fui visitar a Sociedade Philarmonica Nortense.

Attendendo á pobreza da cidade, a distancia da capital, a banda de musica dessa philarmonica é merecedora de apreço.

Seu regente, um velho extremamente sympathico, Manuel da Silva Wanderley, descendente de portuguezes e hollandezes, como indica seu nome, é um modesto e habilissimo cultor da arte musical.

O presidente da sociedade é um meu collega de estudos primarios, dr. Antonio Cavalcanti,

promotor publico da comarca.

As outras ruas da cidade são do typo da rua de S. Vicente, cuja photographia vêem aqui.

Nessas casinhas de palha de coqueiros não entra a fome: todos pescam e em poucas horas obteem o necessario para viver por uma semana.

Subindo a ladeira que vai até o cimo

da montanha, vê-se o cemiterio da cidade.

Dessa elevação avista-se a capital do Estado e grande porção da lagôa do Norte.

E' lastimavel que a industria não tenha penetrado ainda nesses logares tão fertes do Estado das Alagoas.



RUA DE S. VICENTE (SANTA LUZIA DO NORTE)

Em Santa Luzia a cultura do terreno limita-se apenas á plantaçãõ de araruta, mandioca, coqueiros, etc., em pequena escala.

A maior parte da terra nunca foi lavrada pelo homem!

O commercio é deminuto, quasi nullo.

Ali ninguem aproveita as fructas que dão vinhos excellentes, como os cajús, ananazes, genipapos; ou compotas mui apreciadas, como as mangas, laranjas, goyabas, etc.

Existe alguma plantaçãõ de cafeseiros que servem apenas para o consumo local.

A apicultura, que seria rendosissima, pois o mel das abelhas, em Santa Luzia, é especialmente aromatico, é limitada em extremo e muito rotineira.

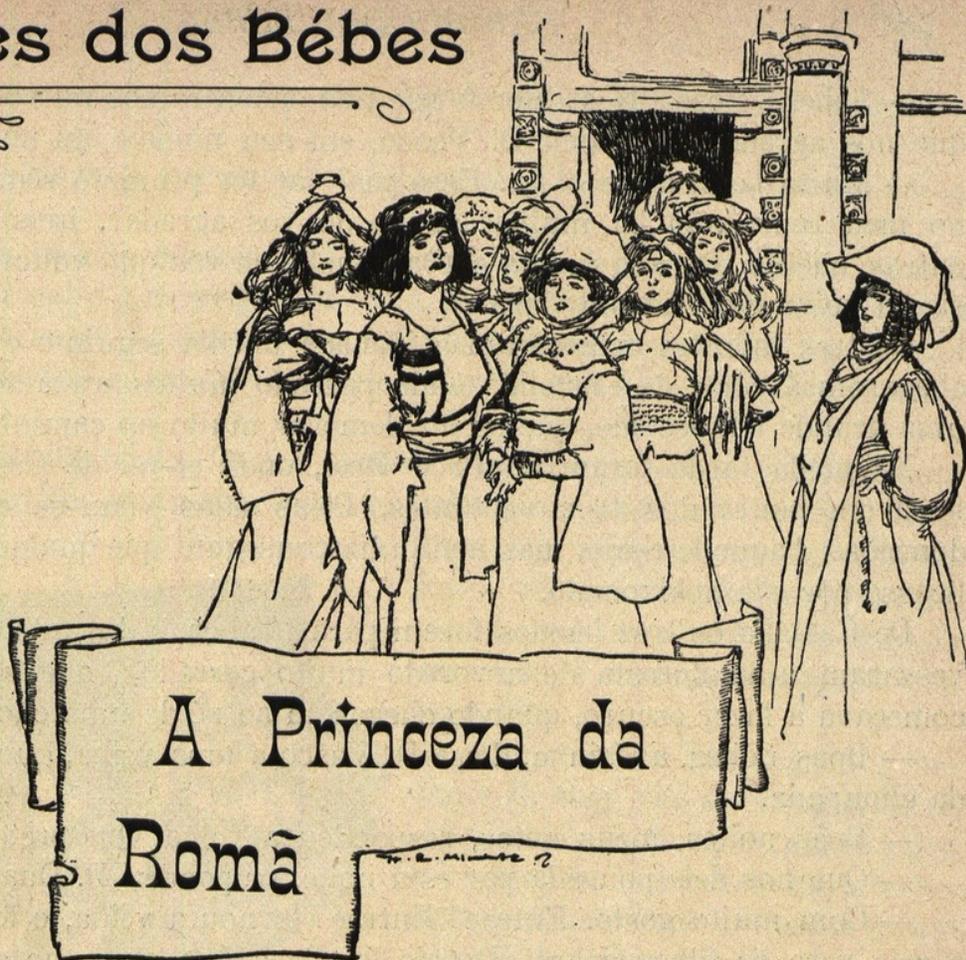
Eis ahi uma cidade em decadencia que seria certamente um grande centro de riqueza...

*L. Lavenère.*



LEVADA DE MACEIO

# Serões dos Bébés



RA uma vez um rei que tinha trez filhos, qual d'elles melhor, mais forte e espadaúdo. O mais velho chamava-se Vasco, o segundo Duarte e o mais novo Ruy.

Ora o rei tinha grande paixão por vêr que os filhos fugiam da companhia das damas formosas e gentis, e só queriam andar á caça ou jogar a espada e a lança.

E vae elle um dia, sentindo-se já velho e querendo que os filhos tomassem mulher para lhe darem um enxame de netinhos antes que elle baixasse ao mausoleu dos seus avós, chamou os trez infantes e disse-lhes :

— Amanhã dou um grande baile, a que hão de vir as raparigas mais bonitas do meu reino. Olhae muito para ellas, porque haveis de casar com as que mais vos agradarem.

No dia seguinte houve effectivamente no Paço um grande baile. Os infantes andaram por todas as salas, que estavam cheias de raparigas lindissimas, porém nenhuma lhes agradou.

O pae não os perdeu de vista, e, ao irem-se embora os ultimos convidados, ficou mais furioso e desconsolado que nunca, porque os infantes mal tinham olhado para todas aquellas formosuras e pareciam cada vez mais tristes e aborrecidos. Chamou-os logo á camara do Conselho e fallou-lhes d'esta maneira :

— Já vejo, filhos, que não quereis fazer-me a vontade. Porque não vos resolveis a casar ?

— Saberá Vossa Real Mercê que não encontramos no vosso reino noiva que nos agrade, respondeu D. Vasco, em seu nome e em nome dos irmãos.

— Muito bem, disse o rei. Esse mal vae ter prompto remedio. Visto que no meu reino não ha mulher capaz de vos agradar, ireis procural-a em outras nações. Darei a minha corôa áquelle de vós que voltar trazendo consigo a noiva mais encantadora.

Os trez infantes começaram a jornada no dia seguinte e d'ahi a tempos chegaram á côrte de Castella, tendo passado muitos trabalhos e escapado a uma grande tempestade, que os fez demorar muito no caminho.

N'aquella tarde foram ao Paço Real, onde el-rei de Castella deu uma festa em honra dos trez visitantes. Pelas salas viam-se as mais lindas donzellas d'aquelle reino, mas nenhuma conseguiu que qualquer dos infantes ficasse por ella apaixonado.

De Castella os trez irmãos foram para França, e durante a jornada atravessaram uma floresta de arvoredó muito cerrado, onde se perderam. Já começava a fazer escuro, quando chegaram ao pé de uma choupana.

— Boas noites, avósinha, disse D. Vasco a uma velha, que estava á porta da choupana.

— Boas noites, meus netos, respondeu a velha. Que pretendeis de mim?

— Que nos deis pousada por esta noite, respondeu D. Duarte.

— Com muito gosto. Entrae! Entrae! tornou a velha, e foi logo arranjar a ceia para os filhos do rei. Depois fez-lhes uma cama no chão, emquanto elles lhe diziam o motivo por que andavam correndo as sete partidas do mundo.

De manhã os infantes deram á velha uma bolsa recheada de oiro, recebendo em troca trez romãs, uma para cada um.

E, ao dar-lhes as romãs, que pareciam de oiro, a velha disse aos trez irmãos:

— Se quereis alcançar aquillo que buscaes, livrae-vos de abrir estas romãs longe da agua corrente.

Tendo agradecido á velha a exquisita offerta, os trez irmãos montaram a cavallo e continuaram a sua jornada atravez da grande floresta. Por volta do meio dia, pararam para descansar á sombra de um olmeiro.

— E se eu agora comesse a minha romã? disse o infante D. Vasco.

Abriu o fructo e logo sahiu de dentro uma nevoasinha prateada, que foi crescendo, crescendo e se tornou afinal em uma rapariga muito bonita.

— Ai! Que sêde com que eu estou! disse ella. Dae-me agua quanto antes, ou morro!

Os infantes desataram a correr pela floresta, em procura de agua, mas não a encontraram. Quando voltaram, a rapariguinha estava a tornar-se outra vez em nevoa prateada, que foi subindo até á copa das arvores e afinal se desvaneceu de todo.

Ainda estiveram a vêr se ella tornava a apparecer, mas por fim desenganaram-se, montaram a cavallo e continuaram muito tristes a sua jornada. Quando o sol já principiava a baixar, passaram perto de uma lagoa, e o

infante D. Duarte abriu a sua romã, d'onde sahiu outra menina tambem muito linda.

— Ai! Que sêde com que eu estou! disse ella. Dae-me agua quanto antes ou morro!

O infante D. Duarte correu para a margem da lagoa, encheu de agua o elmo e veiu offerecel-a á rapariguinha. Ella, porém, recusou-se a beber, porque não era agua corrente, e, antes que o infante podesse ir procurar a agua que ella desejava, desfez-se em nevoa prateada, que d'ali a pouco desapareceu de todo.

D. Duarte, muito triste, foi ter com os irmãos e puzeram-se novamente a caminho. Quando escureceu, não encontraram, como na vespera, uma choupana onde passassem a noite. Para vêr se descobriam pousada, espalharam-se os trez pelo meio do arvoredado, e caminharam atravez da escuridão.

Ao raiar da madrugada o infante D. Ruy viu-se sósinho, ao pé de uma fonte de agua muito pura e crystalina, que corria para os lados de uma cidade de torres muito altas e de tectos ponteagudos, onde faiscava o sol acabado de nascer.

D. Ruy apeou-se, e, chegando-se para a fonte, abriu a romã que a velhinha lhe tinha dado.

E logo sahiu d'ella uma nevoa prateada, que se tornou em uma donzella mil vezes mais bonita que as outras duas. O infante deu-lhe immediatamente a beber a agua corrente e a donzella ainda ficou parecendo mais linda.

Cheio de admiração, D. Ruy esqueceu-se da fome e do canção, e depoz aos pés da sua amada trez ricos aneis que trazia comsigo, um de brilhantes, outro de rubis e outro de esmeraldas.

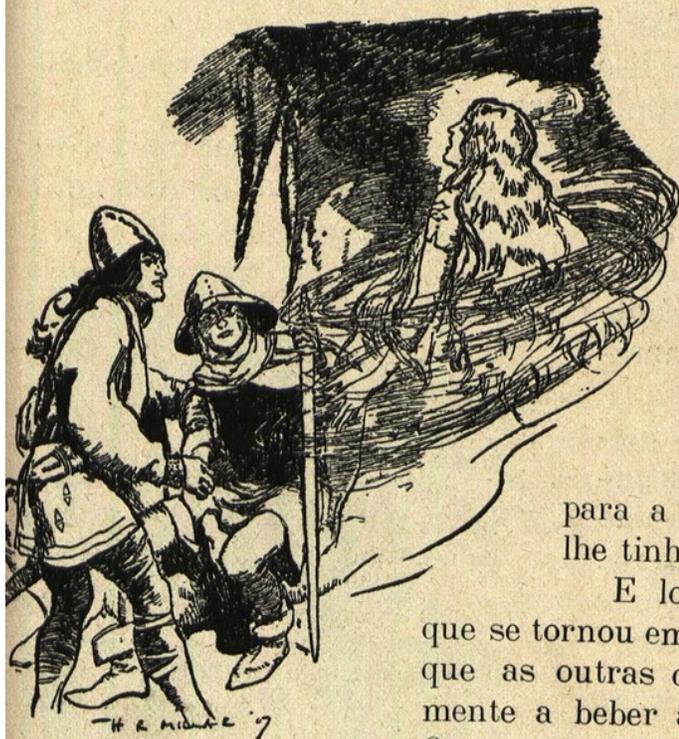
— Tudo isto é vosso, disse o infante. Esperae-me aqui, meu amor. Vou á cidade comprar-vos um diadema de perolas e um vestido de brocado de oiro, para vos adornardes, e uma carruagem de gala, para nos levar.

A Princeza da Romã tinha medo de ficar sósinha ao pé da fonte e por isso trepou a uma arvore e escondeu-se entre a folhagem. O infante correu para a cidade e emquanto elle esteve longe, veiu uma cigana beber á fonte e viu a princeza empoleirada na arvore.

— Que estaes ahi fazendo, linda menina? perguntou ella.

A princeza desceu da arvore e contou-lhe o que tinha acontecido.

Voltou-se para olhar para a cidade, e vae a cigana apanhou um pedregulho e atirou-lh'o com força, fazendo com que ella cahisse no chão



— DAE-ME AGUA ANTES, OU MORRO

como morta. Arrastou o corpo para um sitio onde o matto era mais fechado e cobriu-o de folhas.

D'ali a pouco voltou D. Ruy.

— Não vos assusteis por me vêr tão mudada, disse a cigana. Foi uma feiticeira que passou por aqui e me fez este encantamento. Mas não pode durar muito. Apenas eu tiver casado comvosco, tornar-me-hei ainda mais bonita que era d'antes.

D. Ruy acreditou e deu-lhe o vestido de brocado e o diadema de perolas, com que a cigana logo se enfeitou, e ambos foram de carruagem para a tal cidade que se avistava d'ali, e depois para o reino do pae do infante.

Quando estavam quasi a chegar, D. Ruy, olhando para a noiva, deu pela falta de uma coisa de grande valor, e perguntou :

— Onde estão os aneis que vos dei ?

— Os trez aneis ?... Ah ! sim. Perdi-os emquanto estava encantada. Mas isso pouco importa. Volto á forma primitiva apenas nos casarmos.

A cigana tratou logo de escrever uma carta á irmã, que morava perto da floresta, e pediu-lhe que fosse tirar do cadaver da princeza os aneis que ella tinha nos dedos, pois devia leval-os quando se fosse casar com o filho do rei.

Mal chegou á côrte do pae, o infante levou ao palacio real a feia cigana e apresentou-a ao pae.

— Então é com essa mulher que te queres casar ? perguntou este, muito espantado. Já não me admira que no meu reino não encontrasses noiva que te agradasse.

Só ficou mais socegado depois de ouvir o filho contar-lhe a historia da sua estranha aventura.

— Então é esta a Princeza da Romã ? exclamou elle. Pois vaes casar quanto antes, para se acabar o encantamento.

A cigana é que não quiz que se casassem tão depressa, porque estava á espera de que a irmã lhe trouxesse os aneis, e então disse que estava muito doente e que a cerimonia só poder ir ser d'ali a um mez.

Ao cabo de trez semanas chegou a irmã.

— Depressa ! Dá-me os aneis, disse-lhe a cigana.

— Não os tenho, respondeu a irmã. Procurei tudo na floresta, em volta da fonte, e não fui capaz de encontrar o corpo da princeza.

— Estava debaixo de um monte de folhas, disse a cigana.



— QUE ESTAES AHI FAZENDO, LINDA MENINA ?

— Vi as folhas, mas não vi a princeza, respondeu-lhe a irmã.

— Não tem duvida! Caso amanhã mesmo com o infante, e depois não haverá ninguem que nos possa separar.

Ainda ficou mais contente quando viu os outros dois infantes chegarem ao palacio, sem terem arranjado noiva.

— Sabes, mana? disse ella á irmã. O meu esposo será rei, e eu serei rainha. Ainda me has de beijar a mão!

Depois de perderem as donzellas das romãs, os infantes D. Vasco e D. Duarte, n'uma tristeza mortal, tinham voltado para o reino de seu pae, sem pensarem mais em arranjar noiva. Vinham tão desconsolados, que nunca levantavam do chão os olhos, de modo que não viram duas nevoasinhas prateadas, que lhes fluctuavam por cima das cabeças e que os acompanhavam no regresso á terra natal, ficando pendentes por fim, como nuvem ligeira, por cima do pateo do palacio.

— Que nova e encantadora ornamentação que faz aquella arvore! disse o rei no dia seguinte de manhã, quando se estava formando, da banda de fora do paço, o cortejo nupcial. Filhos, trouxestel-a de Castella?

— O quê, meu pae? perguntaram os infantes D. Vasco e D. Duarte.

Tendo erguido os olhos, viram uma arvore muito estranha que se erguia da fonte do pateo. Duas romãs pendiam-lhe dos ramos mais baixos e outra do raminho mais alto.

Dando um grito de alegria, os dois infantes sahiram do cortejo e foram apanhar os dois fructos que estavam mais perto, ao mesmo tempo que a cigana dava um grito, muito raivosa, e, apesar de todas as pompas do seu traje de noiva, corria após elles e trepava como um gato pelo tronco acima. Antes, porém, que tivesse chegado a apanhar a romã mais alta, D. Ruy puxou-a á força para baixo, e, enquanto ella rebolava no chão, subiu o infante á arvore e colheu o fructo appetecido.

— Ides agora decidir, querido pae, disseram os infantes, qual de nós escolheu noiva mais linda.

E sentados á beira da fonte, abriram as romãs, á vista dos cortezãos e do povo.

De cada fructo sahio uma nevoasinha prateada, que foi crescendo, crescendo e tomou a forma das trez raparigas. Antes que qualquer d'ellas pudesse dizer: «Tenho tanta sêde!» já os infantes lhes tinham dado a beber a agua crystallina e fresca da fonte.

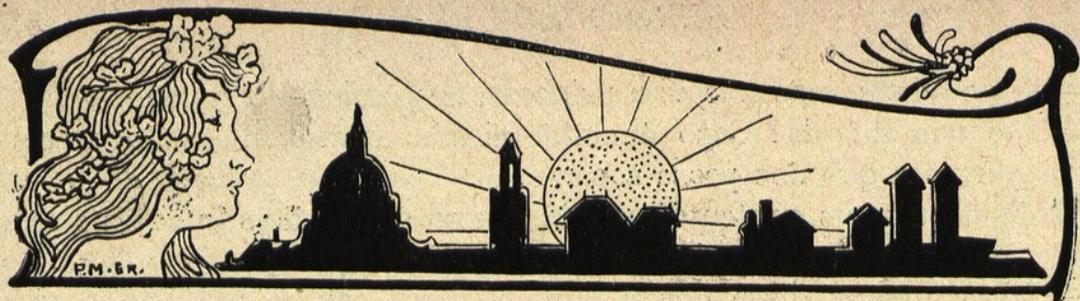
A noiva do infante D. Vasco era linda como os amores, e a do infante D. Duarte talvez ainda fosse mais bonita. Mas quando viram a Princeza da Romã, o povo e a côrte gritaram logo:

— É a rainha! É a rainha!

Era effectivamente a mais bonita de todas trez.

Formou-se de novo o cortejo nupcial, e em lugar de um houve trez casamentos.

A cigana e a irmã tinham desaparecido e ninguem mais soube d'ellas.



## ○ Quinto Concurso dos “Serões” Photographico

---

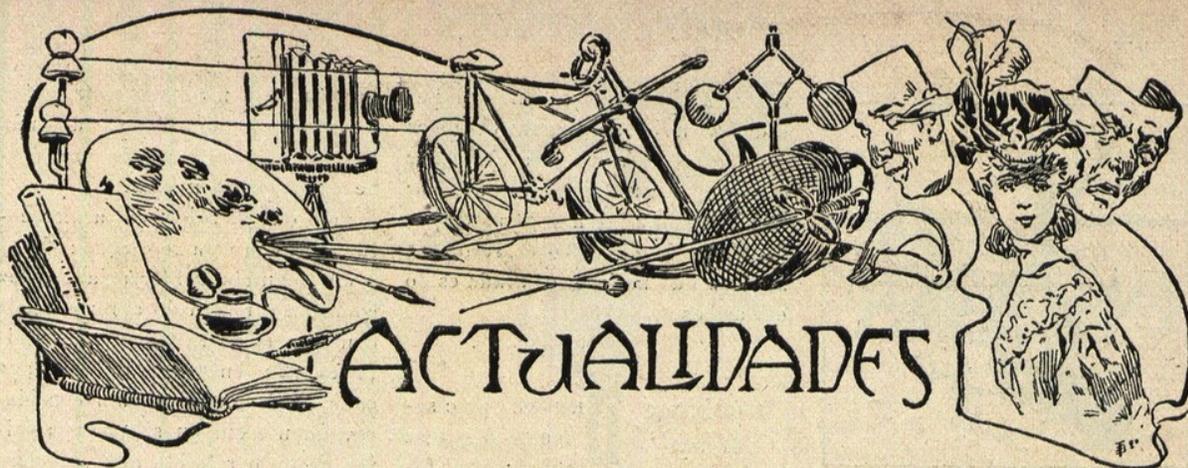
*Não teve, infelizmente, o exito dos concursos anteriores este sobre o qual nos pronunciamos agora. A exigencia do thema — um trabalho photographico, que se adapte á decoraçãõ da capa dos “Serões” — não foi satisfeita pelos nossos amaveis concorrentes. Os que tentaram aproximar-se da realizaçãõ d’esta exigencia, enviaram trabalhos que denotam indiscutivel boa vontade, mas deficiencia de sentimento artistico. Outros remetteram trabalhos muito interessantes, mas inadaptaveis ao fim indicado, ou pela sua exiguidade, ou por falta de outros requisitos essenciaes. Entre estes ultimos escolhemos dez, aos quaes conferimos menções honrosas, como justo estímulo á pericia ou ao gosto artistico de seus autores, abstendo-nos, com grande magua nossa, de distribuir os primeiros premios, em vista das rasões allegadas.*

*Não seja esse motivo de desanimo para os activos concorrentes que nos honram com as suas producções. No proximo concurso, que brevemente abriremos, temos a esperança de que elles nos darão azo a mais alvoroçado jubilo.*

*Eis a lista dos premiados com*

**Menção honrosa** — Ponte da Barca — *Alvaro Laborinho, Nazareth; A’ merenda (na feira da Senhora da Agonia, em Vianna do Castello) — Antonio de Carvalho, Porto; Jardineiro (Juiç de Fóra) — Antonio Ferreira de Lemos, Minas — Brazil; Ponte Romana (Rio Homem), Porca de murça e Azenha do Rio Homem (Caldellas) — Antonio Manuel Lopes, Villa Verde; Nas Aguas Bellas e Um trecho do Rio d’Areia (Vallado) — Cesar Coelho da Silva, Nazareth; Margens do Rio Douro (Espadanedo) e Margens d’uma preza (Paranhos) — Manuel Teixeira Monteiro, Porto.*

*Iremos publicando successivamente, no corpo da revista, as reproducções das photograhias que obtiveram menção honrosa.*



## Grandes topicos

Uma nova [Constituição persa] **S**EGUNDO parece, o shah da Persia não tem grande paixão pelo regimen constitucional, e assim é que logo que subiu ao throno começou a infringir a tórto e a direito os preceitos da Constituição pouco tempo antes implantada. O parlamento sobresaltou-se e advertiu o shah de que por aquelle caminho não ia bem. Mas como as suas advertencias fossem completamente desprezadas, e ao mesmo tempo elle reconhecesse que a Constituição, tal como estava, não garantia sufficientemente a nação contra o soberano, poz a este, n'um dado momento, o seguinte dilemma: ou abdicava, ou se resolvia a outhorgar uma lei fundamental em que os direitos dos cidadãos ficassem devidamente assegurados. Posto assim entre a espada e a parede, o shah cedeu, e no dia 11 de outubro assignou a nova Constituição que limita as prerogativas do soberano e a auctoridade eclesiastica, concede ao povo a liberdade de consciencia, de instrucção, de imprensa, de reunião e de associação, e fixa os deveres do parlamento assim como a responsabilidade dos ministros.

O parlamento propõe-se tambem,

segundo referem de Teheran, aprovar uma lei transferindo para o Estado a posse de algumas propriedades reaes e outra lançando sobre os membros da côrte a con-



O KAISER COM O TRAJE DE FREDERICO O GRANDE

*Photographia de Reichard e Lindner, de Berlim, largamente espalhada pela Allemanha.*

tribuição de quatro centos mil francos destinada ao estabelecimento de um Banco Nacional.

Como se vê, a Persia caminha a passos agigantados para a Civilização.

A situação em Marrocos **M**ULEY Hafid que, nos primeiros tempos depois da sua proclamação em Marrakesch, declarava alto e bom som que não

hostilizaria a França, propondo-se apenas a aniquilar o poder de seu irmão para o substituir no throno, arrancou finalmente a mascara, enviando uma missão á Europa com o encargo de convencer os governos das diversas potencias a que, no seu proprio interesse, deviam oppôr-se ao desenvolvimento da influencia franceza em Marrocos. Como era natural, nenhum d'esses governos consentiu em receber a missão que a estas horas está já fazendo as malas para regressar ao Mogreb.

Entretanto, Muley Hafid não se conservou inactivo. Sabendo que seu irmão havia chegado a Rabat, tendo tido, por signal, uma recepção inesperadamente entusiastica, lembrou-se de que promettera ir ali atacal-o, e immediatamente começou fazendo os devidos preparativos. A' hora

a que escrevemos, as suas tropas vão já a caminho, tendo uma parte d'ellas—naturalmente para mostrarem bem as intenções do sultão de Marrakesch—atacado ha dias as tropas francezas que occupam as immediações de Casa Branca.



QUEM É O APANHADO?

FRANÇA — *Acudam! Acudam!*  
*Ajudem-me a safar-me d'este!*

Do «*Chicago News*»

Ao mesmo tempo que isto succedia, Abd-el-Azis tinha em Rabat uma conferencia com o ministro da França e com o general Lyantey, commandante da guarnição da fronteira argelina, na qual, pela primeira vez, se mostrou completamente favoravel ás pretensões d'aquelle paiz, declarando-se disposto a cooperar com elle. Uma unica condição impôz: que a França lhe fornecesse o dinheiro necessario para sustentar a lucta com seu irmão.

Desde esse momento, a questão ficou simplificada para a França. Cabe agora a ella aproveitar esta aragem, se quer assegurar definitiva e rapidamente a sua situação em Marrocos. Para isso, duas coisas tem a fazer, antes de mais nada:



A FRANÇA E MARROCOS

O TRICOLOR — *Como demonio me hei de haver com esta excommungada fera?*

Do «*Lustige Blätter*»

dar a Abd-el-Azis o dinheiro perdido, e enviar ao general Drude os refôrços necessarios para elle poder estender o seu raio de acção, por fórma a aniquilar não só as tropas de Muley Hafid como os restos de kabilas que no interior ainda estão em armas.

A Conferencia da Haya **D**EU-SE precisamente o que se previra: o famoso congresso de diplomatas encerrou os seus trabalhos, tendo ao todo aprovado uma declaração relativa á interdição de lançar projecteis e explosivos do alto dos balões, e treze convenções sobre:

a solução pacifica dos conflictos internacionaes;

o reembolso das dividas resultantes de contractos;

a abertura das hostilidades;

as leis e os costumes da guerra territorial;

os direitos e os deveres das potencias e das pessoas neutras em caso de guerra territorial;

o regimen dos navios mercantes inimigos no inicio das hostilidades;

a transformação dos navios mercantes em vasos de guerra;

a collocação de minas submarinas;

o bombardeamento por forças navaes em tempo de guerra;

a adaptação á guerra maritima dos principios da Convenção de Genebra;

a certas restricções ao exercicio do direito de captura na guerra maritima;

a criação de um tribunal internacional de presas; e

os direitos e os deveres das potencias neutras na guerra maritima.

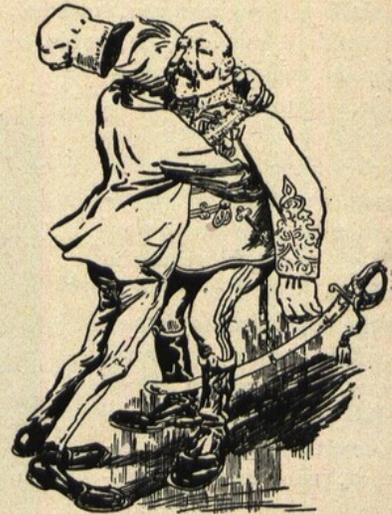
Quanto aos dois pontos capitaes do programma—a arbitragem obrigatoria e a reduçção dos armamentos—limitou-se, no que respeita á primeira, a votar uma declaração «reconhecendo o principio da arbitragem obrigatoria», «afirmando que certos litigios e, sobretudo, os relativos á interpretação e á applicação das estipulações convencionaes internacionaes, são susceptiveis de ser submetidos á arbitragem obri-

gatoria, sem nenhuma restricção», e terminando por explicar que «não lhe foi possível concluir uma convenção n'esse sentido».

Pelo que se refere aos armamentos, aprovou esta resolução:

«A segunda conferencia da paz confirma a resolução aprovada pela conferencia de 1899 ácerca da limitação dos encargos militares; e como estes augmentaram consideravelmente em quasi todos os paizes desde o referido anno, declara ser altamente desejavel que os respectivos governos estudem de novo, a serio esta questão.»

*Et voilà!* Mais uma desilusão para os pacifistas que tanto esperavam d'esta conferencia...



MAIS OUTRO ALLIADO?

BEBEL (no congresso socialista de Stuttgart — se eu tivesse que escolher entre a Republica Franceza e a Monerelin Zylere, preferia a ultima.)

REI EDUARDO — *Isto realmente é demais!*

Do «*Ulk*»

A Igreja e o Estado na Suíssa **T**ENDO-SE posto ha tempos no cantão de Genebra

a questão da separação da Igreja do estado, realisou-se ultimamente ali um plebiscito que fez triumphar os separatistas. Allegavam estes que o principio da laicisação do Estado, base das instituições republicanas, não é respeitado quando o Estado se alia aos cultos e se ingere na sua organização, e que o principio da egualdade dos cidadãos perante a a lei e perante o imposto, é da mesma

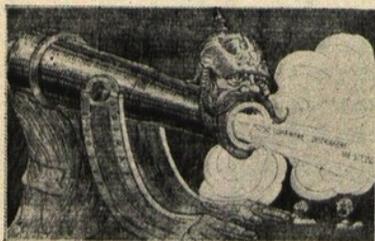
fôrma infringido quando o Estado, como succedia em Genebra, não reconhece a todos os cultos o mesmo direito.

Por seu turno, os partidarios da alliança do Estado e da Igreja, invocavam os serviços por esta prestados á nação, e consideravam essa alliança, como uma das bases fundamentaes da vida moral e politica do Estado. Ao contrario, o regimen da separação cercearia os direitos do povo, restabelecendo o privilegio das castas, e annullando a obra secular da Reforma.

Nenhuma d'estas razões prevaleceu no plebiscito que, como acima dizemos, deu o triumpho aos separatistas, sendo o principio da separação aprovado por 660 votos de maioria.

A terceira duma **A** data a que escrevemos, as eleições para a futura дума entraram na sua terceira e definitiva phase. Comquanto não seja facil prever desde já os seus resultados, pôde-se todavia ajuizar da situação pelos dados que as eleições do 1.º e do 2.º grau nos forneceram. Não foram elles nada favoráveis ás oposições, que no segundo escrutínio obtiveram apenas 32 por cento da votação total, enquanto os partidos da direita obtinham 51 por cento. O resto coube aos independentes e aos candidatos de opiniões politicas ainda desconhecidas.

Entre os partidos da direita estão incluídos os octobristas que propriamente não pertencem a esse bloco, pois formam entre a sua extrema esquerda e a extrema direita da opposição. E como a sua representação seja bastante numerosa, pôde



A ALLEMANHA: DESARMADO, NUNCA!  
Do «Pasquim»



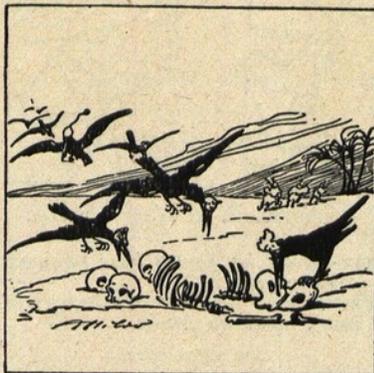
DE SENTINELLA EM MARROCOS

BÚLOW—Aqui estou eu sósinho, pela cilada de noite, de sentinella, a meditar sobre Algeciras e o que resta ainda do seu tratado.

Do «Ulk»

dizer-se que elles, com os independentes e os de politica desconhecida, teem nas mãos a sorte da futura Duma.

Inclinar-se-hão para a direita? Inclinar-se-hão para a esquerda? A primeira hypothese não é muito



OS RESULTADOS VERDADEIROS DA CONFERENCIA DE ALGECIRAS

Do «Fischietto»

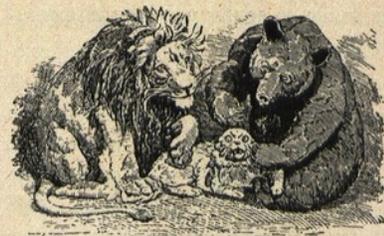
provavel, porquanto as suas tendencias são acentuadamente radicadas.—Com effeito, o octobrismo nasceu no congresso dos zemstvos de 1905, constituindo os seus membros a minoria que se propunha reclamar todas as reformas politicas dentro da legalidade, enquanto a maioria, formada pelos «cadetes», se aliava resolutamente aos revolucionarios.

E', por consequencia, o octobrismo um partido reformador que certamente não fará causa commum

com a reacção dominante. Mas até que ponto levará elle o seu apoio aos partidos da opposição? Se o fizer comedidamente e com habilidade, fortalecer-se-ha, ao mesmo tempo que prestará um grande serviço ao paiz, forçando o governo a promover successivas reformas. Se, pelo contrario, apoiar resolutamente todas as exigencias da esquerda, só conseguirá com isso fazer dissolver outra vez o parlamento e lançar o paiz n'um novo periodo de agitação que, dados os precedentes, só lhe trará desvantagens.

Um Krach nos Estados Unidos **O** desastre ha tanto tempo annunciado nos Estados Unidos, deu-se finalmente. A febre do dinheiro, as escandalosas especulações a que individuos e sociedades se teem lançado, produziram n'aquelle paiz as suas naturaes consequencias. A grande republica passou ultimamente por uma terrivel crise financeira de que ainda não se desembaraçou de todo e cujos effeitos se farão sentir por muito tempo ainda.

Ha uns seis mezes a esta parte que se notava uma baixa constante em todos os valores. Este facto, resultante da desenfreada especulação financeira, devida principalmente aos trusts, fez com que o presidente Roosevelt, o mais feroz inimigo d'esses syndicatos, se lançasse n'uma verdadeira campanha oratoria contra elles, mostrando ao publico o perigo que corria com as suas malignancias.



O GATO INOFFENSIVO

LEÃO BRITANNICO ao Urso Russo—Olhe lá! Brinca tu com a cabeça, e eu brinco com a cauda, e ambos nós the affagamos o couro.  
GATO PERSA—Não me recordo de me terem consultado sobre o caso!

Do «Punch»

Ninguém se importou com os avisos do presidente, mas o resultado d'essa indiferença não se fez esperar. No principio do mez de outubro começaram a falir diversas casas importantes. Atraz d'essas foram outras e outras, e a breve trecho numerosos bancos suspendiam pagamentos. Por ultimo surgiu de subito a noticia de que o National Bank of Commerce, dirigido pelo archi-milionario Morgan, se recusára a negociar na Bolsa como agente do Knickerbrocker Trust Company, o segundo estabelecimento bancario de New York, que operava com setenta e cinco milhões de dollars em deposito.

O alarme foi geral. Aos escriptorios do Knickerbrocker houve uma *corrida* por tal fórma impetuosa e desvairada que duas horas depois o banco tinha restituído mais de dez milhões de dollars e, como lhe faltasse o numerario, viu-se obrigado a declarar que suspendia temporariamente pagamentos.

Arrastadas por esta falencia, numerosas outras casas faliram em seguida, o que causou uma enorme perturbação na vida financeira, industrial e commercial dos Estados Unidos.

Devido á intervenção immediata do Estado, que pôz logo á ordem dos estabelecimentos bancarios dignos d'esse auxilio, o numerario de que elles careciam, para fazer face aos seus compromissos, a situação melhorou consideravelmente, e pode dizer-se que no actual momento a tranquillidade renasceu no mundo dos negocios. Entretanto, o choque sofrido foi muito violento e, como acima dizemos, os seus efeitos hão de fazer-se sentir por bastante tempo ainda.

O Kaiser em Inglaterra **D**EPOIS de longas e laboriosas negociações, está finalmente resolvida para breve uma visita de Guilherme II á côrte de Londres. Não se pense, comtudo, que ella vae effectuar-se com o apoio ou sequer a indiferença da imprensa ingleza. Apesar de muitos dos seus órgãos proclamarem que as divergencias suscitadas entre os dois pai-

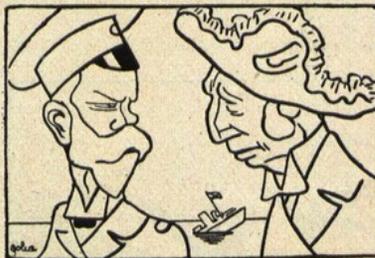
zes desapareceram já por completo, desde que se assentou na visita todos elles a começaram discutindo, com mais ou menos acrimonia. O



A «TOILETTE» DE GUILHERME

*A Europa tem os olhos em mim. Com que cara lhe hei de apparecer esta manhã?*

Do «La Silhouette»

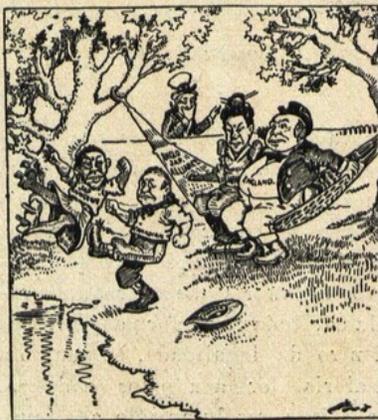


O NAUFRAGIO DO YACHT IMPERIAL

*CZAR — Não ha cartas boas no nosso serviço naval?*

*ALMIRANTE — Na Russia, não, meu senhor; ha-as no Japão.*

Do «Pasquim»



A FAMILIA DE PARTE

*As partes contractantes parece não se terem importado com os meninos.*

Do «Minneapolis Journal»

proprio conservador *Times*, n'um artigo que tem sido muito discutido, exprimia ultimamente o desejo de que o chanceler de Bulow acompanhasse o Kaiser, para assim se penitenciar da sua antiga hostilidade para com a Inglaterra. E parece que em consequencia d'esse artigo, Bulow, que tencionava efectivamente acompanhar o soberano, renunciou a dar esse passo.

Calcule-se por aqui a attitude dos jornaes radicaes. Um d'elles, por exemplo, aconselhava a dias a população de Londres a receber o Kaiser a assobio.

Evidentemente, por maior que seja a antipathia da Inglaterra pela Allemanha, não se chegará a esses extremos. É de esperar, todavia, que ella se manifeste por qualquer outra fórma. Mas dado mesmo que tal não suceda, nem por isso a viagem de Guilherme II servirá, como elle desejava, para demonstrar a excellencia das relações anglo-allemanhas.

O papa e os modernistas **A**ultima encyclica do papa contra o modernismo causou, como era de esperar, uma grande impressão no mundo catholico — de satisfação n'uns, de simples desgosto ou de profunda irritação n'outros.

Entre os ultimos, houve alguns que a acolheram hostilmente, declarando-se desde logo dispostos a reagir com todas as forças contra a sua doutrina.

Entre elles está o padre Tyrrell, o grande theologo inglez, justamente considerado no orbe catholico como um sabio, que teve a coragem de vir para a imprensa discutir o decreto pontificio, apontando todos os seus erros e a falsidade da sua doutrina. Valeu-lhe isso o ser privado das suas prerogativas pela Santa Sé que assim pretendeu amedrontar todos aquelles que tivessem a veleidade de proceder da mesma fórma.

Esse castigo, porem, não surtiu o desejado efeito. O seu exemplo foi immediatamente seguido por outros notaveis modernistas europeus, sobretudo da Allemanha, os quaes, de resto, tiveram a mesma sorte.

## Vida na sciencia e na industria

O duque de Orléans no Arctico **V**OLTOU ha pouco um dos membros da expedição arctica do duque de Orléans, com noticias dos importantes trabalhos feitos pelo illustre explorador. Durante algum tempo andou n'uma viagem de exploração geologica e zoologica pelo mar de Kara e Nova Zembla. O duque fez estas expedições a bordo da barca *Belgica*, commandada pelo capitão Gerlaché. Acompanham-n'o alem d'isso o Dr. Récamier e Mr. Mérite, com vinte marinheiros noruegueses e seis francezes, e dois dispenseiros inglezes. Espera á volta poder apresentar um bom relatório da sua viagem á Real Sociedade Geographica de Londres e á Real Sociedade Geographica Belga de Bruxellas. No anno passado o duque explorou as costas norte de Spitzbergen e da Groenlandia. No caminho passou á beira de campos impenetraveis de gelo, constituindo eventualmente as ilhas Kolderverg. O *Belgica* costeou em seguida e investigou parte da terra firme da Groenlandia, recolhendo depois. As expedições Mikelsen e Bruce, sobre as quaes se mantinham recentemente geraes apprehensões, sabe-se agora que estão a salvo.

A bronchite dos velhos **A**FFIRMA o Dr. Stockton que a bronchite chronica dos velhos augmenta no inverno; por isso as pessoas edosas e delicadas procuram o calor em casas mal ventiladas. O melhor methodo de tratamento é realmente o hygienico; consiste na eliminacão de toda a substancia inutil e no acrescimo do poder de resistencia do individuo. O meio pratico de seguir este methodo de tratamento e

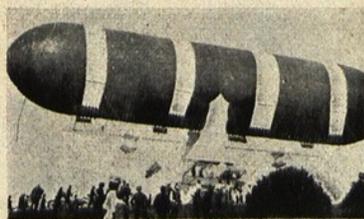
tomar duas ou tres vezes por semana um banho de ar quente, seguido por um outro de esponja, não de immersão, em agua salgada; na irrigação regular do colon para



O DUQUE DE ORLEANS, EXPLORADOR DE REGIÕES ARCTICAS — UMA PHOCA CAÇADA PELO ILLUSTRE EXPLORADOR

que o doente possa evitar a desvantagem de absorver materias toxicas, o que tão facilmente ocorre em edades avançadas e que é de uma importancia extrema. Em seguida, o doente deve conservar-se n'um aposento perfeitamente ventilado, com janellas abertas até no inverno. Se houver muito frio, multipliquem-se os abafos.

O balão militar inglez **A** 10 de setembro, em Farnborough, fez a sua primeira ascensão a aeronave dirigivel do coronel Templer. O *Nulli Secundus*, tal é o seu titulo, ergueu-se 400 pés (cerca de 130 me-



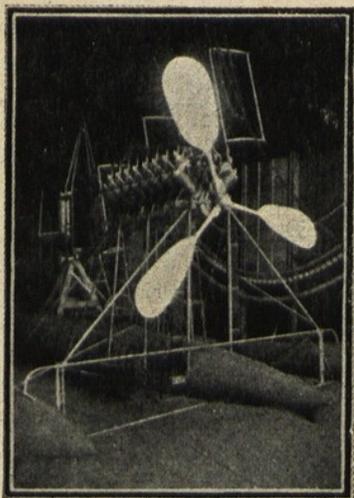
O BALÃO MILITAR INGLEZ

tros) acima do solo, navegou milha e meia sem baixar, e caminhou com a velocidade de seis milhas por hora contra uma brisa de nove milhas. As helices fizeram mil evoluções por minuto. A particularidade d'esta aeronave é o ser a barquinha sustentada por largas faxas de panno passadas em volta do envolvero de gaz. É da fórma de charuto, tem uns 33 metros de comprido e pode levantar o peso de uma tonelada. Fizeram-se duas ascensões. Na segunda, o balão desceu um pouco precipitadamente e soffreu damnos pouco importantes.

Em outubro, o balão inglez foi victima de uma catastrophe. Em consequencia de um temporal, foi arremessado a terra

em Kensington e damnificou-se consideravelmente. O coronel Templer trata de construir um novo aerostato, com mais solidez e notaveis melhoramentos.

Tecidos de ferro e de pedra **U**SAM hoje muito os alfaiates panno de ferro na confecção de golas. É manufacturado com fios de aço e tem a apparencia de um tecido de crina. Utilisa-se tambem muito lã que nunca pertenceu ao pello do carneiro para confeccionar fatos para homens. É conhecida pelo nome de «lã de cal» e é feita n'um forno electrico. Lança-se no forno cal em pó misturada com uma certa substancia chimica, e, depois de passar sob uma violentissima corrente de ar, sae sob a fórma de lã branca e frouxa. Depois tingem-n'a em peças de panno. Um par de calças ou um casaco feito d'este material pode supportar o fogo sem damno permanente, e é tão flexivel como a fazenda de lã de carneiro.



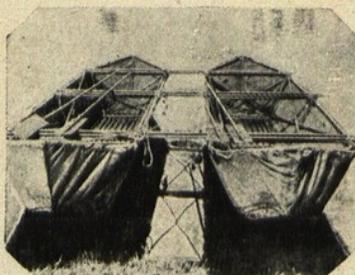
HYDROPLANO SANTOS DUMONT

O Hydroplano Santos Dumont **A** primeira experiência do illustre aeronauta brasileiro Santos Dumont com o seu hydroplano «Santos-Dumont n.º 18» teve um desfecho infeliz. O navegador caiu á agua e apanhou um banho completo. Entretanto, o sr. Santos Dumont conserva a esperança de que ganhará a aposta de 2.000 libras, navegando á razão de sessenta milhas por hora. O hydroplano é um aparelho de curioso aspecto, composto de trez camaras de aluminio e madeira, do feitio de charutos, cobertas de seda e cheias de ar comprimido. Pesam apenas cousa de 35 kilos, a camara central tem uns 11 metros de comprido, e as outras duas 1<sup>m</sup>,30 apenas: o peso total do aparelho, incluindo o motor Antoinette de 120 cavallos, anda por 207 kilos.

Raios X em pastilhas **P**RETENDE um cabelleireiro de Glasgow, Robinson de nome, ter descoberto uma substancia que, quando exposta aos raios Roentgen, absorve a radiação. Crê pois ter tornado possivel tomar os raios X sob a fórma de tabloides ou pastilhas. Um dos obstaculos para qualquer tratamento benefico pelos raios X tem sido a inflamação da pelle produzida pela sua força; mas quando tomados por aquella fórma, essa força pode regular-se á vontade.

Affirma o inventor ter misturado uma porção de pastilha pulverizada no alimento de um coelho, dando em resultado ter cahido uma parte importante do pello do animal. Isto prova, segundo elle, que a pastilha era forte demais, mas demonstra ao mesmo tempo que os raios X foram absorvidos. O invento do cabelleireiro está sendo discutido a serio pela imprensa de Glasgow.

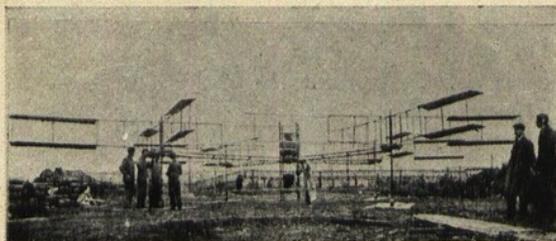
Barcos militares alemães **H**A tempos que os regimentos de cavalaria alemã andavam a exercitar-se com um novo invento — o barco de lanças Rey — o qual poupa muito tempo e despeza e augmenta a mobilidade das tropas. Os barcos dobraveis usados até hoje exigiam um carro, seis cavallos e um cocheiro para cada um, e muitas vezes as tropas estavam horas seguidas na margem de um rio, á espera que a chegada do barco lhes permittisse a passagem. Tudo isto se modifica agora. Basta um cavallo para transportar todo o material necessario, e dentro de cinco minutos oito homens armam o arca-bouço de um barco com um certo numero de lanças unidas por peças adequadas, e cobrem-n'o com o panno impermeavel usado para tendas. Um barco d'estes póde transportar uma esquadra de onze cavalleiros, com as respectivas sellas e armamento. Dois barcos conjugados levam trinta e dois homens, e, con-



BARCOS MILITARES ALLEMÃES

jugando-se trez, podem-se transportar carros, peças de artilharia, ou cincoenta e dois homens.

Gyroplano Bréguet **C**ONSTRUIDO sobre os planos de M. Louis Bréguet, tem este aparelho a fórma geral de uma cruz de Santo André, tendo cada um dos braços no extremo um sistema de oito palhetas, susceptivel de um movimento gyra orio. Essas trinta e duas azas apresentam a superficie total de 25 metros quadrados. No centro ha um motor de 40 cavallos, e jun'o d'elle em baixo é o logar do piloto. O peso total do aparelho e do aeronauta attinge 578 kilos. O principio é que os planos sustentadores, animados de um movimento gyra orio, bastam para assegurar a sustentação, a progressão e o equilibrio. D'ahi

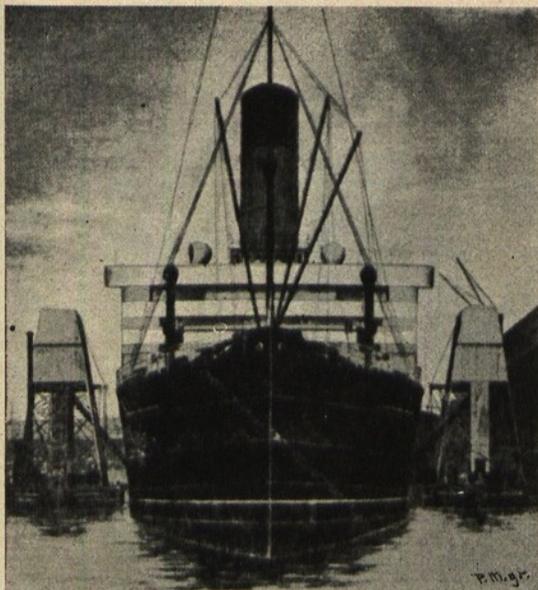


GYROPLANO BRÉGUET

o nome de *gyroplano*. Fizeram-se experiencias, tendo as azas em rotação a velocidade de 78 voltas por minuto, e tendo o circulo descripto um diametro de 8 metros. O aparelho subiu quasi instantaneamente e manteve-se no ar por'o de um minuto a cerca de 60 centimetros do solo.

Assim um aparelho, com o peso approximado de 600 kilos, pode elevar-se por seus meios proprios e manter-se sem deslocamento transversal. É a primeira vez que tal resultado se obteve.

As corporações scientificas e os homens de sciencia esperam com curiosidade o resultado de outras experiencias mais concludentes. Os inventores estudam as modificações necessarias para obter uma velocidade no sentido lateral de 70 kilometros por hora.



BARCAÇA PARA APROVISIONAMENTO DE CARVÃO

Aprovisionamento automatico de carvão **E**MPEGAM actualmente os americanos, para prover automaticamente de carvão os navios, a barcaça *Clarke*, cuja descrição summarimamente descrevemos. O carvão entra na barcaça pelo systema ordinario. A barcaça tem um fundo falso, e no espaço entre este e a quilha corre uma cadeia continua de baldes. No fundo falso ha uma porção de portas corrediças pelas quaes o carvão cae nos baldes. Estes são levados perpendicularmente a uma machina que automaticamente os pesa e regista. Pesado o carvão, corre tambem automaticamente, por mangueiras, para os porões do navio. O machinismo é engenhoso e simples, podendo operar-se com facilidade e rapidez. Alem do engenheiro e quatro a seis homens de tripulação, basta um homem para proceder ás operações do carregamento, regulando á vontade o machinismo. Podem carregar se 100 a 150 toneladas por hora em cada barcaça.

Com este aparelho, pode prover-se de carvão n'uma noite um grande transatlantico.

Telephotographia na Allemanha **D**Á-SE grande importancia na Allemanha ao éxito notavel que tem obtido a ins-

talmente corrigiveis pelo retoque. Um correspondente de jornaes tem pois assim a vantagem de transmitir qualquer illustração, ao mesmo tempo que telephona os seus despachos.

Bombas de balouço **N**A região da Baviera, onde se cultivam especialmente os rabanos, tão apreciados dos allemães, usam os camponeses uma bomba aspirante de simplicidade quasi primitiva, a qual mergulha n'um poço de pouca profundidade. O embolo fixa-se pela extremidade superior a uma taboa de balouço, a qual serve de alavanca. Todo o aparelho se enquadra em postes de madeira ou ferro, cujos extremos prolongados se ligam por uma barra á qual se arrimam os operadores para manter o equilibrio. Basta uma pessoa para manobrar a bomba, mas é escusado acrescentar que o esforço se reduz consideravelmente quando estão duas pessoas sobre o balouço. Este trabalho é confiado ás mulheres, que parecem

executar com prazer tão monotona tarefa.

O novo anesthesico **O** novo anesthesico *Stovaina* é extraordinariamente interessante na sua acção. Produz paralyisia do corpo abaixo do ponto de injeccão e tira toda a sensibilidade aos membros, por forma que se torna possivel amputar uma perna sem o paciente perder a consciencia e podendo elle, caso se queira, observar a operação. O operado não sente dor alguma, e depois da operação, quando volta a sensibilidade, experimenta apenas a impressão de uma contusão, que costuma ser uma das consequencias de operações graves. O anesthesico é certamente muito util em operações menos graves e n'aquellas em que, em consequencia da idade ou de fraqueza cardiaca, é perigosa a administração do chloroformio.

INDISCUTIVEL é o valor de uma medicação pelo phosphoro na *tuberculose, anemia, chlorose, neurasthenia*, etc., mas os meios de ministrarla nem sempre correspondem ás aspirações da medicina.

Só gozam de grande efficacia os diversos preparados de Hypophosphitos do Dr. Churchill; esses productos proporcionam ao organismo todo o phosphoro necessario, e, por assim dizer, no estado natural. Por consequencia são perfeitamente assimilaveis, o que explica o exito d'esses medicamentos preparados pela pharmacia Swan, de Paris.



BOMBAS DE BALANÇO

## Vida na arte

**ALFREDO KEIL**

Fallecido em 4 de Outubro

*Á similhaça dos grandes artistas de Renascença, Alfredo Keil reunia aptidões maravilhosas, no exercicio das quaes honrou a patria e immortalisou o seu nome. Musico, pintor, poeta, archeologo, é na primeira d'estas qualidades sobretudo que o seu talento porventura sobrelevou. Os SEROES prestam sentidissima homenagem á memoria de um dos seus mais illustres collaboradores, e com Portugal inteiro se confrangem pela dolorosa perda.*



Serões n.º 28

OUTUBRO, 1907

## Chronica geral de modas

### RENDAS E JOIAS

Nas toilettes de soirée o grande successo é, sem duvida alguma, a mistura das joias e das rendas. Renda fina, bordada a lantejoulas douradas, produz um effeito deslumbrante, para guarnições em toilettes de *mousseline* ou seda.

Lantejoulas fazendo fundo a flôres, é igualmente muito novo e chic.

Uma das joias mais interessantes, são os collares acompanhados de *pendants*, para os quaes se usam perolas brancas ou pretas, de superficie desigual, lindos bocados de esmalte esculpido e tinto á semelhança de pequeninas flôres.

A ultima moda em joias, é, no entanto, a prata e diamantes misturados.

Pequenas franjas, compostas de trez curtos fios de perolas rematados com diamantes, é um ornamento de pescoço muito novo e elegante.

*Pendants* dignos de nota são tambem os cestinhos de flôres em prata, diamantes e esmalte. Um grande numero de *pendants* modernos são copias fieis de antigos ornamentos de pescoço, e os mais simples são de pedras verdes as quaes são muito apreciadas por pessoas supersticiosas.

As correntes que prendem os *pendants* são o mais finas possivel, de platine, ouro ou prata e diamantes juntamente.

Em aneis, são muito modernos, a *marquise* oval de diamantes, ou composta de pedras brancas brilhantes, contrastando com saphiras em azul muito escuro, turquezas, rubis ou esmeraldas



FIG. 1

formando algumas vezes a peça do centro; o anel em fôrma quadrada ou oblonga, com o centro de esmalte, guarnecido á borda de



FIG. 2

pequenos diamantes, ou como ornamento principal, um camaféu antigo coberto de crystal, encantador e muito moderno, a fôrma *marquise* com pequeninas flôres sob crystal e ordens de brilhantes.

O simples circulo de ouro, com uma garra segurando um diamante grande ou outra qualquer joia cortada, pertence a uma outra classe de aneis que tem muitos partidarios. Um outro genero simples de anel, é uma tira grossa de ouro incrustado, a qual é ornamentada com pedras de duas ou trez côres, cortadas em fôrma de estrella.

#### MODAS DE CHAPEU PARA INVERNO

Damos uma idéa geral dos novos modelos de chapéus de Paris.

As nossas elegantes devem regozijar-se pelo facto de continuarem em moda os grandes chapéus de abas bem largas, pois são na verdade d'um effeito lindissimo ficando muito bem ao parecer.

Notamos um novo chapéu n'este genero, de abas largas curvadas aos lados. Um modelo de chapéu de *guipure* com barras de velludo, guarnecidos de uvas douradas e folhagem.

Uma encantadora forma castanha, com uma barra de *chiffon* e capa do mesmo, a aba rodeada de velludo castanho, guarnecido de rosas castanhas e rosa pallido, e atado ao lado esquerdo com fitas de velludo castanho.



FIG. 3

Nota-se nas flôres dos chapéus, uma grande harmonia com a côr do velludo ou renda, ou as flôres escolhidas em tom mais claro que o

velludo. Azul pavão, e *Gobelin* são as côres que se veem mais, nos ultimos modelos d'este outomno.

Grandes pennas e azas dispostas de variadissimas maneiras sobre os chapéus, tambem apparecem bastante.

Continuam adornando os novos chapéus enormes e variadas porções de plumagem, grandes fivellas, feitas de galões, seda tecida, velludo, flôres e passaros.

As grandes laçadas de fitas de setim arranjadas em varias fórmãs decorativas juntamente com lindas pennas, é uma guarnição para os chapéus mais simples, sendo comtudo de effeito excellente.

Ha tambem uma certa tendencia para fazer reviver as *toques* pequeninas de velludo, guarnecidas de molhados de violetas, que produzem um bello effeito.



FIG. 4



FIG. 5

#### TOILETTES DE INTERIOR

*Ninou* é talvez o tecido mais usado, assim como o setim e renda, para confeccionar lindas toilettes de interior.

Duas rendas misturadas dão um effeito muito bonito; por exemplo, uma saia e corpo bluzã, de renda de Irlanda, grossa, é muito elegante. O peitilho do corpo tambem de renda de Irlanda grossa, assim como o acabamento das mangas.

O pequeno casaco em fórmula *sac*, de renda ou tulle grosso, sobre saia e bluzã de seda de côr, é uma fórmula de toilette de interior, muito elegante.

Toilettes de seda com barras largas de panno, no mesmo tom da seda, é uma guarnição muito moderna.

A fórmula *kimono* tambem se presta a lindas



FIG. 6

combinações n'este genero de toilettes. E', no entanto, o estylo Imperio, que continua predominando, mais ou menos variado e modificado.

Bordados a ouro ou prata sobre velludo ou seda, usam-se bastante guarnecendo toilettes de recepção.

Tambem são muito chics, os bordados a cheio no mesmo tom do tecido.

#### GUARNIÇÕES DE BLUSAS

Os grandes *plastrons* são uma das guarnições mais elegantes para ornamentar uma blusa simples. Em *guipure*, *filet* e cambraia com rendas, confeccionam-se verdadeiros prodigios de arte.

Os *jabots* pequenos e collarinhos com laços de cambraia tambem são muito usados com bluzas.

Ha immensa variedade em guarnições para o pescoço, e, não obstante ser um artigo tão pequeno, permite um consideravel trabalho de rendas ou bordados.

Uma pequena *ruche* de *Valenciennes* ornamentando um collarinho, é bastante elegante.

Os collarinhos largos de linho grosso, com bordados a cheio, tambem são muito chics.

Para as bluzas usadas com fatos *tailleur* são os que geralmente se usam como mais modernos.

Tiras estreitas de *piqué* ou linho, com entremeios de bordado ou renda, formam igualmente lindos collarinhos.

Os collarinhos usam-se de diferentes alturas conforme o estylo da toilette, com que se pretendem usar.

#### OS NOSSOS FIGURINOS

**Fig. 4** — Esta nova e artistica toilette é confeccionada em panno branco leve. O corpo em genero *kimono*, bordado á oriental em seda azul, é justo e debruado de panno branco. As tiras que rematam o corpo e caem pela saia abaixo são de setim branco.

E' d'um effeito deslumbrante esta toilette, e muito chic para casamentos, festas e recepções.

**Fig. 2**—Para campo apresentamos este costume de fórmula elegante e pratica.

Tecido em quadrados castanhos e cinzentos, é o escolhido para a confecção d'esta toilette, cujo casaco é debruado d'uma tira larga de panno em tom de couro. Essas tiras são applicadas, como representa a



FIG. 7

gravura, dando um effeito elegantissimo e um feitio desuzado ao casaco.

**Fig. 3** — Toilette confeccionada em panno de lã azul escuro, e guarnecida de xadrez azul e verde, e botões dourados.

O casaco completamente largo, deixa o corpo muito á vontade, prestando-se a ser usado sobre qualquer bluzza de algodão ou lá. Corpo e saia levam guarnição de xa-

Ha varios tons que se prestam á combinação d'esta toilette; damos uma idéa, que se nos afigura bastante elegante.



FIG 8

drez, o que dá a nota chic ao conjuncto da toilette, que é apropriada a praia ou campo.

**Fig. 4** — Toilette de meia estação, toda guarnecida de bordados a *soutache*. Este bordado é simples, mas decorativo, tanto no desenho como na maneira como está applicado.

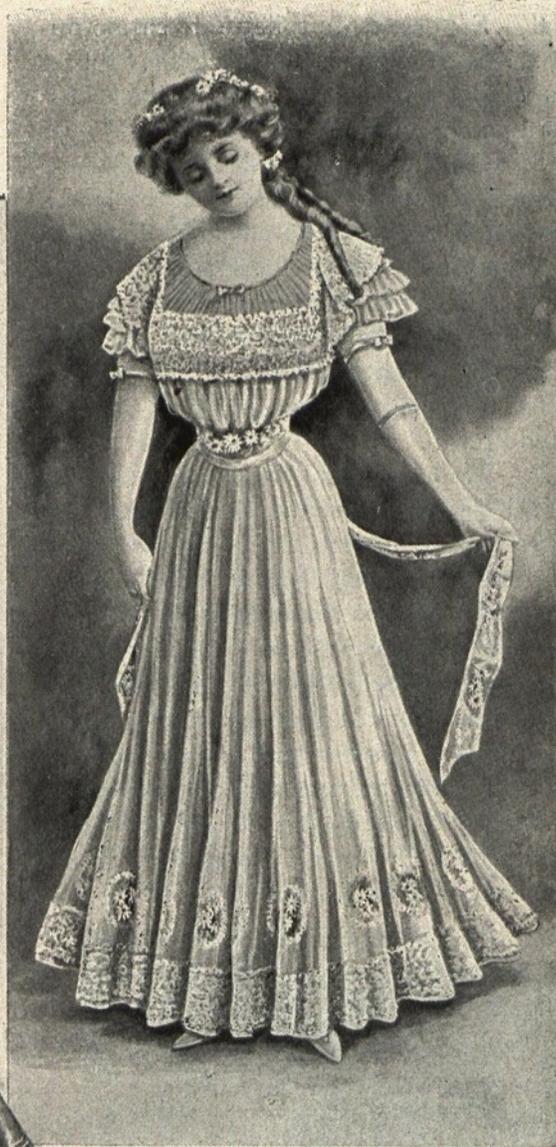


FIG. 9

Panno em tom terra-cotta, com debruns de setim em tom carmin, e com o bordado sobre velludo no tom do panno. Chapeu preto harmonisa admiravelmente com o conjuncto d'esta fórmula de toilette.

A chemisette, de renda de Irlanda, é lindamente guarnecida de toques verdes carmins, e velludo preto.

**Fig. 5** — A novidade e encanto d'esta elegante toilette, é a simplicidade alliada a um bom gosto extraordinario. O tecido escolhido é xadrez em *grenat* e bordados a seda creme.

O casaco é um modelo novo, muito largo, mas elegantissimo de fôrma; vestido sobre bluzo de renda e collarinho de gomma. E' uma toilette de meia estação, apropriada a passeios, viagens, etc.

**Fig. 6** — Esta elegante toilette de casino ou theatro, é confeccionada em gaze *gris* sobre *taffetás chiffon* côr de rosa, com applicações de seda *gris* no bolero e no rico bordado que guarnece a barra da saia, bordado, onde tambem apparecem sequins côr de rosa. Um largo folho de renda crême dá ao corpo o effeito do casaco curto, e uma laçada de fita de velludo preto com pontas compridas, remata o corpo atraz. E' um modelo de toilette bastante original, ficando perfeitamente com luvas pretas de pellica, e chapéu em tom *gris* com laçadas de velludo preto.

**Fig. 7** — Modelo de toilette Parisiense, notavel pela novidade que apresenta. Flanella em riscas, é o tecido mais chic para a sua confecção, sendo a saia, guarnecida de viézes do mesmo tecido com as riscas horisontaes, viézes, que tambem guarnecem o casaco, que é muito comprido, fechando á frente, mas deixando ver uma bluzo de renda branca. As mangas descem até ao ante-braço, e rematam com rebuço de flanella branca, a qual tambem se vê á frente n'uns rebordos bordados a tranças de lã pretas. O casaco é egualmente ornamentado com botões de flanella branca.



N.º 1



N.º 2

**Fig. 8** — Nova fôrma de vestido de baile em estylo Imperio, adequado a meninas novas.

Confecciona-se esta toilette em *crêpe-de-Chine* azul pallido, com gregas bordadas a ouro rodeando a saia e decote, e lantejoulas douradas sobre fitas de velludo azul. O corpo e mangas são de fina renda de Irlanda, sobre um forro de *chiffon* branco, e as tiras que formam a cintura curta prendem com umas joias simulando botões.

Esta toilette ficará egualmente encantadora em carmim pallido, com bordados a prata, e lantejoulas de madre-perola.

**Fig. 9** — Para meninas de quatorze a dezesseis annos apresentamos outra toilette de soirée verdadeiramente elegante e simples. Renda crême sobre seda glacé, a qual é coberta por *chiffon*, dá o effeito vaporoso e lindo, apropriado aos trajes de soirée. Com pequenas modificações esta toilette poderá perfeitamente usar-se de dia. Basta vestir-se sobre *chemisette* de renda transparente que cubra a garganta, e um lindo chapéu guarnecido de margaridas, e tornar-se-ha apropriada a qualquer festa ao ar livre.

#### CHAPEUS ELEGANTES

**N.º 1** — Artístico modelo de chapéu em crina branca, com guarnições de *crêpe* côr de purpura, e plumas em assombreados da mesma côr.



N.º 3

N.º 2 — Lindo modelo de viagem, sómente guarnecido de laços de seda ou velludo. E' uma forma muito chic confeccionada em qualquer tom morto que harmonise com diferentes toilettes.

N.º 3 — O lindo chapéu que apresentamos é de crina *bleu de sarge*, guarnecido de plumas e fitas n'esse mesmo tom. E' um modelo simples e muito elegante tanto no feitiço como na côr.

N.º 4 — Chapéu simples para uso pratico guarnecido de laçadas formadas de seda. Uma combinação em dois tons, é muito elegante; fôrma e laçadas em tom *gris*, debrum da aba em velludo verde, e tulle tambem verde misturado com a guarnição de seda. Este modelo presta-se no entanto a milhares de combinações, escolhendo-se sempre um tom muito claro e outro escuro, como nota de contraste.

#### NOVIDADES DA ESTAÇÃO

Novidades dignas de nota em toilettes de jantar: uma toilette de *mousseline* de seda azul, cortada em redondo á frente sobre tulle pregueado, rodeando o corpo baixo, uns aneis de strass, dentro dos quaes corre uma fita da côr do vestido.

Esta idéa dá á toilette um encanto de simplicidade extremamente elegante.

Uma outra toilette igualmente nova e chic:

Saia em fôrma Imperio em *mousseline* de seda encarnada, com blusa de renda dourada, bordada a pedras da côr da saia.

Esta combinação é muito elegante e apresenta novidade.

\*

Uma das ultimas novidades em toilettes é a junção de casaco ou jaqueta de panno liso com saia de tecido em quadrados, esta idéa é d'um effeito encantador, se o chapéu harmonisar com a côr do casaco, d'outra fôrma, o conjuncto será desastroso.

\*

O roxo em tom carregado que tanto successo causou a primavera passada, torna a ser usado outra vez, misturado com um tom de azul escuro. Esta combinação apesar de parecer arriscada, caso seja bem harmonisada, é d'um effeito verdadeiramente chic e extravagante.

\*

Entre mil variedades de lindas guarnições, a renda de bilros e o *crochet* de Irlanda, predominam como mais elegantes.



N.º 4

## A nossa folha de moldes



VESTUARIO DE CREAÇA

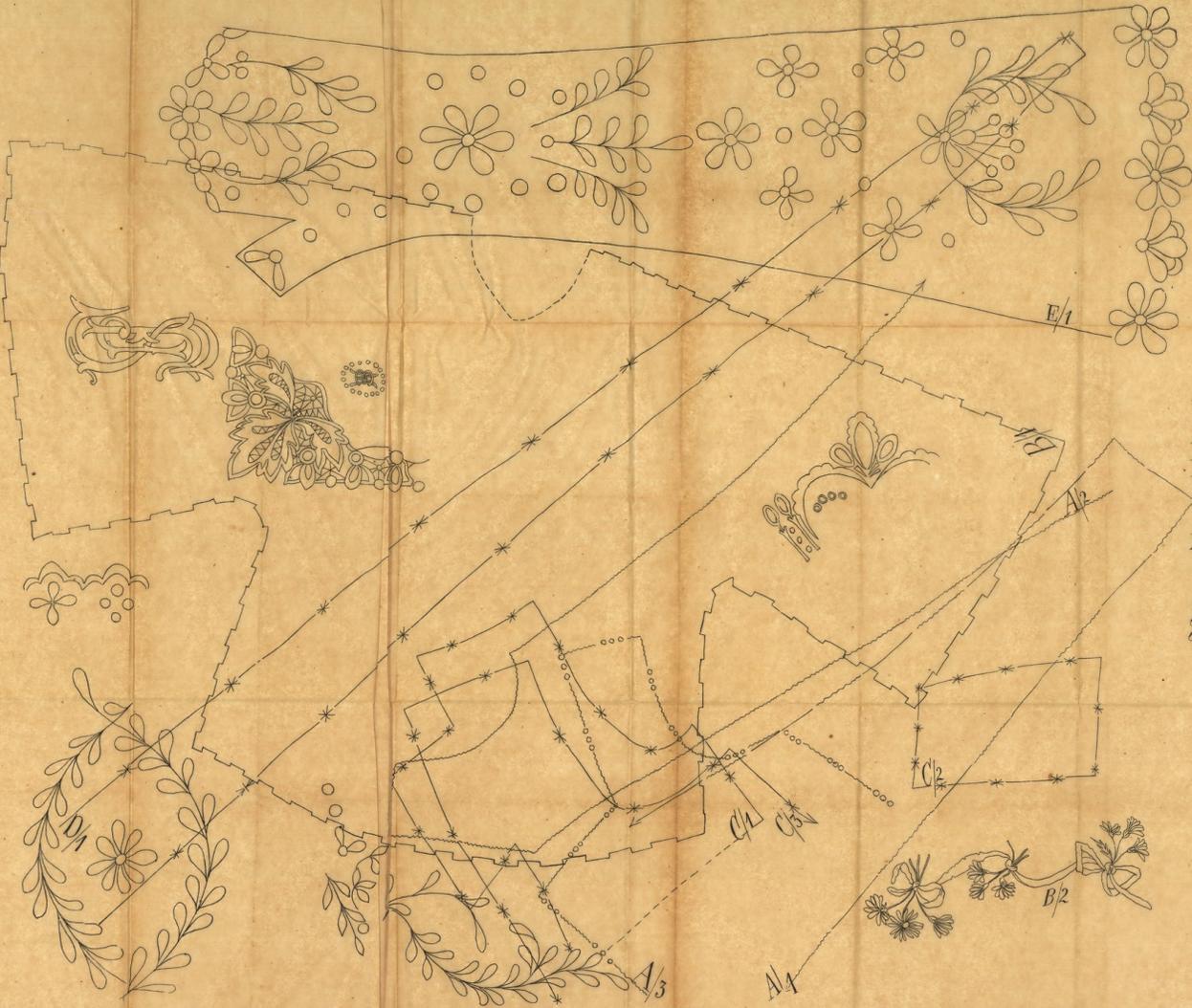
### VESTUARIO DE CREAÇA

O molde do primeiro vestidinho é muito simples, servindo para andar por casa ou para pôr por baixo de qualquer casaquinho. Para enfeite leva um bordado bastante largo em baixo, rematando a saia umas preguinhas muito estreitas. Á roda do decote e das mangas leva um bordado mais estreito.

O segundo vestido é muito chic e serve mesmo para baptismo. Feito n'um tecido muito leve de seda ou algodão, é enfeitado com renda e entremeios finissimos; entre os entremeios do folho e saia, fazem-se umas preguinhas muito estreitas. Na cintura põe-se uma fita de seda bastante larga, da côr do vestido.

O terceiro vestido não tem os moldes na nossa folha, mas tem o bordado que deve ser

Serões-928 Folha de Moldes



Folha de Moldes  
Vestido de trazer por casa para  
crianças.

Letra A

A/1 Saia

A/2 Quarto de trazer

A/3 Leopos

Casaco de criança

Letra B

B/1 Metade

B/2 Bordado

Vestido de baptizado

Letra C

C/1 Quarto da frente

C/2 Quarto de lado

C/3 Quarto de traz

Bordado de gosto, comprado

Letra D/1

Molinhas bordadas

Letra E/1

inglez. Faz-se separadamente o cabeção com o folho tambem bordado, armando-se o vestido em pregas por baixo do cabeção.

A' borda da saia faz-se tambem um bordado que vem na nossa folha.

O casaquinho original que vem tambem na gravura é bordado todo á roda, seguindo-se o desenho que vem na folha de moldes. Faz-se tudo aberto, como mostra a nossa gravura, pregando-se umas fitas que se atam depois para ficar armado. Uma creança fica engraçada com um casaquinho d'estes. Em cima veem os vestidos de costas para que as nossas leitoras os possam seguir sem difficuldade.

#### MITAINES BORDADOS SOBRE TULLE

Aproveitamos a grande moda dos *mitaines* para darmos ás nossas leitoras um modelo encantador com um desenho muito artistico.

Corta-se o tulle em duas partes separadas, a de cima e a de baixo, fazendo-se de um lado e de outro o mesmo desenho, só com a differença de se cortar a mão do lado da palma a direito, e do lado das costas com um bico que caia sobre a mão. Depois d'estas operações e antes de se unirem as partes é que se faz o bordado inglez com ilhozes. O tulle deve ser muito fino e o bordado deve ser feito com filofloss ou algodão muito fino.

Corta-se o *mitaine* conforme a largura do braço da executante.



#### Uma escola para aprendizagem de tratamento de creanças

Foi agora proposta em Londres a abertura d'uma escola onde raparigas de dezeseis annos pouco mais ou menos, aprendem a tratar de creanças; preparam as comidas, cosem roupa, lavam-na, e aprendem o systema de educação.

Já em Berlim existe uma instituição n'este genero. Foi fundada ha dois annos por um padre, e está ligada a um hospital. As rapari-

guinhas alli empregadas tornam-se umás verdadeiras amas secas, e encontram rapidamente boas collocações nas familias da primeira sociedade na Allemanha.



#### Vegetaes no tempo quente

Ha agora grande abundancia de vegetaes, e como elles constituem um alimento inapreciavel, devem empregar-se largamente nas refeições.

É uma grande pena que não se preste mais attenção ao coser dos vegetaes, pois o methodo empregado geralmente estraga a parte mais nutritiva dos vegetaes, e tiralhes o gosto.

As cenouras, nabos, cebolas, batatas novas, chicoria e muitos outros vegetaes, devem ser fervidos e não cosidos. Preparam-se como é costume, e deitam-se n'uma caçarola com uma chavena de agua, um bocado de manteiga do tamanho de uma noz, e um pouco de sal. Cobre-se a caçarola com um papel de cosinha, antes de se pôr a tampa, para não deixar sair o vapor, e põe-se ao lume n'um logar que aqueça, sem queimar.

Agita-se a caçarola de vez em quando, e depois dos vegetaes coserem durante uns dez minutos mais que o tempo habitual, estão promptos para irem para a meza

no molho, que a simples cosedura por este methodo faz.

Com o methodo ordinario de os coser, pode-se aproveitar a agua que sae dos vegetaes para fazer uma sopa ou de hervas, ou com adicção de ossos e carne.



#### Regras da vida

Beber um copo de agua quente, todas as manhãs em jejum, e á noite antes de deitar.

Limitar a ambição, não perder nunca o sangue frio.

Sair todos os dias para fazer exercicio.



MITAINES

## Lavores femininos

### APPLICAÇÃO DA RENDA DE IRLANDA SOBRE TULLE

É a maior novidade em renda de Irlanda que apresentamos ás nossas leitoras, que sem muito trabalho podem tirar os maiores effeitos n'este genero de renda. Os motivos de *crochet* são todos feitos separadamente, sendo applicados depois sobre o tulle, livrando assim ás nossas leitoras a grande massada do fundo que costuma ser tambem feito a *crochet*, e tornando talvez a renda mais rica ainda.

O primeiro dos nossos modelos é um enfeite de camisola, dando nós separados para que as nossas leitoras percebam bem, os motivos que entram no desenho.

Depois do *crochet* feito cose-se tudo sobre o tulle, fazendo depois á roda uma rendinha estreita tambem de *crochet*.

O segundo dos nossos modelos é um lindo entremeio feito no mesmo genero, mas que mostra bem a maneira de fazer a renda em volta, e as linhar que se passam sobre o tulle antes de a fazer.

A linha para este *crochet* deve ser muito fina para não ficar muito pesada e não destoar do fundo de tulle. Depois dos motivos applicados passa-se toda a renda com um ferro quente.

### CESTO PARA PAPEIS

Para as senhoras economicas que queiram aproveitar qualquer cesto já velho tornando-o elegante, é muito aproveitavel a idéa que damos ás nossas leitoras apresentando-lhe esta gravura.

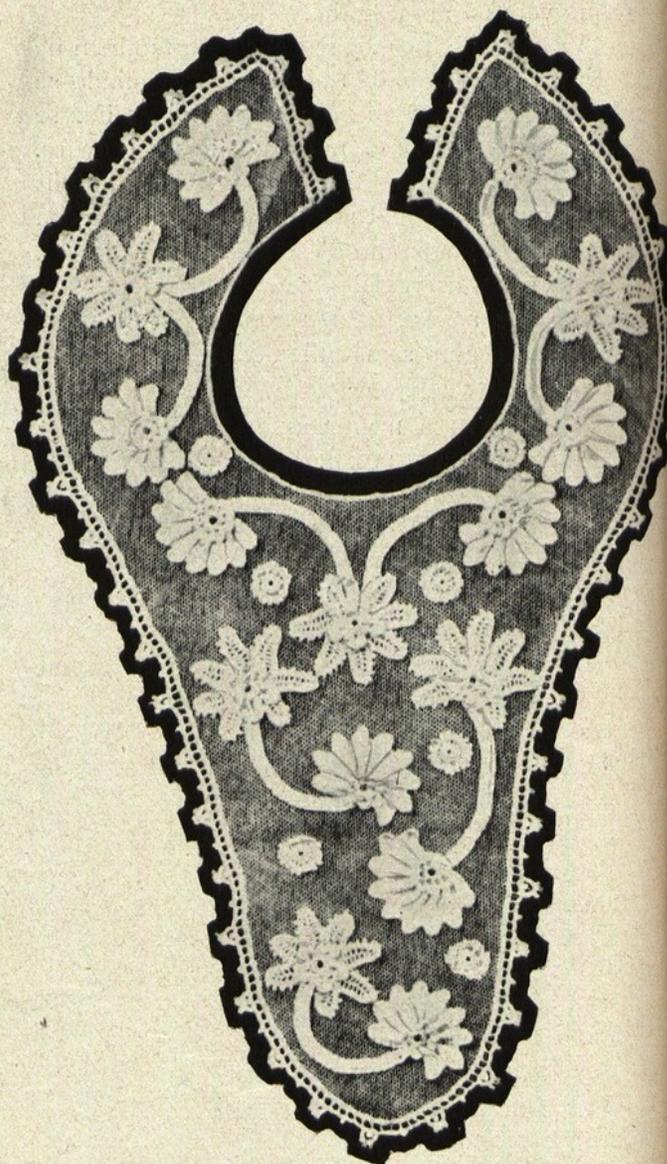
O *crochet* que o cobre é dos mais facéis de fazer, e qualquer creança mesmo o pode executar.

Faz-se uma tira bastante larga com fechados e outra um pouco mais estreita com abertos, formando em cima recortes. O *crochet* pôde ser feito com linha de algodão, sendo a côr mais apropriada para dizer com qualquer fita, a côr crua.

Faz-se primeiro o fundo com crescidos; depois de



ROSETA DO PEITILHO



PEITILHO DE RENDA DE IRLANDA

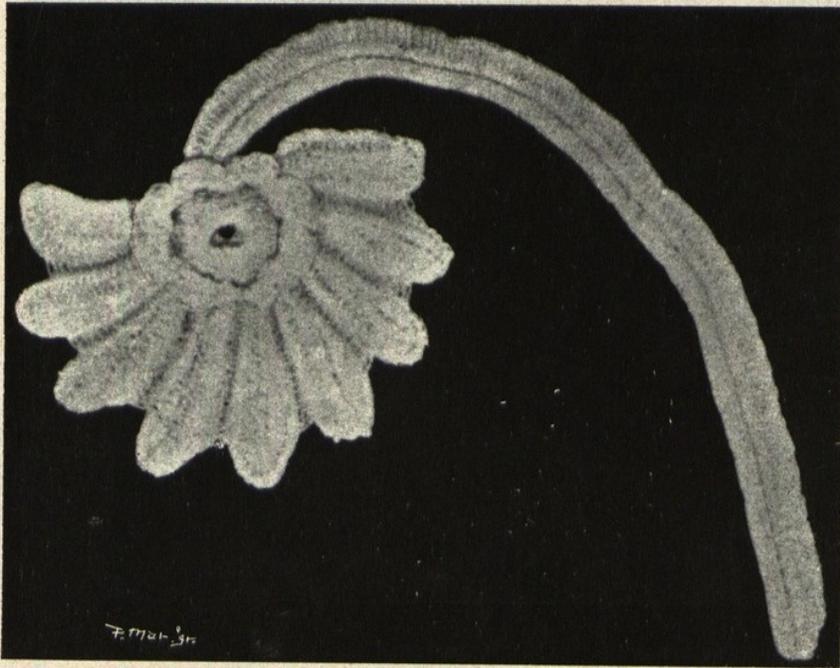
estar completo começa se a fazer mates, tornando a fazer crescidos a pouco e pouco, se o cesto fôr a alargar.

Depois de tudo prompto enfiam-se as fitas pelos abertos, fazendo o cesto depois de forrado um effeito encantador.

### ÊCRAN PARA VELA

Uma idéa simples e graciosa a d'este *écran* para velas, o qual semelha uma borboleta.

As antenas e corpo fazem-se de arame muito fino, a cabeça de lacre preto, e as azas de papel de seda bem franzido, rodeado de arame.



FLORÃO DO PEITILHO

Encarnado, rosa ou verde são as côres que mais se prestam á confecção d'este *écran*.



### NOTAS ELEGANTES

As sombrinhas harmonizando com o chapéu ou boa, são muito chics, usando-se immenso no entanto todas brancas, com incrustações ou bordadas a cheio. As de linho, ou seda crua ou cambraia com a toilette de uso, as de seda pintada ou com guarnições de fitas, *mousseline* etc., com toilettes mais habillées.

\*

Os veus usam-se compridos, talvez uma pollegada abaixo da barba, e atados com largura.

Os veus de pintas grandes estão agora em moda.

\*

As luvas usam-se em côres claras, e de tamanho em relação com o comprimento das mangas.

Continuam a ver-se as luvas da mesma côr do vestido. Luvas de *mosquetaire* de lavar, usam-se mesmo para ceremonias.

Ainda que predominem as luvas muito com-

pridas, as luvas com tres botões são um auxiliar importante para muitas toilettes de mangas menos compridas.

Para andar a cavallo, a luva curta é a que se usa abotoada ou em fórmula de *sac*, seguro ao pulso por elastico.

Um tecido que imita *peau de Suède* é muito chic esta estação. É uma luva muito favorita das senhoras que andam de automovel.

Luvas altas de seda, tambem se veem bastantes para toilettes mais finas. Para casinos a luva alta de *peau de Suède* branca ou creme, ou côr de carne, é a preferida;

assim como tambem os bonitos *mitaines* de renda.

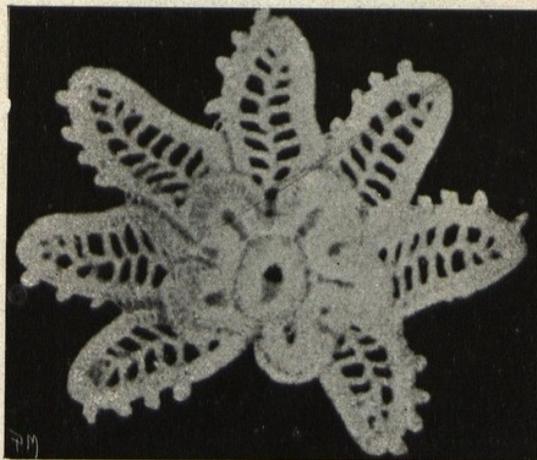
\*

Os espetos de chapéu usam-se enormes e immensamente variados.

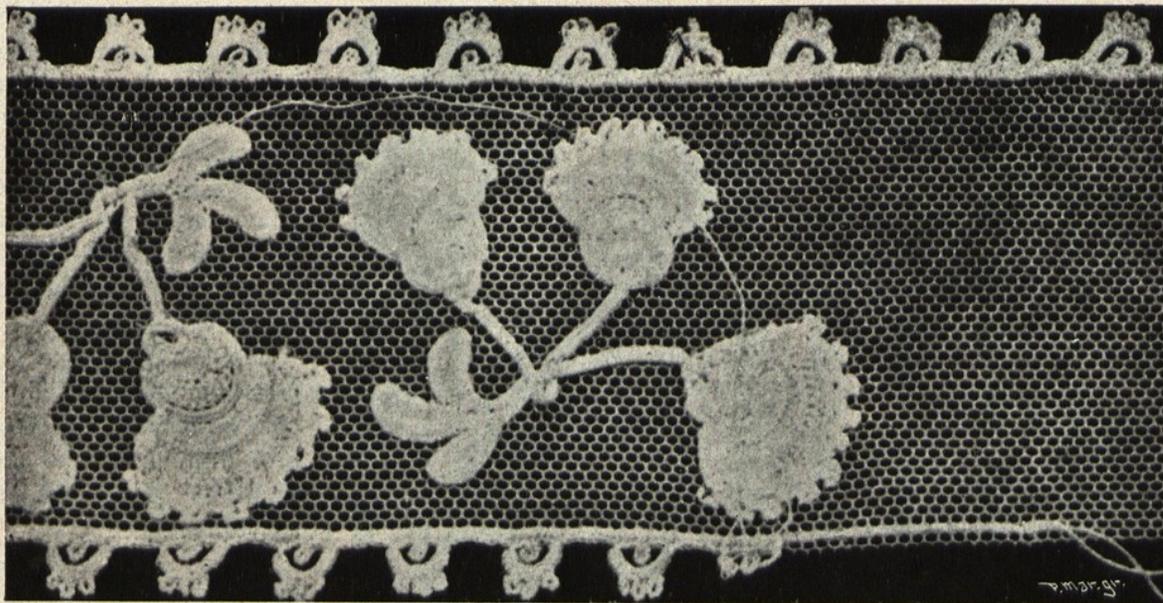


### O valor dos limões

Os limões são tão uteis para a doença como para quando se está com saude. Limonada quente é um dos melhores remedios para um começo de constipação. É tambem excellente



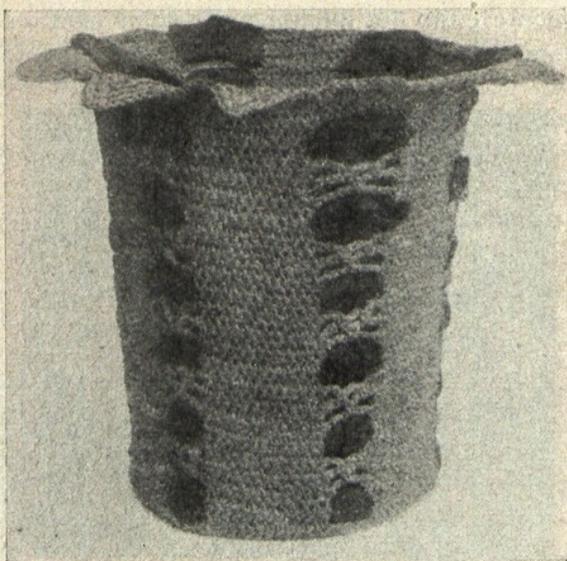
OUTRO FLORÃO DO PEITILHO



ENTREMEIO DE RENDA DE IRLANDA SOBRE TULLE

para casos de bilis, para a malária, uma espécie de febres intermitentes que ha; em Roma preparam o limão cortando-lhe a pelle e o miolo, e deitam-no n'um quartilho de agua, que se deixa ferver até estar reduzido a menos de metade. Toma-se uma colher antes de cada refeição. Este remedio tem curado casos renitentes d'essa doença, fazendo maior effeito que o quinino.

Xarope de limão feito d'uma cosedura de limão durante vinte minutos, espremendo-se depois o succo sobre meia chavena de assucar, é excellente para a rouquidão e constipações.

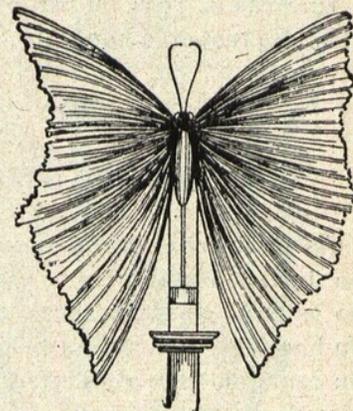


CESTO DE PAPEIS EM CROCHET

Um bocado de limão atado sobre um callo á noite, durante cinco noites a seguir, e mergulhado o pé

em agua quente todas as manhãs, é muito efficaz para amollecero callo, que depois se tira facilmente. Deve pôr-se sobre a pelle depois de se ter extrahido o callo, um bocado de algodão molhado

em vaselina que protegerá a pelle que fica muito sensivel.



ÉCRAN PARA VELA



## Perguntas e respostas

Que differença existe entre uma senhora estouvada e um espelho?

Uma falla sem reflectir, o outro reflecte sem fallar.

\*

Porque se assemelha um cavallo de jockey a uma ancora de navio?

Porque são sempre pesados antes de partirem.



# Consultorio de Luiza

## Conversando

«Ser pratico, pensar na vida... no futuro... ensinar a trabalhar filhos e filhas... Nem só prendas de sociedade... nem só cursos litterarios...

Tudo é bom; é optimo, é agradável... Mas o pratico... O pratico!...

Saber ganhar a vida em todo o mundo, em toda a parte, para onde o destino atire com elles!... Ensinar-lhes as linguas... a sua e as outras...

Porque é necessario, muito necessario...

Hoje só sabem gastar... mais nada!...

Gastar muito; procurar exigencias sobre exigencias, encher-se de necessidades!...

*Necessidades*... ficticias... exigencias que muitas vezes acabam pelo suicidio... physico ou moral... n'elles e n'ellas...

Tudo *verdades!* Pensava eu, enquanto o ouvia falar assim, com aquella verbosidade... Com os grandes olhos pretos muito cheios de luz, o cabello grisalho, o rosto escuro, queimado pelo calor e pelo frio...

Sem pretensões no fato, sem pretensões nas maneiras.

Correcto e lavado.

Instruido, estudioso, trabalhador...

Casado por amôr com uma mulher sem fortuna e trabalhando para ella, noite e dia... feliz... alegre... e *rico!*

Só com um filho... os outros morreram... *Tinham de morrer.*

E agora ensinar este... dizia elle, dar-lhe *um officio*, E deu-lh'ô. E fazel-o estudar ao par *do officio* um curso correspondente.

Vinha de o matricular na Escola Marquez de Pombal e no *Berlitz School*.

E ia para casa, para o seu trabalho; de caminho via uma officina que montára ao pé da porta, onde, *nas férias*, o rapaz era *guarda livros*... e dono!

Porque amanhã com o seu curso, podia

trabalhar, *na sua terra*, como pratico e theorico.

Ter os seus officiaes, os seus empregados.

E *mandar*... sobretudo, mandar!

*Não ser mandado!*

Livre de *governos*, de *politica*... de cuidados!

Feliz... e independente. Não ha maior independencia que a do trabalho!...

E conversava e ria, alegre, bem disposto... *novo!*... Apesar dos cabellos brancos.

A *velhice* é a do espirito...

Mettia-lhe raiva o costume de hoje:

«Caso com fulana porque *tem dinheiro*».

O dinheiro, sempre o dinheiro; adquirido á custa alheia...

Roubado, por assim dizer!...

Porque raras vezes aproveita a quem o *tem*.

Levam-nos as filhas pelo dote!...

E quantas vezes o gastam com outras?...

Coitadas; que não são felizes, tambem.

Victimas da educação, do *meio falso*, *idiotico*, *estupido!*...

*Victimas da vida!*

E via com os olhos, tanto como com os labios!...

Todos devem trabalhar para o bem comum; e os ricos pôr tambem os filhos ao trabalho.

Um dia vae-se *tudo!*... Fica a pelle, os ossos e o *espirito*... Fica ainda muito!...

Livrar das exigencias, das vaidades baflofas... de pensar que *isso* vale alguma cousa. Gosar, emfim, sendo rico, porque não? Mas gosos são que não sejam nocivos á alma nem ao corpo.

E sobretudo aproveitar o dinheiro em *fazer bem*, *muito bem*, *muito bem!*

Arranjar trabalho nas proprias terras de *cada um*. Abrir officinas para homens e

mulheres. E boas escolas honradas; bem dirigidas!

Segurar cada um nas suas terras, embora com a liberdade de passear pelo *mundo inteiro!* Mas com amor ao *torrão*... Com enlevo por elle! Voltando e trazendo *de lá* boas cousas... Transplantal-as para cá.

Fazer os nossos irmãos felizes

Sem a mania triste de dizer mal de tanta cousa boa que nós temos. Dos nossos patri-cios, do nosso character... dos nossos antepassados.

O seu filho, se fosse esperto e quizesse, *depois d'isto, mais alguma cousa*, iria ao estrangeiro!... Estudaria em Liège, onde quizesse. Dinheiro não lhe faltaria!...

Para isso trabalhava... elle e a mãe... n'uma grande communhão de sentimentos e idéas. Se lhe morresse... por acaso...

Ficaria *viuvo!* Fazia tanto bem *em nome d'elle*, emquanto o não seguisse!...

E então bailaram-lhe, levemente, as lagrimas nos olhos alegres, luminosos, muito e muito grandes!

Tudo havia de ser pelo melhor... Os seus operarios trabalhavam oito horas... *oito horas só!* — Com um bom intervallo das primeiras *quatro*, ás outras *quatro*.

E bem pagos.

Para serem alegres, ter saude e ter paz. O trabalho dava mais assim... produzia o dobro!

O esfalfamento, para quê?

Matar gente... e gerar *maus!*... O que pode resultar de um pae revoltado? O que pode sahir de uma mulher triste, cheia de fome, de trabalho e de lagrimas?...

Nada!... E' reformar a sociedade!

Ter coração.

Ajudar os outros...

E continuava a falar...

Emquanto, do fundo da minha alma, eu abençoava aquelle *espírito bom*... e pensava nas minhas amigas, nas minhas irmãs...

Em todas as mulheres... Em todas as mães!...

Pensava em lhes dizer!  *façamos o mesmo!*

*Pensemos assim.* Seguremos os filhos!

*Elles... e Ellas.* Arranemos para todos um futuro...

E sobre tudo:...  *façamol-os bons, humanos e sérios!*

Despreoccupados de vaidades!

Aspirando a ser felizes por si, pelo seu esforço e pelo seu valor!...

*Luiça.*

#### RESPOSTAS

*Laurier Rose. Faro:* V. Ex.<sup>a</sup> deve agradecer *pes-soalmente* todas as visitas que lhe forem feitas *pes-soalmente*. O bilhete só é admittido, quando, por motivo justo, se não possa proceder d'outra fórma.

Quando, na mesma casa, habitem duas senhoras casadas, como por exemplo mãe e filha e que se tenha de visitar *a ambas*, pergunta-se, á porta, por cada uma *de per si*. Para a que não estiver, deixa bilhetes e entrega-os ao *creado ou creada!* — Nunca a pessoa de familia V. Ex.<sup>a</sup> deve ter recebido, pelo correio, a resposta da sua carta.

E da melhor vontade fico ás ordens de V. Ex.<sup>a</sup>

*Zitte. Porto:* As flôres póde V. Ex.<sup>a</sup> mandar ampliar.

Qualquer pessoa que saiba desenho facilmente faz a ampliação. O nosso jornal pode comtudo encarregar-se d'esse trabalho.

Sendo tão novinha como é, podia V. Ex.<sup>a</sup> mesmo aprender a fazer a ampliação.

*D. Maria. Lisboa:* Uma vida sem poesia é uma flôr sem perfume...

Em todas as épocas da vida se pode ser interessante...

Creia V. Ex.<sup>a</sup> isto. E não faça consistir a sua felicidade em ... *tão pouco!*

*Morilas. Queluz:* Respondi pelo correio. E muito estimarei saber que tudo sahiu á medida dos desejos de V. Ex.<sup>a</sup>

Para as manchas na pelle, devidas a desgostos, tem de se tratar do sangue.

O chá de salsa parrilha é muito bom. Bebido a miude como agua.

*Carlota:* Em jantar de cerimonia e d'alta elegancia é parte obrigada o vestido decotado, ou aberto e de cauda. As joias que se quizer e na cabeça nada — ou, quando muito uma joia qualquer muito bonita. Luva alta em pelica branca.

A fazenda de vestido deve ser fina, como, por exemplo, *mousseline* de sêda, setim liberty, crêpe ou crepon da China, tulle bordado, ou todo em guipure branco ou creme. E leque.

Agora para jantar mais sem cerimonia, qualquer vestido elegante se pode levar. Tendo sempre em vista, mesmo no inverno, pôr um vestido leve, de verão. Indo pela rua, a pé, póde levar um casaco forte, chapéu e galochas.

Tudo fica no *vestiaire*. — E' indispensavel a bota ou sapato de pellica fina.

*Saudade. Lisboa:* Agradeço muito o amavel bilhetinho. A's ordens de V. Ex.<sup>a</sup>

*Celeste. Villa do Conde:* Tenha a certeza de que o consegue.

Um bocadinho de coragem... só... e mais nada. O *muquet* é muito bonito e pouco vulgar. A gase fica muito bem, em qualquer d'essas côres. Prefiro talvez a verde.

*Emma. Luso:* O vestido branco, bordado, é sempre lindo em uma menina.

Não se inquiete V. Ex.<sup>a</sup> por ter de o *vestir* muitas vezes. Lavado e engommado, nenhum outro lhe podia dar um aspecto mais fresco e juvenil.

E o chapéu igual, ou de palha com um singelo véu branco. Luva de malha branca e bota de pellica amarella. Perfume *da moda*, propriamente dito, não conheço! Mas para uma menina um *nadinha de rosa* ou de *violeta*. Quasi imperceptivel!

*Maria:* *Todo o excesso é vicioso... Fuja...* Pelo correio serei mais explicita.

*Mirandolina, Faro:* N'essas condições é uma pena estragar o vestido. Com um pouco de gasolina ou de benzina, póde V. Ex.<sup>a</sup> mesmo limpar o vestido em cima de uma mesa, tendo o cuidado de passar a direito o plissado para se não desmanchar. Ha tambem quem as cubra de pó de farinha durante um certo tempo e com um panno, e a farinha, esfregue a direito; tambem dá resultado! O plissado alinha-se em baixo.

Em Lisboa ha casas onde se limpa e tinge muito bem; mas não posso citar aqui. Só posso dizer pelo correio. A's ordens de V. Ex.<sup>a</sup>, com o maior prazer.

*D. Sultana Hulder:* As forças, no cabello, são prova de *saude*. V. Ex.<sup>a</sup> póde aparar ao de leve, e em seguida, passar rapidamente, a ponta do cabello pela luz de uma véla. Queima levemente e não deixa sahir o succo.

Ha cabellos assim: mas não se lhe podem nunca tirar as forças de todo.

Cabellos deseguaes e que não são dos menos bonitos!

As meridionaes raras vezes teem o cabello igual e certo das filhas do norte.

Cabellos bons, lustrosos e bem tratados, são sempre bonitos.

A lavagem com agua de semente só faz bem á pelle. — Não escurece. E para o queimado: bate-se, de ne-

vado, uma clara d'ovo, junta-se-lhe uma gota d'agua de rosas e unta-se a cara toda, deixa-se seccar durante 15 ou 20 minutos. Em seguida lava-se com agua pura, cortada com um pouco de borato de soda.

Para as senhoras morenas dá tambem optimo resultado, sumo de limão e sumo de laranja, em partes eguaes, junto com glicerina.

Unta-se a cara á noite. E lava-se pela manhã com agua de borato de soda.

*Lizbella. Porto:* Os grandes sentimentos impõem-se. Mas poupe V. Ex.<sup>a</sup> a sua familia.

*Esperança. Guimarães:* Os sonhos são dóres; mas, perigosos... como todas as *doçuras!*

Ponha-os de parte! E... segure-se bem .. para *cahir de pé!*

Sempre que quizer escreva.

*Maria do Céu. Fayal:* Para ser feliz, faça V. Ex.<sup>a</sup> consistir a sua felicidade no que deve ser...

E mais nada!

Pela sua carta vejo que tem muito coração. Mas só o coração não serve, na vida...

Tem de ser guiado pelo cerebro!...

Muito obrigada pelo desenho. E' lindo e póde ser que ainda um dia o veja nos *Serões*... Póde ser!

*Theodora. Cascaes:* Ha situações muito peores do que a sua. Tenha V. Ex.<sup>a</sup> muita fé em Deus e verá que ainda ha de ser muito feliz.

*F. C. M. L. Arouca:* *Cela est très complexe, M.<sup>e</sup>...*

Luiza.

## Erratas do n.º 27

Por lapso de revisão sahiram erradas algumas respostas que repetimos:

*Guida:* onde se lê *ensinar*, leia enviar!

*Cacilda:* *Tratar de ser feliz. Trabalhar com afinco para o conseguir e conseguil-o.*

*Maria Margarida. Estoril:* *Lève-toi! dit le Saneveur, et marche!* Dos fracos não resa a historia!

*Elisa:* *Il n'y a pas de coeur trompé.*

Luisa pede ás suas amigas o favor de, em casos taes, corrigirem, por si, erros semelhantes, que nem sempre se podem evitar.



### RECEITAS

A melhor maneira de tratar queimaduras, é cobrindo a parte molestada com uma pasta de sabão, bastante grossa.

\*

Deve beber-se uma pouca de agua quente péla manhã em jejum. Faz bem ao estado geral da saude.

\*

O sal limpa muito bem os dentes, torna o halito agradável, endurece as gengives.

A agua salgada com alcool, é usada para esfregar as articulações fracas. Uma pitada de sal na bôcca, seguida por um golo de agua, cura muitas vezes as dôres de cabeça. O sal em agua quente, é usado para banhar os olhos doridos.

\*

Para se apagar um candieiro, devemos levantar-o e sopral-o para cima. Isto evita que o petroleo se entorne.

\*

Vinagre junto com plombagina, dá um lindo polimento a um fogão.

\*

Fructas e vegetaes ou especiarias, como asucar, café, chá, etc., não se devem guardar na dispensa em sacos de papel, nos quaes saem das lojas.

O papel não é bom, assim como nenhuma cobertura, nos alimentos que devem estar sempre ao ar.

Para se limparem bem as esponjas, devem pôr-se de molho em sôro de leite, e depois lavarem-se em agua tepida.

\*

Os limões conservam-se muito tempo se se guardarem em compoteiras de vidro. D'esta maneira apanham luz, não apanhando ar.

\*

Antes de se usar uma caçarola, deve-se encher de agua, com um pouco de soda e algumas cascas de batatas, e deixar ferver durante algumas horas; depois laval-a bem, e todo o perigo de envenenamento desaparecerá.

\*

Para tirar nodoas de gordura dos vestidos de sarja e panno, faz-se uma mistura de alcool puro e sal. Junta-se no espirito tanto sal grosso quanto elle possa absorver, molha-se uma escova n'esta mistura, e esfrega-se bem para cima e para baixo.

Nodoas de fructa em tecidos brancos, devem ser logo lavadas antes de se terem entranhado no material, não sendo tiradas logo, nunca mais saem. O leite é bom tambem para tirar estas nodoas, mas deve ser applicado assim que ferva, com um bocado de fianella, ou deixar o bocado que tem nodoas, de molho por algumas horas.

\*

Para varrer tapetes usa-se sal. Ajuda a restaurar a côr. Deita-se uma mão cheia de sal sobre o tapete, e depois varre-se facilmente.

